

HISTÓRIAS DA MINHA ORIGEM AI-KNANOIK HOSI HA'U NIA HUN



**Márcia V. Cavalcante
Maria da Cunha
(orgs.)**

UNIDADE DE PRODUÇÃO E DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA DA UNTL
DÍLI, 2018

**HISTÓRIAS DA MINHA ORIGEM
AI-KNANOIK HOSI HA'U NIA HUN**

**Márcia V. Cavalcante
Maria da Cunha
(orgs)**

**HISTÓRIAS DA MINHA ORIGEM
AI-KNANOIK HOSI HA'U NIA HUN**

**Unidade de Produção e Disseminação do Conhecimento
Programa de Pós-Graduação e Pesquisa da UNTL**

Díli, 2018

Título: Histórias da Minha Origem – Ai-Knanoik Hosi Ha’u Nia Hun

Autor: Márcia V. Cavalcante & Maria da Cunha

Edição: Unidade de Produção e Disseminação do
Conhecimento/Programa de Pós-graduação e Pesquisa da UNTL

ISBN 978-989-8915-03-0

CDU 82-94

CDU 82-9

Paginação e composição gráfica: Vicente Paulino

Design da capa: Igor A. Cunha

Data de Publicação: Maio de 2018

Versão online- 2020 (revista e atualizada)

Local de edição: Díli, Timor-Leste

Impressão e acabamento: Sylvia Printer

© 2018 – Todos os Direitos Reservados

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem
autorização expressa do autor ou do editor.

Agradecimentos

Este trabalho só foi possível devido ao comprometimento e à contribuição de várias pessoas e instituições: estudantes que se interessaram pela pesquisa e não mediram esforços para a realização das entrevistas com anciãos detentores deste vasto e rico acervo literário timorense. Meu muito obrigada a cada um de vocês e a cada um dos anciãos e dos *lia na'in* que se dispuseram a nos contar a história; à querida professora Eugênia, que contribuiu no processo de revisão da versão em tétum. Sem a participação de vocês, este trabalho não teria sido possível; à professora Vívian que fez uma revisão da versão em Português, seu trabalho e generosidade fizeram muita diferença; à coordenação do PQLP, pelo apoio, e à CAPES, que viabilizou a execução deste trabalho em Timor-Leste; aos colegas e professores do Departamento de Língua Portuguesa da UNTL, que oportunizaram minha atuação nessa instituição, possibilitando o desenvolvimento desta pesquisa, obrigada pelo convívio e aprendizado; à querida professora Benvinda, obrigada por esta caminhada juntas; ao professor Dr. Vicente Paulino, pelo interesse e empenho em publicar esta coletânea; ao *belun* Luís Costa, sempre disposto a contribuir e que é, sem dúvida, uma fonte inesgotável de conhecimento e de sabedoria, sou grata por seus inúmeros ensinamentos sobre o tétum e sobre a tradição oral timorense. Não foram poucas as vezes que recorri a esse precioso amigo em busca de respostas para vários questionamentos ao longo da pesquisa; às amigas-irmãs Susana, Marina e Ariz, que durante todo o processo da pesquisa foram companheiras bem presentes; ao professor Claudemir Belintane, que tem sido paciente em ouvir todas as minhas histórias sobre Timor-Leste e um constante orientador do meu trabalho; à Branca, obrigada por seus sábios ensinamentos; à querida Juliana Soares, um agradecimento muito especial por toda a atenção em ler cuidadosamente toda a coletânea e sugerir alterações importantes, o que constituiu mais uma importante revisão; à professora Keu, que ao chegar em Timor, se dispôs a revisar vários textos na primeira versão produzida por alguns dos grupos de estudantes que fizeram parte desta pesquisa. Ao Igor pela parceria em todo o tempo. Nosso muito obrigada a cada um de vocês!!!!!!!!!!

Revisão da 1ª versão impressa:

em português –Vivian Borges Paixão

em tétum –Maria da Cunha

Eugênia de Jesus das Neves

Juliana Soares

SUMÁRIO

Organização da coletânea	9
Prefácio	14
Ensino de Literatura: caminhos possíveis entre a oralidade e a escrita	18
Versão em língua portuguesa	27
Versão em língua tétum	110

À Vivi, às crianças, jovens e idosos timorenses.

ORGANIZAÇÃO DA COLETÂNEA

Esta coletânea reúne 21 narrativas da literatura oral timorense e resulta de uma pesquisa realizada durante o ano de 2014, no decorrer da disciplina de Literatura Brasileira, ministrada para aproximadamente 80 estudantes do 3º ano do Departamento de Língua Portuguesa da Faculdade de Educação, Artes e Humanidades da Universidade Nacional de Timor Lorosa'e - UNTL.

Antes de cada *ai-knanoik*¹ apresenta-se um artigo que descreve a metodologia utilizada na pesquisa e que originou a elaboração desta coletânea, desde o processo de pesquisa, recolha, tradução, registros e revisão. As narrativas estão organizadas por municípios, seguindo a ordem alfabética, algumas das histórias são precedidas por ilustrações feitas pelos estudantes, utilizando registros fotográficos realizados no momento da pesquisa de campo, ou por ilustrações feitas à mão ou, ainda, utilizando algum programa de computador.

São apresentadas de uma a três narrativas por município, sendo que esse número depende da quantidade de grupos de estudantes de cada região. Após cada uma das histórias é apresentada, também, uma breve biografia do (a) contador(a), seguida ou não de uma fotografia feita durante a pesquisa. Esta parte da coletânea visa reconhecer e destacar a importância dessas pessoas como guardiões e divulgadores da oralidade local.

Para que se tenha uma prévia das histórias (*ai-knanoik*) que compõem esta coletânea, apresenta-se a seguir um breve resumo de cada uma delas.

¹ Na literatura oral timorense, podemos distinguir dois gêneros: narrativa e poesia. “1. O termo *ai-knanoik* – designa os gêneros narrativos: conto, lenda, fábula, história 2. O termos *knananuk* (*ai knananuk*, *kananuk*, *ai kananuk*) - cantiga, loa -, *dadolin* (*dolin*, *dadolik*) - estrofes, versos - *baito'a* - cantigas fúnebres - são nomes que designam gêneros em verso” (COSTA, 2015, p. 115). Para Basílio de Sá, *ai kananuk* (*ai* em tétum significa “árvore”; *nanoik* seria uma transformação da forma atual do verbo *hanoin* em tétum e que significa “lembrar”, remetendo-se assim, à antiga prática dos timorenses, de lembrar e contar histórias embaixo das árvores (SÁ, 1961, p. 7-8).

Aileu: apresenta a história da origem do *suco*² de *Saboria* – curiosa narrativa que tem como personagens o avô Mau Bere e a avó Maria, os quais possuíam um interessante objeto sagrado chamado *Fildaun*. No decorrer da narrativa, será revelada a magia que envolve a origem dessa localidade.

Ainaro: apresenta duas histórias: a primeira delas fala sobre uma inundação que resultou na formação da aldeia de *Haut-Ion*, suco *Nunu-Moge – Hatu-Builico*. A segunda narrativa é sobre um antigo suco que se chamava *Asa Hua* o qual deu origem ao surgimento do suco *Cassa* – narrativa bastante curiosa, especialmente por contar como se deu o processo de construção da *uma lulik*³ local.

Baucau: apresenta três narrativas: a primeira delas descreve a formação do município por meio da trajetória de um agricultor e criador de búfalos chamado *Lekilo Watu*. Ele passa por diversos momentos de aventura, contando sempre com o auxílio de um cão e de uma enguia, elementos muito presentes nas narrativas da tradição oral timorense. A segunda história é sobre a aldeia de *Loi Rubi e Laku Rubi* – a trama é bastante envolvente e apresenta diversos elementos mágicos, menciona desde a transformação de homens em jiboias a crocodilos em mulheres. A terceira narrativa relata como se deu a formação da lagoa de *Gae-Nis*, no suco de *Letemumo*, em *Quelicai* - conta como aconteceu o casamento de uma jovem com um rapaz que, anteriormente, era uma enguia. A história é interessante também por descrever o ritual realizado na nascente que deu origem àquela grande lagoa.

Bobonaro: apresenta duas narrativas: a primeira delas é a intrigante história de *Bee Manas Marobo* em que aparecem vários aspectos marcantes da rica tradição oral timorense, como a prece que é feita pela personagem *Mina Resik* em forma de *dadolim* (poesia em

² Uma das unidades administrativas timorenses - a divisão geográfica de Timor-Leste atualmente recebe as seguintes denominações: municípios, postos administrativos, sucos e aldeias.

³ Casa sagrada – “lugar onde se guardam os objetos sagrados (*lulik*) da aldeia ou do reino”. (COSTA, 2000, p.330).

tétum). A segunda narrativa fala sobre uma inundação que deu origem a lagoa *Bee-Malae*, a história descreve um misterioso incidente envolvendo um pescador chamado *Mali Sala* e um poderoso rei crocodilo. É uma lenda bastante conhecida localmente e, segundo a crença, as águas daquela lagoa têm efeitos medicinais para tratar doenças de pele, como a lepra, por exemplo.

Cova Lima: apresenta o mito de origem do suco *Suai-Loro*, que narra os planos do *liurai*⁴ *We Hali* para salvar a população local que vivia amedrontada pelos chimpanzés.

Dili: apresenta a história de uma fonte de água da aldeia de *Bee-Cussi* em *Becora* – uma das muitas histórias timorenses que explora o papel do cão como aquele que ajuda o homem, nesse caso, o seu auxílio salvou a população local da escassez de água.

Ermera: conta a história do posto administrativo de *Rai-Laku*: relata como se deu a nomeação desse local, após a realização de uma cerimônia tradicional de construção da *uma lulik*.

Liquiçá: apresenta duas narrativas: a primeira conta a história de uma misteriosa pedra que apareceu no quintal de um agricultor e que, após alguns acontecimentos milagrosos, passou a ser considerada um objeto sagrado, dando assim origem ao nome suco *Vaviquinha*. A segunda história é da aldeia de *Tasi-Benu*, suco *Asu-Manu* - uma trama que envolve a traição de um irmão mais velho para com seu irmão mais novo. Um importante elemento desta narrativa é um galo da Índia, que aparece para ajudar o irmão mais novo e que, desde então, passou a ser considerado animal sagrado para os descendentes daquela família.

Lospalos: apresenta a bela narrativa da formação da lagoa de *Iparira*. A história é repleta de elementos mágicos e fala sobre o envolvimento amoroso entre uma jovem tecelã e um rapaz que surge das águas de uma pequena nascente.

⁴ Termo em tétum para designar os régulos dos antigos reinos timorenses.

Manatuto: apresenta duas narrativas: a primeira delas trata sobre a origem do posto administrativo de *Laclubar*, desde quando a população ainda não conhecia nem a água nem o fogo. A história conta que o fogo surgiu por meio do toque de uma mosca em uma determinada madeira, que em língua idaté, chama-se *latimura 'uk*. A segunda história trata sobre a nomeação da aldeia *Rea-dodok*, que, segundo a lenda, teria surgido a partir de uma grande erosão, supostamente causada por um decreto de uma enguia, após ser morta pelo filho de um homem chamado *Laku Olok*.

Manufahi: conta a história do surgimento do suco Bubususu e trata sobre a realização de uma cerimônia tradicional, realizada para receber a visita do *liurai* Leki Malik de Turiskai e do *liurai* Antônio de Alas. A ilustre visita teria como objetivo decidirem juntos sobre a classificação étnica da população. A história descreve, também, a trama de um casamento não concretizado, devido a questões relacionadas às diferenças de costumes tradicionais timorenses ligados aos rituais de casamento.

Oé-cusse: apresenta duas românticas histórias: a primeira narra a transformação de um arrozal em uma menina e de um milharal em um rapaz, os quais, juntos, dão origem à aldeia de *Asele'e*, localizada no *suco Cunha*. A segunda história é sobre o encontro de uma jovem tecelã chamada *Bi Po 'u* com um rapaz chamado *Tijaku*, cuja união nomeia a nascente de *Teun-Lasi*.

Viqueque: apresenta duas histórias: a primeira delas conta a narrativa de um terremoto que dividiu a terra em duas partes, causando também o esvaziamento de uma ribeira, onde misteriosamente apareceram dois chifres de búfalo gigantes. O desencadeamento dessa trama culmina no surgimento do administrativo de *Uatu-Carbau*. A segunda narrativa aborda o surgimento da aldeia *Kaen-Lulik* – trama cheia de suspense que envolve um assassinato, rituais de sacrifícios e transformação de uma rapariga em uma enguia.

Nosso desejo é que todo esse encantamento presente nessas histórias possa conquistar leitores iniciantes e experientes, e que

cada um seja conduzido pelo fascinante movimento que vai da oralidade à escrita e da escrita à oralidade. Que as narrativas aqui presentes façam com que nossa imaginação (re)visite de leste a oeste este país tão cheio de riquezas e mistérios, chamado Timor Lorosa'e!!!

Boa leitura!

Márcia V. Cavalcante⁵
Maria da Cunha⁶

⁵Doutoranda em Educação pela Universidade de São Paulo – USP, possui mestrado e graduação em Letras. Atuou como professora na UNTL no âmbito do Programa de Qualificação de Docentes e Ensino de Língua Portuguesa em Timor-Leste PQLP/CAPES-Brasil e, posteriormente, como professora convidada na Faculdade de Educação, Artes e Humanidades da mesma instituição. No Brasil, atua como professora e técnica pedagógica da Rede Pública do Estado de Pernambuco.

⁶Mestre em Teoria de Literatura - Especialização em Literaturas Lusófonas, pela Universidade do Minho, em 2011, é professora no Departamento de Língua Portuguesa, na Faculdade de Educação Artes e Humanidades da Universidade Nacional Timor Lorosa'e.

Prefácio

Sabe-se que há um roteiro de viagem sobre as narrativas de origem, pelo qual constatado neste pequeno livro organizado pela professora Márcia V. Cavalcante e Maria da Cunha. Trata-se de um livro que fala de origem de lugares conhecidos e menos conhecidos, habitados por certas comunidades de casas sagradas. As organizadoras deste livro deslocam a atenção da “presença mitológica” no encontro intermediário com a experiência de imaginação narrada esteticamente pelos *lia na'in* (autoridade ritual) a partir da experiência reveladora entre o facto original e o facto derivado. Neste sentido, “a compreensão cabal do mundo timorense pode ser alcançada pelo saber oratório e pelo engajamento das narrativas orais, em detrimento da sua antropologização literária conceptual”⁷. Tal compreensão encontra a sua totalização de sentidos quando alguém sábio tem que fazer uma vénia de contar histórias sobre a memória cultural através dos apontamentos etnográficos.

Pode percorrer neste livro vários locais que levam a mente de cada um a imaginar o lugar mágico. Esse lugar que surge muitas vezes nos sonhos inconscientes do homem e aliás, nesse mesmo lugar imaginário que homem faz a sua viagem sem destino em busca da experiência híbrida comungada pela paisagem da lenda mítica com o retoque de sons da prosa narrativa ligada ao passado e presente. Pois,

Não há ser humano que se escapa da sua realidade, do seu antecedente. Não há povo que não tenha as suas gestas, as suas lendas, os seus mitos e, conseqüentemente, os seus antepassados, os seus heróis, os seus ídolos. Desde que referimos a literatura oral tradicional, remete-nos para uma definição de conceito, como algo que consciencializa, incorpora e populariza oral e tradicionalmente como uma determinação da comunidade,

⁷ Paulino, Vicente. As lendas de Timor e a literatura oral timorense. In Anuário Antropológico, Brasília, vol. 42, nº 2, 2017.

sociedade ou grupo através de expressões, actos e imagens consoante às suas crenças⁸.

Provável que toda a história se torna lendária quando o ser humano desenvolve tudo o que acontece no seu mundo real e no mundo imaginário, onde se vê o fenómeno mítico como uma verdadeira presença real na revelação dos factos⁹. Assim, parecem estar reunidas as condições para uma experiência inolvidável onde a beleza misteriosa da terra timorense oferece o encanto e o afecto de suas gentes aos aqueles que a visitem.

A descrição de cada narrativa de origem apresentada aqui pelas professoras Márcia Cavalcante e Maria da Cunha, quase assemelhar-se com os “contos e lendas de Timor-Leste” organizados e publicados em 2015 pela professora Anabela Leal de Barros da Universidade do Minho; assemelhar-se também com a apresentação descritiva de Nuno da Silva Gomes sobre “Literatura popular de tradição oral em Timor-Leste¹⁰”; não podendo esquecer de considerar também as lendas e os mitos recolhidos e compilados pelo Padre Ezequiel Enes Pascoal no livro “*A alma de Timor vista na sua fantasia*”¹¹, incluindo “Kanoik: lendas e mitos de Timor” de Eduardo dos Santos¹² e “*Mitos e contos do Timor Português*” de José Augusto Correia de Campos¹³. Vale a pena considerar também algumas informações apresentadas pelo António de Almeida sobre a toponímia dos lugares ditos sagrados e as “*Lendas de Timor (Baucau) e outras histórias (resultado de contribuição de diversos*

⁸ Sá, Artur Basílio de. 1961. Textos em teto da literatura oral timorense. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, p.9.

⁹ Merleau-Ponty, Maurice. 1996. Sens et non-senses. Paris: Gallimard

¹⁰ Gomes, Nuno da Silva. 2008. Literatura popular de tradição oral em Timor-Leste. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho.

¹¹ Pascoal, Ezequiel Enes. 1967. Alma de Timor vista na sua fantasia. Braga: Barbosa & Xavier

¹² Santos, Eduardo dos. 1967. Kanoik: lendas e mitos de Timor. Lisboa: Serviço de Publicações da Mocidade Portuguesa.

¹³ Campos, José Augusto Correia de. 1967. Mitos e contos do Timor Português. Lisboa: Agência Geral do Ultramar.

professores do ensino básico e secundário)” publicadas sob a coordenação de Maria Cristina Casimiro¹⁴.

É, portanto, o sentido epistemológico de “*Ai-Knanoik hosi ha’u nia hun* – histórias da minha origem” é talvez identificado como um estado de dizer “em cada um de nós há duas origens”: a primeira é a nossa própria história de linhagem humana mitologicamente revelada, a segunda é a nossa ação de reconhecimento sobre aquilo que é herdado ritualmente. Trata-se, portanto, de um estado de evidência que revela “o homem habita a terra poeticamente ou prosaicamente”¹⁵. O homem na sua vida pessoal e social convive com essa dupla existência e, por isso que desde os primórdios da humanidade, os homens no seu processo de produção de sua existência estabelecem entre si mediações culturais institucionalizadas com a realidade circundante que os rodeia.

Cada um timorense tem obrigação de recolher as narrativas de origem e, portanto, para manter a sua existência como uma forma de fazer viagem no espaço e no tempo, ao mesmo tempo, está repleta por um momento único enfeitado pelo som dos poemas e das prosas narrativas. Recolher as narrativas de tradição oral é considerado como uma “forma de recepção literária ou musical” que pode abrir mão da intervenção “crítica ou didáctica”¹⁶ ao lado de uma mitologia legitimada pela imaginação criadora, que se torne real através das palavras aclamadas nos montes e vales; e da escrita pintada nas folhas caídas do céu.

Assim manifestando-se a fala do Frei Brito que dizia: “Só sei dizer o mundo através das palavras. Só sei apreender este peixe sutil e indomável – o real – através da escrita”¹⁷. Pois, as palavras são almas das folhas tocadas pelo vento do céu e a escrita é corpo da terra mexida pela mão dos homens. Assim que cada história é pintada pelas letras saídas no cérebro, logo, todas as células

¹⁴ Casimiro, Maria Cristina (coord). 2007. **Lendas de Timor** (Baucau) e outras histórias (resultado de contribuição de diversos professores do ensino básico e secundário). Viseu: SACRE/Fundação Mariana Seixas.

¹⁵ Morin, Edgar. 2005. **Amor, poesia e sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

¹⁶ Steiner, George. 1993. **Presenças reais**: as artes do sentido. Tradução e posfácio de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Presença.

¹⁷ Frei Brito, 1997. Por que escrevo?, in Bianchetti, Lucídio (org). **Trama o texto: leitura crítica, escrita criativa**. São Paulo/Passo Fundo: Plexus/EDIUPE

corporais ligam-se umas as outras na formação da leitura do mundo e da natureza humana. Assim também cada homem faz voar suas palavras em escrita, e a escrita vai permanecer no tempo que há-de-vir, como se fosse a alma sai no corpo e viaja, e o corpo se junta ao pó da terra e alimenta os bichos renascidos na sua sepultura.

Portanto, a especificidade da organização deste livro é transformar as palavras em escrita e muito provável que as organizadoras pretendem interiorizar o processo de aprendizagem dos alunos na pesquisa de campo, como uma das condições de:

- a) Meio de aprendizagem e de construção do saber local;
- b) Estratégia de superação de uma perspectiva preservadora da história local que tem associada à vida da população local;
- c) Mediação no processo de superação da memória colectiva;
- d) Material didáctica para a disciplina de literatura timorense no processo de ensino-aprendizagem;
- e) E, enfim, fator de engajamento do compromisso em direção à transformação da tradição oral à realidade escrita.

A persistir essa onda de interiorização do processo de aprendizagem dos alunos na pesquisa de campo como uma forma de “pregar o saber” em prática”. Isto quer dizer que o registo de uma história em documento é, sem dúvida, deixar brilhar uma parte de nós mesmo no texto e transformando-o em monumento desconhecido, talvez conhecido, não saberá isso, dependendo o tempo a decidir. Fazer registo a voz dos antepassados é tornar o seu percurso de viagem bem visível no mundo pós-história. Sabe-se ainda o que torna a literatura de tradição oral mais facilmente reprodutível e transportável entre línguas do que a escrita é a sua simplicidade histórica que está centrada nos fatos e nas acções.

Enfim, o leitor encontrará neste livro, as diferentes “*Knanoik hosi ha’u nia hun* – histórias da minha origem” que fertilizam a memória de todos nós enquanto filhos de uma pátria enraizada nos mitos e nos ritos.

Prof. Vicente Paulino, Díli, março de 2018.

Ensino de Literatura: caminhos possíveis entre oralidade e escrita

Márcia V. Cavalcante

Ainda o rapazinho não tinha dito a última palavra, o crocodilo aumentou, aumentou de tamanho, mas sem nunca perder a sua forma primitiva, e começou a transformar-se numa ilha carregada de montes, de florestas e de rios. É por isso que Timor tem a forma do crocodilo.

Excerto da lenda do crocodilo- Fernando Sylvan (1987)

Este texto tem como objetivo apresentar os principais aspectos que fundamentaram o curso de Literatura que deu origem a esta coletânea e, ao mesmo tempo, descrever a metodologia adotada durante a pesquisa de recolha e registro dos textos que a compõem.

O curso de Literatura Brasileira, realizado em 2014, no Departamento de Língua Portuguesa da Faculdade de Educação, Artes e Humanidades, partiu da concepção de Antonio Candido (2004), que compreende a literatura da maneira mais ampla possível, o que envolve

todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis de produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 2004, p.174).

Essa perspectiva em relação à literatura posiciona a oralidade e a escrita de maneira não hierárquica, mas, sim, associadas e interligadas, sendo esse, portanto, um dos princípios teóricos que orientaram todas as etapas do curso realizado. As diretrizes teórico-metodológicas adotadas foram fundamentadas, considerando, a

abordagem de literatura comparada, de forma a articular a literatura brasileira à literatura timorense.

Além dessas prerrogativas, essa iniciativa teve, também, a preocupação de promover atividades que visavam incentivar não somente a leitura e a análise de textos literários, mas também oferecer subsídios para que os alunos se lançassem em uma pesquisa acerca da literatura oral brasileira e timorense, que resultasse em uma iniciação à escrita literária. Foi nesse sentido, que uma das etapas do curso assumiu como ponto de partida o romance *Iracema - Lenda do Ceará*, de José de Alencar (1865) - autor considerado um dos criadores das referências temáticas para a constituição de uma literatura nacional brasileira e que teve como projeto literário a busca de uma identidade nacional. Quando o Brasil se tornou independente, a exemplo de outras nações, houve um movimento de valorização do nacional regional. Como a independência do Brasil coincidiu com o Romantismo na literatura e nas artes em geral, essa busca tornou-se uma missão. Nesse contexto, os romances de Alencar, assim como os de outros autores da época, procuravam proporcionar uma visão geral da riqueza cultural do novo país.

A recente independência timorense talvez possa ter em vista uma missão semelhante: buscar a diversidade cultural de todos os povos, de todas as regiões de Timor-Leste, e na literatura isso não seria diferente. Essa articulação entre diferentes culturas e literaturas constituiu, então, a base motivadora para que a pesquisa do nacional-regional timorense pudesse pautar as ações dos grupos de trabalho constituídos no decorrer do curso.

O programa do curso permitiu que os estudantes conhecessem algumas obras clássicas pertencentes aos principais movimentos literários brasileiros e a pesquisa desenvolvida, uma pesquisa que, de certa forma, constituiu também um ponto de partida para que os estudantes tivessem um contato com a literatura oral brasileira e uma aproximação mais sistemática em relação à literatura oral local. A partir dessa correlação entre Brasil e Timor-Leste, iniciamos um processo de registro de contos e lendas, considerando uma perspectiva de pesquisa metodologicamente organizada em duas etapas principais, a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo.

Esta coletânea, portanto, é resultado desse processo de pesquisa que envolveu a recolha e o registro de *ai-knanoik*, cujos conteúdos

trouxessem referências míticas sobre a tradição e os lugares da região de origem dos estudantes, pois, apesar de residirem em Díli, a maioria deles é natural das diversas regiões do país. Alguns dos textos referenciados no curso e que contribuíram para esta pesquisa foram os escritos do estudioso e recolhedor brasileiro Câmara Cascudo (2000 -2004 -2012) e Silvio Romero (2009), relativos à literatura timorense: Sá (1961) e Pascoal (1967), os quais serviram também de parâmetro para estruturar as produções escritas dos estudantes a partir das recolhas realizadas.

Considerando a vasta literatura oral em Timor-Leste, este trabalho torna-se relevante na medida em que se pretendem registrar alguns *ai-knanoik* que retratam importantes aspectos históricos e identitários de diversos grupos étnico-linguísticos. O registro desse material é mais uma maneira de divulgação desse mosaico cultural, linguístico e literário. Traz para a escrita o que naturalmente é repassado de geração em geração, mas que ao longo do tempo, vem sendo secundarizado, especialmente nos espaços urbanos. Essa mudança ficou evidenciada pelos relatos registrados durante esta pesquisa, nos quais a maioria dos estudantes afirmou que, apesar de serem da região onde a coleta foi realizada, só passaram a conhecer a história recolhida a partir desta investigação. Outro aspecto interessante nesse processo de recolha foi a inter-relação estabelecida entre os estudantes e os idosos, quando aqueles puderam perceber nitidamente a importância do vasto conhecimento destes para a ampliação dos seus repertórios de narrativas orais. Como bem afirma Paulino (2013, p.110), “em Timor-Leste são os velhos e as crianças que têm a maior importância. Os velhos como portadores da herança da sabedoria e as crianças como a esperança da continuidade do grupo”.

A pesquisa de campo, realizada em aldeias pertencentes aos 13 municípios de Timor-Leste, promoveu essa aproximação e enriqueceu as discussões durante o curso e a pesquisa como um todo. Os grupos fizeram recolhas e registros de histórias com a temática da origem ou do surgimento de aldeias, sucos, montanhas ou nascentes de água. De acordo com Campbell (1990), em culturas nutridas pela mitologia, os elementos da natureza, a paisagem, assim como cada fase da existência humana, ganham vida através da sugestão simbólica. Elevações e depressões contam com seus

protetores sobrenaturais e se encontram associadas a episódios popularmente conhecidos da narrativa da criação local do mundo. Essa é uma temática bem marcada em Timor-Leste, a começar pela lenda do crocodilo, mencionada na epígrafe deste texto, que narra o surgimento da ilha, aludindo-se à ideia de que o território tem o formato de um crocodilo.

A maioria das narrativas de origem aqui registradas enquadra-se na perspectiva do “maravilhoso”, especialmente pelo simbolismo exercido pela figura de alguns animais, os quais passam a ser considerados como *lulik* (sagrado).

Os aspectos relacionados ao sagrado/sobrenatural observados durante este trabalho não se restringiram às narrativas em si. Em alguns casos, esses elementos *lulik* estiveram presentes também no processo da recolha, levando em consideração que não foram raras as ocasiões em que houve o pré-requisito da realização de um ritual religioso para que o *ai-knanoik* pudesse ser contado do início até o fim. Ainda nesse sentido entre o fantástico e o real, de acordo com relatos de alguns anciãos, contadores das histórias recolhidas, alguns dos objetos mencionados nos *ai-knanoik* estão preservados e guardados até os dias atuais na *uma lulik* (casa sagrada) e não podem ser fotografados devido à sua sacralidade. Reflete-se assim, mais uma vez, o componente “maravilhoso” presente nessa literatura. Todorov (1939, p. 53) menciona que o maravilhoso se caracteriza pela existência exclusiva de fatos sobrenaturais, sem implicar na reação que provoquem nos personagens. Essa questão foi também observada em diversas narrativas aqui registradas, como será possível perceber ao longo da leitura desta coletânea.

O entrelaçamento dos fatores sobrenaturais, sagrados, maravilhosos e históricos fica evidenciado na precisão dos lugares e nos nomes de personagens citados nas narrativas, os quais muitas vezes nos causam dúvidas que transitam entre a mitologia e os fatos históricos mencionados. Um exemplo que bem explicita o limiar entre o maravilhoso e o histórico é o fato de que alguns anciãos afirmam, em seus relatos autobiográficos, ter parentesco com determinados personagens que fazem parte da história narrada. Paulino (2013, p.108) ratifica essa característica da literatura oral local, ao afirmar que “não é de estranhar que, na tradição oral timorense, as lendas, os mitos e os contos populares tenham a sua

interpretação realista”.

Essa afirmação – bem como as informações obtidas durante a pesquisa de campo e os dados presentes na maioria dos *ai-knanoik* que compõem esta coletânea – coaduna a ideia de que a história e a mitologia se relacionam intrinsecamente. Cascudo (2000) afirma que “o conto popular revela informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica, social. É um documento vivo, denunciando costumes, ideias, mentalidades, decisões e julgamentos” (p. 09-11).

Considerando a importância desses documentos históricos, literários e, sobretudo identitários, resolveu-se organizar a pesquisa de maneira atenta, para que esses elementos fossem registrados da forma mais fidedigna possível. A realização do trabalho foi estruturada, primeiramente, na orientação para a pesquisa de campo, na preparação dos grupos dos estudantes e na realização da pesquisa de campo. Após a realização da pesquisa de campo, aconteceu o segundo momento do trabalho, que consistiu na análise do material coletado e na produção escrita.

A realização da pesquisa de campo se deu, primeiramente, com a seleção das localidades nas quais a investigação seria realizada. Para isso, organizaram-se grupos de estudantes segundo seus municípios de origem, porém em cada grupo havia componentes oriundos de diferentes aldeias, sendo assim, os próprios grupos selecionaram a aldeia onde queriam realizar a investigação, considerando para isso a facilidade de acesso ao local. As equipes que por razões logísticas não conseguiram ir até o local escolhido, entrevistaram pessoas da região selecionada, mas que atualmente residem em Díli. Alguns municípios tiveram maior representatividade na quantidade de histórias aqui registradas devido à quantidade diferenciada de alunos de cada região.

Para a realização do trabalho de campo, elaborou-se coletivamente um roteiro, para servir de subsídio na operacionalização das recolhas. Nesse processo, alertou-se sobre a importância de que as entrevistas e recolhas das histórias fossem registradas em áudio, objetivando viabilizar o processo de registro escrito. As histórias narradas foram gravadas com o auxílio dos aparelhos telefônicos dos próprios componentes dos grupos. Porém, embora muitas das gravações estivessem em boas condições, algumas não foram preservadas, tendo em vista a limitação da

qualidade sonora dos aparelhos. O processo de recolha, em alguns casos, necessitou ser realizado mais de uma vez, entrevistando-se mais de uma pessoa, devido a algumas dificuldades encontradas, tais como: localizar pessoas que soubessem de toda a história; falta de clareza em alguma parte da narrativa e dificuldade em compreender algumas metáforas utilizadas pelo ancião durante a entrevista. Houve também situações em que o ancião afirmou não poder narrar toda a história, porque tinha receio de que, ao fazê-lo, houvesse alguma punição para si ou para seus familiares, já que para ele o referido *ai-knanoik* é considerado sagrado. Em respeito a essas questões culturais, teve-se o cuidado de registrar apenas as histórias que foram previamente autorizadas no momento das entrevistas.

Diante das particularidades de cada grupo, decidiu-se que, antes do registro escrito, fosse elaborado um breve relato introdutório, contando: como aconteceu o processo da recolha; informando a localização onde a entrevista havia sido realizada; explicitando a duração da entrevista e a língua utilizada, além de possíveis dificuldades enfrentadas nessa etapa. Esses textos introdutórios, que antecedem cada *ai-knanoik*, permitem perceber que o processo de registro também aconteceu de forma distinta de um grupo para outro, o que muitas vezes se reflete na maneira da produção dos estudantes. Entre os entrevistados, vários são *lia na 'in*¹⁸ da aldeia em que a pesquisa foi realizada.

Parte dos grupos preferiu fazer, primeiramente, um registro escrito na língua em que ouviram a história. Nesses casos, por serem em sua maioria línguas ágrafas, recorreram ao sistema ortográfico da língua tétum. Em seguida, fizeram uma versão da história em tétum e, por último, uma versão em língua portuguesa, o que não significa necessariamente uma tradução literal. No entanto, buscou-se fazer um registro de maneira que a riqueza literária da narrativa fosse menos comprometida.

Sabe-se, no entanto, das significativas limitações de uma transposição escrita de textos da literatura oral, especialmente nas narrativas em que estão presentes também alguns *dadolin*¹⁹. Diante

¹⁸ Orador oficial (do ritual ou cerimonial) (lit. dono da palavra), contador de mitos e genealogias que constituem história de um grupo ou da ilha; detentor de voz do passado; espécie de livro vivo e precioso (COSTA, 2000).

¹⁹ Estrofe; verso; tipo particular de narrativa em verso, “É uma composição poética usada

disso – e pensando em amenizar esse distanciamento entre a oralidade e a escrita –, os registros escritos, tanto da versão em tétum quanto da versão em português, consistem, portanto, no que chamaremos aqui de uma tradução de ideias da história ouvida.

As duas versões, tétum e português, passaram por várias revisões e reescritas, tendo sempre como base o registro autêntico em áudio da narrativa recolhida. No entanto, o processo de escrita não consistiu em uma etapa fácil e demandou um esforço além do esperado, tanto dos estudantes quanto dos organizadores e revisores. O principal entrave nessa etapa estava relacionado às dificuldades de escrita dos estudantes, em ambas as línguas registradas.

Na versão em língua portuguesa, procurou-se preservar o máximo da norma do português timorense, optando-se por utilizar notas de rodapé em palavras que são empréstimos da língua tétum e que estão presentes no português de Timor-Leste. Nessa etapa, um aspecto muito importante foi a preciosa colaboração da professora Maria da Cunha, do departamento de Língua Portuguesa da UNTL, que, a partir dessa fase de reorganização textual, contribuiu como organizadora deste trabalho, relendo e reestruturando a versão das narrativas em língua tétum. Algumas das definições foram elaboradas pelas organizadoras ou pelos estudantes, porém a maioria delas teve como referência o *Dicionário Tétum-Português* (2000), do dicionarista e estudioso timorense Luís Costa. Portanto, sempre que essa referência tiver sido utilizada, a definição do vocábulo será identificada com a legenda “[L.C.]”. Utilizamos como referência ortográfica para a versão em tétum o *Matadalan Ortográfiku ba Tétum Prasa* (um prontuário para o Tétum), editado pelo Instituto Nacional de Linguística-INL.

É importante ressaltar que a opção por essa forma de registro visava, também, fomentar a produção textual dos estudantes na perspectiva do desenvolvimento de um futuro trabalho sobre a criação literária e a formação de novos escritores timorenses.

A publicação desta coletânea tem, portanto, como um dos principais objetivos propagar para timorenses e estrangeiros, a

para narrar factos importantes da vida de um povo, façanhas extraordinárias do *liurais ou dato*”. (COSTA, 2015, p.116). Nos *dadolins*, mais importantes que as rimas é a cadência, a entonação.

tradição literária oral de Timor-Leste, que merece ser cada dia mais conhecida e divulgada. Com essa mesma intencionalidade, a partir desta pesquisa, foram organizadas oficinas de contação de história com alguns dos estudantes que demonstraram interesse e habilidades para a arte de contar história. Como resultado desse empreendimento, constituiu-se o grupo de pesquisa de cultura, literatura e contação de histórias denominado *Haktuir ai-knanoik*²⁰, o qual tem crescido e se desenvolvido ao longo dos anos desde a sua criação no ano de 2014 e se especializado cada vez mais na arte de contar histórias.

Esperamos que a descrição desta pesquisa e, especialmente, a leitura deste material, elaborado por diversas mãos, ouvidos e vozes, tenha o poder de fazer com que crianças, jovens, adultos e idosos mergulhem no mundo do mítico e imaginário e que desfrutem de momentos prazerosos de escuta, leitura ou mesmo narração dessas e de outras histórias. Desejamos ardentemente que os educadores timorenses aproveitem os *ai-knanoik* aqui presentes da maneira mais criativa possível, pois a cultura oral, com seus traços de pertencimento, pode ser uma base fundamental para uma entrada mais autêntica no mundo da escrita.

Referências

- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil faces**. São Paulo: Cultrix, 1990.
- CASCUDO, Luís de Câmara. **Folclore do Brasil**. São Paulo: Global, 2012.
- _____. **Contos Tradicionais do Brasil**. São Paulo: Global, 2004.
- _____. **Contos Tradicionais do Brasil**. São Paulo: Ediouro, 2000.
- _____. **Literatura Oral do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984
- COSTA, Luís**. Dicionário de Tétum - Português. **Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa: Edições Colibri, 2000**.
- _____, Luís. Língua Tetum, contributos para uma gramática. Colibri, Lisboa, 2015.
- Eliade, Mircea de. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva,

²⁰ *Haktuir*: narrar, contar.

2004.

PASCOAL, Ezequiel Enes. **A alma de Timor vista na sua fantasia**. Lendas, fábulas e contos. Lisboa (PT): Barbosa & Xavier, 1967.

PAULINO, Vicente. Céu, terra e riqueza na mitologia timorense. **In: Revista VERITAS**, nº 1. Díli: PPGP-UNTL, 2013, pp.103-129.

ROMERO, Silvio. **Folclore brasileiro**: contos populares do Brasil. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2009.

SÁ, Artur Basílio de. **Textos em Teto da Literatura Oral Timorense**, Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, Centro de Estudos Políticos e Sociais, 1961.

SILVAN, Fernando In Cantolenda Maubere, FABC, 1987, pg 15. Lisboa.

Instituto Nacional da Linguística, **Matadalan Ortográfico ba Tétun-Prasa**. 2ª Ed. Díli, INL-UNTL, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva 1939.

VERSÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Nota da revisora da versão em língua portuguesa:

A revisão gramatical das narrativas, aqui compiladas, procurou respeitar as idiossincrasias da fala timorense em português, ainda que isso possa gerar algum estranhamento em falantes de outras variedades da língua portuguesa.

AILEU

Suco Saboria

Esta pesquisa realizada no suco Saboria, que fica localizado no posto administrativo de Aileu Vila, município de Aileu. A língua utilizada para fazer a entrevista foi o tetúm, mas a avó, apesar de compreender bem este idioma contou a história em língua mambae. Antes da entrevista com essa avó, entrevistaram-se dois outros anciões, mas eles não sabiam bem a história.

A entrevista com a anciã durou cerca de meia hora. Fez-se a gravação e depois se produziu uma versão mais curta da história em tetúm, e em seguida uma versão em português.

Atualmente, muitos jovens da localidade não sabem as histórias tradicionais de Timor-Leste e espera-se que o registro dessa lenda possa beneficiar esses jovens e crianças. Os pesquisadores já conheciam essa história por meio dos seus avós.

Antigamente havia um suco que se chamava Sarilihu onde viviam muitas pessoas. Lá morava um avô chamado Maubere e sua esposa, avó Maria, que residiam em uma casa que ficava em cima de uma montanha e que tinha uma cobertura feita de capim. Eles tinham três filhos agricultores chamados Leki Malik, Mau Leki e Ber Lelo.

Maubere e Maria amavam muito os seus filhos que todos os dias iam trabalhar. Leki Malik ia olhar os búfalos, Mau Leki ia à horta e Ber Lelo ajudava os pais em casa. Nessa casa, avô Maubere e avó Maria puseram dentro de um cesto um objeto que se chamava *fildaun*²¹ e o colocaram em cima de uma árvore. Quando era à noite, o *fildaun* sempre se acendia e as pessoas que moravam no sopé da montanha avistavam aquela luz, mas não sabiam do que se tratava.

²¹ Palavra da língua mambae: objeto sagrado reluzente que tem uma forma semelhante a um brinco.

Ao longo do tempo, o *fildaun* acendia a sua luz como se fosse uma estrela, as pessoas se assustavam e queriam saber o que era aquele brilho que sempre aparecia no cume daquela montanha. Havia muitos comentários sobre aquela luz e a avó Maria não sabia se era verdade ou não o que diziam. Assim, em uma determinada noite ela foi se certificar sobre a veracidade da existência daquele brilho que as pessoas diziam enxergar. Ela sabia que o *fildaun* era sagrado, mas não sabia que ele se acendia durante a noite. Ao ver a luz brilhante a avó Maria chamou o avô Maubere e perguntou:

– Hei...! *Tat Leki Bere sabid fe leo na?*²²

Respondeu o avô Maubere:

– Hai...! *Saun Luli fuis ni taka fe hodan leo na.*²³

Preocupada, avó Maria disse para avô Maubere:

– Ohh...! *Au kal tu se o fe sauba.*²⁴

A partir daí, avó Maria e avô Maubere ficaram sabendo que era o *fildaun* que brilhava todas as noites, então, eles não se preocupavam mais, pois sabiam que *fildaun* era um objeto sagrado que dava sorte para eles.

Quando os seus três filhos iam brincar, os seus colegas sempre os chamavam de bruxos e diziam que não poderiam brincar com eles. Leki Malik, Mau Leki e Ber Lelo voltavam para casa e contavam para os seus pais que as outras crianças os chamavam de bruxos.

Foi então que o avô Maubere e avó Maria chamaram todas as pessoas para informar que eles não eram bruxos, mas que possuíam um objeto sagrado chamado *fildaun* que ficava em cima de uma árvore na montanha e à noite ele acendia a sua luz brilhante.

A partir daí, a comunidade entendeu que eles não eram bruxos e pelo fato de eles possuírem aquele objeto sagrado, a população escolheu o avô Maubere para ser *liurai* (régulo tradicional) naquele suco. Ele tornou-se *liurai* e trocou o nome de suco Sarilihu para suco Saboria que em língua mambae significa literalmente “aldeia de bruxos” (*sabo*: bruxa; *ria*: aldeia), porém na realidade não se trata de um lugar de bruxos e sim de um lugar em que as pessoas foram

²² Língua mambae: "Hei...! Velho Maubere, o que é isto que está a brilhar?"

²³ Língua mambae: "Hai...! É o objeto sagrado que pusemos no cesto e que à noite brilha."

²⁴ Língua mambae: "Ohh...! Pensei que você fosse uma bruxaria."

julgadas injustamente como bruxos. Esse suco ainda existe e está localizado na área do posto administrativo de Aileu Vila, no município de Aileu.

Biografia da contadora do *ai-knanoik*

Essa lenda foi relatada pela avó Laura Mendonça Pinheiro. Ela é dona de casa e agricultora, nascida no dia 2 de abril de 1957 no suco Sarin, posto administrativo de Aileu Vila, município de Aileu. A avó Laura era nora do neto do avô Maubere (filho do Leki Malik), personagem deste *ai-knanoik*.

Ela afirmou que costumava ouvir essa história dos seus pais, e na opinião dela as narrativas tradicionais precisam ser contadas para os jovens porque eles são timorenses e é importante eles saberem. Também diz que devem ser contadas nas escolas para que as crianças as vejam como algo que tem valor e que precisa ser conservado e promovido porque faz parte da cultura timorense.

Dois dos estudantes que fizeram este trabalho, Natália Soares e Rosendo Pinheiro da Costa são descendentes diretos do avô Maubere, personagem principal dessa história.

Figura 1: avó Laura Mendonça Pinheiro.



Fonte: registro feito pelo grupo de estudantes no momento da recolha.

***Ai-knanoik* recolhido e registrado por:**

Juliana Soares
Rozendo Pinheiro da Costa
Natália Soares

Suzana Isabel B. Pereira
Natércia M. C. do Rosário

AINARO

História da aldeia Haut-Ion e do suco Cassa

1. História da aldeia Haut-Ion

A história que se segue é o *ai-knanoik* de origem da Aldeia Haut-Ion, suco Nunu-Moge, posto administrativo Hatu-Builico, município de Ainaro. A equipe não foi ao município, fez a entrevista em Díli, posto administrativo de Nain Feto, suco Bidau Lecidere, onde se entrevistou um jovem oriundo da aldeia Haut-Ion. Ele conhecia muito bem a história, pois o seu pai é *lia na'in* dessa aldeia e havia lhe contado detalhadamente a narrativa. A entrevista durou cerca de duas horas, utilizando-se a língua tétum. Os pesquisadores só passaram a conhecer a história depois desta pesquisa, mesmo dois dos participantes sendo oriundos do município de Ainaro.

Em tempos que já lá vão, certa vez, choveu bastante durante uma noite e um dia no município de Ainaro, posto administrativo Hatu-Builico, suco Nunu-Moge. As casas, os animais e as pedras ficaram inundados. Entre as pedras inundadas pela chuva, algumas foram levadas até o suco de Nunu-Moge, formando uma ponte, gerando assim, uma porta de entrada para Nunu-Moge, que antes era inacessível.

Depois de algum tempo, a terra cobriu as pedras e o lugar se transformou em um sítio maravilhoso, um lugar muito limpo e muito frio. O clima frio e a terra fértil contribuem para a boa qualidade do café e do milho daquela região.

Um dia, Mau Hoda e Bi Hoda, marido e mulher, foram lavrar a terra. Eles queriam plantar milho e café. Mau Hoda foi à plantação de café e sua mulher foi à plantação do milho. Todos os dias, eles faziam a mesma coisa, levantavam e iam trabalhar. Até que certa vez, quando já era tempo da colheita, de repente, Mau Hoda lembrou-se das palavras do seu pai, Mau Hako, que dizia que antes

de fazer as colheitas do café ou de milho deve-se fazer primeiro o ritual *se'e lai*²⁵.

Então, Mau Hoda chamou a esposa e contou-lhe que tinha lembrado-se do ritual que precisava ser feito. Bi Hoda concordou e os dois foram para a horta e prepararam tudo o que era necessário para o ritual: areca²⁶, cal, betel e algumas comidas para oferecer aos antepassados. Colocaram as oferendas na *boska*²⁷ para agradecer a graça e a benção que eles obtiveram durante aquele ano.

Naquela noite, quando acendeu a lamparina, Mau Hoda sentou-se ao pé da *boska* e como cumprimento dos rituais prometeu aos seus antepassados dizendo:

– Vocês comem primeiro da nossa comida e só assim nós podemos comer.

De manhã bem cedo, ainda escuro, os dois foram para a horta fazer a colheita do café e do milho. No caminho, Bi Hoda estava calada e pensando sobre o ritual que tinham feito na noite anterior. Como ela era de outra aldeia não conhecia nem sabia nada sobre aquele ritual, então perguntou ao seu marido:

– Por que é que antes de fazer a colheita tem que fazer aquele ritual de ontem à noite?

Respondeu o marido com um tom calmo:

– Olha, minha esposa, de acordo com o que meu pai dizia, esse ritual pode nos proteger dos animais ferozes e de ladrões. É isso o que eu sei...

Bi Hoda se surpreendeu com a resposta de Mau Hoda. Eles ficaram em silêncio até chegarem à horta. Ao chegarem fizeram primeiro a colheita do milho e depois a colheita do café. Não dava para levar tudo, então os dois decidiram construir uma cabana em meio à plantação. Como ficaram muito cansados por terem trabalhado muito na colheita, resolveram dormir por lá por muito tempo. Finalmente, o casal decidiu viver ali e ser a primeira família daquele lugar, que hoje em dia transformou-se numa aldeia que se chama Haut-Ion – “Haut”, que significa “pedra” e “Ion”, que significa “última”.

²⁵ Ritual em que se oferecem as primícias da colheita aos antepassados.

²⁶ Fruto da arequeira utilizado para mascar junto com a cal e folhas de betel - planta trepadeira, cujas folhas são usadas para mascar [L.C.].

²⁷ Espécie de altar feito de pedra, onde se colocam as oferendas.

Figura 2: Vista da aldeia de Haut-Ion.



Fonte: registro feito pelo grupo de estudantes no momento da recolha.

Biografia do contador do *ai-knanoik*

Essa história foi contada por Aniceto da Conceição Pacheco, que também é conhecido pelo nome gentil Mau Koli. Ele é um jovem de 25 anos e é filho do *lia na'in* da aldeia Haut-Ion, suco Nunu-Moge, município de Ainaro. Nasceu em Haut-Ion em 28 de Janeiro de 1989. É estudante do Departamento de Saúde Pública da Faculdade de Medicina na Universidade da Paz e trabalha em uma NGO²⁸ Internacional.

Na entrevista ele falou que nunca havia contado essa história anteriormente, pois é uma história sagrada, que foi passada de geração em geração, e que quem lhe contou foram os seus avós, que vivem na montanha. Afirmou ainda que se sentia contente e orgulhoso ao contar essa história, ressaltando que é importante que ela seja contada também às outras pessoas da aldeia. Porém, por ser uma história sagrada foi necessário pedir licença aos antepassados e fazer um ritual juntamente com os seus familiares para só assim poder divulgá-la.

²⁸ Sigla em inglês para *Non Governmental Organization* (Organização Não Governamental – ONG)

***Ai-knanoik* recolhido e registrado por:**

Edi Gonçalves
Felícia B. Assis
Idália De Jesus Martins
Joana Sarmiento Gomes

2. Suco Cassa

A história que se segue é a lenda de origem do suco Cassa, posto administrativo de Ainaro, município Ainaro. Realizou-se uma entrevista em língua tétum, traduzida posteriormente para a língua portuguesa. A entrevista foi realizada por telefone e durou cerca de uma hora. Só a partir da realização desta pesquisa é que o grupo de pesquisadores passou a conhecer este *ai-knanoik*, pois, mesmo os integrantes do grupo, mesmo sendo do suco Cassa, nunca haviam escutado esta história.

Antigamente havia um suco que se chamava Asa Hua. Tinha esse nome porque em língua bunak “Asa Hua” quer dizer “em cima da montanha” e era em cima da montanha que esse suco estava localizado. Aquele lugar era cheio de diversas árvores como coqueiros, sândalos, tamarindeiros, *ai-kakeu*²⁹, *ai-teka*³⁰, *ai-bubur*³¹, *ai-lok*³² e *ai-dak*³³.

O suco de Asa Hua era composto por cinco famílias. Entre essas famílias sempre havia uma relação íntima e cheia de amor, assim como a harmonia que havia na floresta lá existente.

Naquele suco havia um homem fisicamente diferente de todos os demais habitantes daquele lugar. Ele se chamava Kau Lelo, era um velho que tinha os olhos azuis e nariz arrebitado, era um homem

²⁹ Estramangueira; árvore (*Causarina junghuhniana*) muito vulgar em Timor. \ Usado em postes e vigas [L.C].

³⁰ Teca(*tectona grandis*); árvore cuja madeira é uma das mais valiosas do mundo.

³¹ Espécie de eucalipto comum em Timor.

³² Árvore espinhosa, semelhante à cerejeira e cujo fruto é comestível.

³³ Árvore de madeira castanho-clara.

forte, corajoso, bondoso, carinhoso e amava todas as pessoas. Durante toda sua vida, ele gostava muito de ir caçar à noite.

O suco de Asa Hua naquela época era governado por um *liurai* que se chamava Dom Lelo Bau. Ele costumava chamar o Kau Lelo para acompanhar-lhe e ajudar-lhe no processo de desenvolvimento daquele suco. O *liurai* confiava em Kau Lelo, que sempre obedecia à sua palavra.

Liurai Dom Lelo Bau era um homem bravo, porém era bondoso e muito trabalhador. A sua esposa, além de fazer os trabalhos domésticos, gostava de fazer *tais*³⁴. Durante o seu reinado o povo vivia em paz, as pessoas respeitavam-se e amavam umas às outras.

Um dia Kau Lelo foi à casa de um dos seus amigos, que se chamava António, para planejarem uma caçada. O Kau Lelo começou a dizer assim:

– Sr. António, logo à noite nós podemos ir a caçar!

O Sr. António admirou-se porque na vida dele nunca havia caçado, desde pequeno até aquela altura. Porém, o pai dele era caçador. Então ele disse:

– Ai, pá! Eu nunca fui à caça.

O Kau Lelo ficou chateado quando ouviu aquelas palavras do seu amigo, mas alguns minutos depois, o Sr. António aceitou a proposta e resolveu ir caçar com o seu amigo.

À noite eles foram caçar e viram muitos animais no mato, mas não conseguiram capturá-los. Então voltaram à casa deles, e começaram a elaborar um novo plano para ir caçar novamente. Eles convidaram muitos outros homens para irem caçar juntos à noite, levavam equipamentos como saco, *bote*³⁵ *catana*³⁶, *dima*³⁷, estilingue e fósforo.

Depois de tudo preparado foram à caça no mato. Lá, eles capturaram: veado, porco selvagem, lobo, *meda*³⁸, *laku*³⁹ e macaco.

³⁴ Pano tradicional feito artesanalmente – *tais feto* (*sabulu*): pano usado pelas mulheres; *tais mane*: pano usado pelos homens. \ O *tais mane* é um pano comprido como um lençol e o *tais feto* tem forma cilíndrica [L.C].

³⁵ Cesto de palha típico de Timor-Leste.

³⁶ Facão grande feito artesanalmente.

³⁷ Lança usada para caçar.

³⁸ Pequeno marsupial que faz parte da fauna de Timor-Leste.

³⁹ Pequeno mamífero selvagem semelhante a uma raposa [L.C].

Comeram uma parte da carne dos animais capturados e a outra parte levaram ao mercado para trocar por outros produtos que precisavam para sua sobrevivência.

As atividades daqueles homens eram cultivar o néli⁴⁰ durante o dia em um lugar chamado Loe-Golo e durante a noite iam caçar. Sendo que a partir daquela caçada da noite anterior, Sr. António ia sempre junto com eles.

Um dia o *liurai* Dom Lelo Bau marcou um encontro com a população de Asa Hua com objetivo de construir uma *uma lulik* (casa sagrada). O Sr. António e Kau Lelo também participaram desse encontro. Naquele momento eles decidiram que seria melhor construir a *uma lulik* na parte de Asa Hua kraik. Toda a população do suco concordou com a ideia e realizaram a construção.

Depois daquele encontro, o *liana'in* do suco anunciou o programa da cerimônia tradicional para a construção da *uma lulik*. Ele disse aos familiares que pertenciam a *Umane*⁴¹ e que deveriam levar para a cerimônia: porco, cabrito e arroz. Além disso, levassem também betel, areca e cal para a *mama*⁴². Para os familiares que pertenciam a *feto-san*⁴³, pediu que levassem: cavalo, búfalo, *tua sabu*⁴⁴, *morteen*⁴⁵ e *belak*⁴⁶. Os animais seriam entregues aos *umane* e o *morteen* e o *belak* seriam guardados na *uma lulik*.

Na manhã seguinte eles começaram a cerimônia de inauguração da *uma lulik*. Para a cerimônia, cada família levou o que o *lia na'in* havia pedido. Quando terminou a construção da *uma lulik*, os descendentes do suco começaram a se desenvolver e alguns começaram a estudar. Na escola eles sempre se esforçaram para se

⁴⁰ Arroz com casca ou em planta.

⁴¹ Nome que a si mesmos dão os parentes da esposa em relação aos do marido. \ É o parentesco contraído entre duas famílias com o casamento, por *hafoli* ou *barlaque* – acordo estabelecido no processo de casamento tradicional timorense -, de dois dos seus membros. A mesma relação de parentesco existe entre os súditos de dois reinos, quando um *liurai* casa, com *hafoli*, com a filha do *liurai* do outro [L.C.]

⁴²Mistura para mascar feita com betel, areca e cal. Prática comum nas cerimônias tradicionais de Timor-Leste.

⁴³Parentesco por casamento; nome que a si mesmos dão os parentes do marido em relação aos da esposa [L.C.].

⁴⁴Aguardente feita de uma espécie de palmeira chamada tuaca.

⁴⁵ Colar de coral alaranjado e de grande valor que é utilizado como adorno principalmente nas cerimônias tradicionais.

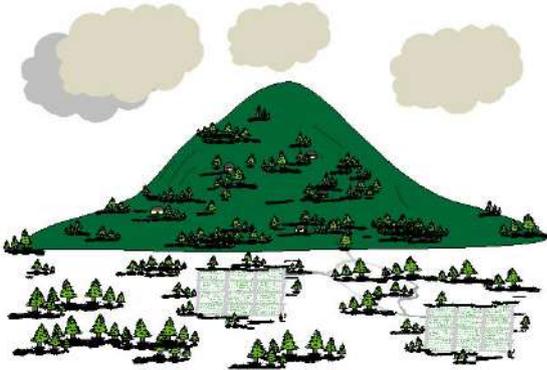
⁴⁶Medalhão de metal utilizado como adorno em cerimônias tradicionais.

tornarem pessoas mais sábias para terem muito sucesso e desenvolverem cada dia mais aquele suco.

O tempo passou e a maioria dos velhos que estavam na ocasião da construção da *uma lulik* já havia morrido. Os descendentes de Asa Hua diziam que os bisavós deles foram os primeiros homens a saber caçar em Timor. Pensando nisso, os jovens acharam que o nome do suco deveria ter relação com a tradição da caça, e resolveram marcar um encontro com o *liurai*, *lia na'in* e outros anciãos que estavam lá para dar um novo nome para aquele suco e eles aceitaram a ideia.

Na manhã seguinte fizeram o ritual para realizar a mudança do nome suco Asa Hua. Para esse evento alguns levaram porco, vinho, galo, cavalo, cabrito, cão, betel, areca e cal. Objetivando com essas ofertas pedir ao *rai-lulik*⁴⁷ para que ele aceitasse trocar o nome de Asa Hua e dar um novo nome para este suco. Quando foram fazer a cerimônia, eles convidaram também algumas pessoas de outros sucos para participarem daquele momento importante. Tudo aconteceu com muito sucesso e no fim da cerimônia trocaram o nome do suco *Asa Hua* por suco *Cassa*.

Figura 3: ilustração da lenda do suco Cassa



Fonte: ilustração de Octavio de Sousa Belo

⁴⁷Lit. terra sagrada, mas neste caso refere-se à uma entidade sagrada, acredita-se que a terra tem um dono espiritual.

Biografia da contadora do *ai-knanoik*

Esta história foi contada por Maria de Araújo, nascida na aldeia Lailima, suco Cassa, posto administrativo Ainaro, município de Ainaro. Ela nasceu em 1929 e é agricultora. A Sr^a. Maria é tia de um dos pesquisadores e contou que ouviu esta história do seu bisavô em cerimônias tradicionais de construção de *uma lulik* e de *saubatar*⁴⁸.

***Ai-knanoik* recolhido e registrado por:**

Leocádia Maria Corte-Real da Costa
Natalícia Emanuela S. Magno
Zefanos Lopes de Carvalho

⁴⁸ Cerimônia realizada anteriormente à colheita do milho.

BAUCAU

Lenda de origem do município de Baucau, aldeia Loi-Rubi e Laku-Rubi e Lagoa Gae-Nisi

1. Lenda de origem Baucau

Esta pesquisa foi realizada no suco Gari-Wai, município de Baucau. Diz-se que o município de Baucau tem tradicionalmente duas origens: *Wai-Lewa* e *Wai-Lesu*. Em makasae diz-se, respectivamente, *Talewara* e *Ira-seti*. *Wai-Lewa* e *Wai-Lesu* que diz respeito aos nomes das nascentes que se transformaram em Baucau. *Wai-Lewa Talewara* significa gozar uns aos outros e *Wai-Lesu Ira-seti* significa pedir água. O dono deste poço era de uma *lisan*⁴⁹ Makada'e no suco Bahu'u e é esta história do surgimento de Baucau que iremos narrar a seguir.

Para a realização desta investigação utilizou-se a língua makasae, depois foi feita a tradução para tétum e por último para língua portuguesa.

Entrevistaram-se três *lia na'in*, sendo que os dois primeiros não narraram com muita clareza e um deles não contou a história até ao fim. Entretanto, o terceiro relatou a história com muitos detalhes desde o início até o final.

Muito tempo atrás havia um jovem que se chamava Lekiloi Watu da aldeia Ledatame no suco Fatumaca. Lekiloi Watu era um cuidador de búfalos e também agricultor. Todos os dias o seu trabalho era tomar conta dos seus búfalos, que viviam no mato, desde de manhã até à tarde. Lekiloi Watu por ser agricultor só vivia no mato, mesmo lugar onde os seus búfalos viviam.

Como era um guardador de búfalos e uma pessoa muito trabalhadora e atenta, ele acordava sempre mais cedo do que seus irmãos para tratar dos búfalos, pois tinha medo que eles estragassem

⁴⁹Casa da linhagem familiar.

as hortas das pessoas. Lekiloi Watu levava sempre consigo o seu *bukae*⁵⁰ e água para beber porque o curral dos búfalos ficava longe da sua casa e ele só voltava do trabalho à tardinha.

Diariamente, o cão de Lekiloi Watu ia junto com ele tomar conta dos búfalos. No mato, não havia nem pessoas, nem casas e nem água. Porém, era um lugar cheio de sabor da natureza: o murmúrio das folhas, o canto dos passarinhos e da terra.

Apesar de não haver pessoas no mato para lhe acompanhar, quando ele se sentava sozinho no mato, o cão, a natureza e o canto dos pássaros sempre o acompanhavam e ele ficava feliz com o ladrar do cão que lhe encorajava, o que deixava-o sempre disposto para cuidar do seu rebanho. Desse modo, ele ficava mais próximo da natureza e dia após dia se sentia rodeado por aquelas belezas naturais.

Já fazia muito tempo que ele tratava dos búfalos e verdadeiramente amava seus animais e dedicava todo o seu tempo a eles. Às tardinhas, Lekiloi Watu trancava os búfalos no curral e ao regressar passava por sua horta para limpar as ervas daninhas. A sua horta era repleta de diversas espécies de plantas. À noite ele voltava para casa cansado, jantava e dormia.

Ao amanhecer, quando os galos cantavam, Lekiloi Watu acordava e preparava sua comida para depois ir tomar conta dos búfalos. O sol começava a nascer no topo da montanha Matebian⁵¹ e iluminava toda a terra. Lekiloi Watu pegava sua água e seu *bukae*, colocava dentro de um *cesto de akadiru*⁵², punha-o sobre os ombros e ia andando para cuidar dos seus búfalos.

Ao chegar ao curral Lekiloi Watu abria a porteira e os búfalos começavam a se mexer e saíam juntos em busca da grama verde para comer. Enquanto eles comiam, Lekiloi Watu pegava o seu cesto, pendurava em um ramo de uma árvore e esperava pacientemente os búfalos se alimentarem.

Lekiloi Watu nunca se sentia indisposto, pois tocava a sua flauta para animar os seus búfalos com as músicas tradicionais até ao meio-

⁵⁰Algo para comer; lanche.

⁵¹Montanha considerada sagrada e que, segundo a tradição, é habitada por almas. Significado literal: montanha das almas ou montanha dos mortos.

⁵²Cesto feito de uma espécie de uma espécie de palmeira *akadiru*, muito comum em Timor-Leste.

dia, quando os búfalos ficavam satisfeitos e deitavam-se debaixo das sombras das árvores. Lekiloi não esquecia de chamar seu cão para comerem juntos a comida que havia trazido, depois que acabavam de comer ia descansar.

À tardinha o sol começava a se pôr na parte *loro monu*⁵³. As estrelas começavam a surgir e iniciava a troca da luz do dia. Lekiloi Watu começava a se mexer para levar seus búfalos para o curral. Depois de levá-los, como normalmente fazia, Lekiloi Watu voltava pela sua horta, limpava as ervas daninhas e em alguns minutos voltava para casa.

Diariamente essa era sua rotina, mas um dia quando ele estava a tratar dos seus búfalos o seu cão começou a se afastar de Lekiloi Watu e desapareceu no meio do mato. Ao meio-dia, quando foi comer, chamou o seu cão, mas ele não apareceu. Porém, quando voltou à casa de repente o seu cão reapareceu e ele ficou muito zangado com o cão.

À noite, ao chegar em casa, Lekiloi Watu deitou-se e não parava de pensar, estava confuso, pois queria saber para onde o seu cão havia ido quando desapareceu. Depois de muito refletir decidiu ir dormir porque no dia seguinte teria que trabalhar.

No dia seguinte, acordou, preparou sua comida e chamou o seu cão para irem cuidar dos búfalos, mas naquele momento sentiu-se triste porque no meio do caminho o seu cão escondeu-se novamente. Lekiloi Watu ficou assustado e chamou o seu cão várias vezes, mas ele não apareceu. Como o sol já estava alto ele decidiu seguir em frente e ir cuidar dos seus búfalos. Ao chegar ao curral, ele abriu a porteira e os búfalos começaram a sair em fila para procurarem capim para comer. Enquanto os búfalos comiam, foi procurar o seu cão, pois era seu grande companheiro no mato.

Ao chegar ao lugar onde o seu cão havia desviado o caminho, ele começou a chamá-lo, mas o cão não respondeu, então ficou muito triste e voltou para o lugar onde estavam os búfalos. Ao chegar lá, os búfalos estavam a comer o capim verdinho, decidiu então sentar-se e começar a tocar a flauta para seus búfalos, um hábito que havia adotado há muito tempo. Ao meio-dia, Lekiloi Watu sentiu fome, pegou sua comida e em seguida começou mais

⁵³ Região oeste do país.

uma vez a chamar o seu cão, mas ele não apareceu. Então ele comeu uma parte do seu arroz e guardou a outra parte para o seu companheiro. Pensando consigo mesmo: - pode ser que ele volte.

A tardinha, quando o sol começou a se pôr, levou os búfalos para o curral novamente e voltou para casa. No meio do caminho, de repente, o seu cão apareceu atrás dele. Seu dono ficou muito nervoso e enxotou o cão com raiva:

– Sai daqui, cão malandro! Para onde foste? Vai embora! Não precisa mais me acompanhar.

O cão continuou a acompanhá-lo e esconder-se como vinha fazendo e fez isso por sete dias seguidos. Lekiloi Watu já estava cansado daquilo e não ia mais procurá-lo, mas um dia, bem ao meio-dia, o cão apareceu todo molhado no local onde os búfalos estavam comendo. Então seu dono ficou admirado porque não havia nenhuma fonte de água ali por perto e se perguntou onde seu cão haveria se molhado?!

No dia seguinte, Lekiloi Watu mudou de estratégia para descobrir aonde havia ido o seu cão e onde ele havia encontrado água, mas naquele dia não conseguiu colocar em prática a sua nova estratégia.

Mais um dia se passou e Lekiloi Watu foi novamente com seu cão tomar conta dos seus búfalos. Ao meio-dia sentiu sede, mas não tinha água porque havia esquecido de levar. Então se sentou e pensou: - agora estou mesmo com sede, como faço para beber um pouco de água?

Então chamou o seu cão, pendurou-lhe no pescoço um cestinho feito de palha seca de milho dobrada, colocou um pouco de cinza dentro da palha, depois fez um pequeno furo no cestinho e sentou-se. Depois de alguns minutos, o cão levantou-se, virou as costas e pôs-se a andar...

Quando o cão se distanciou um pouco, Lekiloi Watu começou a segui-lo devagar por meio da cinza que caía do cestinho pendurado no pescoço do cão, de modo que não foi difícil segui-lo. Depois de alguns quilômetros, o cão chegou ao local aonde ia se divertir todos os dias. Naquele lugar havia uma gruta, ao chegar em cima de uma rocha, o cão saltou para dentro da gruta e Lekiloi Watu, sentou-se fora da gruta à espera do cão. Depois de alguns minutos, o cão saltou

para fora da gruta todo molhado. Daí é que ele entendeu que o cão todos os dias ia àquele lugar porque lá havia água.

Resolveu então entrar na gruta para tomar água porque de fato estava com muita sede. Ele ficou de pé em cima da pedra, tirou o seu cesto, a sua catana, a sua azagaia e começou a descer à gruta vagarosamente. Sentiu medo, pois estava muito escuro lá dentro. A água surgia com muito barulho, e, apesar do medo, decidiu descer para beber água. Ao chegar à margem da água, sem, todavia, ter saciado a sua sede, o que aconteceu a Lekiloi Watu? Escorregou e caiu dentro da água!

A água tinha uma corrente muito forte e Lekiloi Watu não conseguia sair da água. Por sorte, apareceu uma grande enguia para ajudá-lo, mas antes de ela ajudá-lo, os dois fizeram um acordo. A enguia disse a Lekiloi Watu:

– Você tem que seguir tudo o que eu mandar, se não você não viverá e não voltará a ver a terra.

Lekiloi Watu concordou com a enguia imediatamente e disse obedientemente:

– Farei tudo aquilo que o meu *liurai* mandar.

Assim, a enguia acrescentou:

– Suba em cima das minhas costas, mas se por acaso no meio do caminho sentires fome e se encontrares alguns peixes ou camarões não poderás comê-los. Coma a roupa com a qual estás vestido.

Ao ouvir isso, Lekiloi Watu respondeu calmamente:

– Está bem, senhor *liurai* (rei).

Desse modo, a enguia disse ainda:

– Quando eu mergulhar e você se sentir sufocado, segure no meu olho direito e eu subo novamente para a superfície, se por acaso, ao subir você se deparar com uma pedra segure no meu olho esquerdo para eu mergulhar novamente com você.

Depois de alguns dias de viagem dentro da gruta, a enguia levou Lekiloi Watu para beira da nascente, de onde saía a água. Porém, ele não podia sair de dentro d'água porque havia comido toda sua roupa quando sentiu fome. Então resolveu ficar sentado dentro da água.

Depois de alguns dias naquele misterioso lugar, apareceram duas jovens, as duas eram irmãs, uma se chamava Bui Duka e outra

se chamava Bi Duka elas eram da aldeia Makada'e no suco Bahu'u. Elas foram até aquela nascente para lavar roupas.

A irmã que se chamava Bui Duka entrou primeiro na água e enquanto ela estava sentada a lavar as roupas, apanhou um grande susto porque de repente aquela água reduziu drasticamente de volume. Então ela chamou a sua irmã e perguntou assustada:

- Por que será que de repente a água reduziu de volume quando nós duas estávamos a lavar as roupas?

A irmã dela não respondeu nada. Mesmo assim Bi Duka conseguiu lavar as roupas e tomar banho e depois saiu de dentro da água. Em seguida sua irmã Bui Duka entrou na água e foi lavar as suas roupas. Naquele momento, aquela água muito limpa, transformou-se em uma água suja, como se alguém a tivesse sujado. Então, muito nervosa ela perguntou:

- Quem é que está dentro desta água a fazer toda esta sujeira? Libere esta água para que possamos lavar nossas roupas!

Após Bui Duka falar isso, Lekiloi Watu que estava lá dentro e ouviu tudo, respondeu:

- Sou eu, Lekiloi Watu, estou aqui sentado dentro da água, vim seguindo o curso da água até aqui, mas não posso sair daqui de dentro porque não tenho roupa para vestir, pois eu estava com fome e comi todas as minhas vestimentas, se alguma de vocês duas tiver um *tais*, dá-me para eu vestir e assim posso sair de dentro da água.

As duas irmãs começaram a discutir quem é que iria dar o seu *tais* a Lekiloi Watu. A irmã mais velha disse para a irmã mais nova Bui Duka:

- Você dá o *tais*.

A irmã mais nova Bi Duka respondeu:

- Você é quem tem que dar o *tais* por ser a mais velha.

As duas discutiram por alguns minutos. No final, a irmã mais velha conseguiu convencer a irmã mais nova Bui Duka, e esta teve que dar o seu *tais* para Lekiloi Watu vestir. Assim ela o fez, e ele vestiu-se e saiu da água. Quando ele saiu, as duas jovens chamaram-no para a casa delas em Makada'e Bahu'u.

Ao chegar em casa, a irmã mais velha disse para a mais nova:

- Hoje foi você quem lhe deu o *tais*, por isso é você quem deve casar-se com ele.

- A irmã mais nova respondeu:

- Hoje nós duas combinamos para dar-lhe o *tais*, por isso nós duas deveríamos nos casar com ele. As duas concordaram e casaram-se com o rapaz.

Depois do casamento os três viveram em Makada'e Bahu'u durante muitos anos. Cada uma das esposas teve um filho e quando já estavam adultos, Lekiloi Watu disse para suas duas esposas:

- Vocês quatro, fiquem em casa que eu vou buscar minha catana, meu cesto, roupa e azagaia e os búfalos que deixei na entrada da gruta, naquele dia antes de eu entrar na nascente. Vou lá pegar e volto.

Mas as duas esposas disseram:

- Se você for sozinho, desaparecerá e não voltará mais, vamos todos!

Depois de falar desse modo, Lekiloi Watu respondeu imediatamente:

- Então pronto! Vamos todos e moraremos lá.

Naquela altura, a família de Lekiloi Watu, que vivia em Ledatame Fatumaka, já havia feito uma cerimônia tradicional relacionada à morte dele, porque eles achavam que Lekiloi Watu já havia morrido, afinal, já fazia muito tempo que ele saíra e não voltara para casa. O que aconteceu quando Lekiloi Watu voltou de Makada'e - Bahu'u para Ledatame Fatumaka?

Leikloi Watu e suas esposas já não puderam ir viver na casa da sua família e foram viver em uma horta. À noite, os familiares de Lekiloi Watu viram o lume e a fumaça na horta dele e começaram a questionar:

- Lekiloi Watu já morreu há muito tempo, então quem é que está a queimar e a limpar aquela horta?

Todos estavam confusos. Pela manhã, a família do Lekiloi Watu foi até a horta, e ao chegar lá se assustou ao vê-lo com as duas mulheres e as duas crianças.

- Para onde fostes? Só agora apareces novamente? Nós pensamos que você havia morrido e já fizemos a cerimônia de ritual da sua morte.

Após dizer isso, Lekiloi Watu correu ao encontro dos seus familiares e os abraçou a chorar. Quando parou de chorar apresentou suas esposas e seus filhos para a sua família. Depois sentou-se e relatou para a sua família como se deu o seu desaparecimento. Em

seguida, foi imediatamente com a sua família até o mato, à beira da nascente que o seu cão lhe mostrara, e seguiram para o local da gruta onde antes havia caído. Ao chegarem à gruta, encontrou a sua espada, a sua azagaia, mas o seu cesto e as suas roupas já haviam se estragado.

Ao voltar, a sua família reuniu-se para matar cabrito, porco, galinha e búfalos para desfazer a cerimônia fúnebre tradicional e pediram perdão aos antepassados porque o Lekiloi Watu ainda não havia morrido e eles haviam realizado a cerimônia. Aproveitaram a ocasião e festejaram o retorno de Lekiloi Watu e assim ele e sua família viveram num ambiente de harmonia e felicidade.

Depois desses acontecimentos, as nascentes Wai-Lewa e Wai-Lesu foram transformadas no local que hoje é chamado de município de Baucau.

Figura 4: vista do mar de Baucau.



Fonte: registro feito pelo grupo de estudantes no momento da recolha.

Biografia dos contadores do *ai-knanoik*

Para o registro deste *ai-knanoik*, foram entrevistados três *lia na'in*: o primeiro, Venancio de Jesus Freitas, nasceu em Baucau no ano de 1942, o segundo é Andriano Neto, que nasceu em Baucau no ano de 1935 e o terceiro é Alexandrino Guterres Freitas, que nasceu em Baucau no ano de 1940. Os três são agricultores e se mostraram muito disponíveis para relatar essa história. Afirmaram que essa história é muito importante para as novas gerações conhecerem

melhor o seu lugar de origem e também para preservar e divulgar a sua herança cultural.

***Ai-knanoik* recolhido e registrado por:**

Aleixo Ximenes	Elias Sarmento
António Salvador Ximenes	Gilman Correia Freitas
António Ximenes Freitas	Lusia Gaio
Bárbara Ribeiro	Maria da Rosa
Basília A. Simões	Terezinha Soares

2. Lenda de origem aldeia *Loi-Rubi* e *Laku-Rubi*

A princípio, tinha-se a intenção de pesquisar a lenda de origem de aldeia de Ariana, mas ao chegar nessa aldeia, infelizmente não foi possível fazer a recolha da lenda, pois tentamos entrevistar três anciões (sendo um deles um *lia na'in*), mas eles não conheciam a história, afirmando que a pessoa que sabia essa lenda já havia falecido. Então foi escolhida a lenda relativa às aldeias *Loi-Rubi* e *Laku-Rubi*, as quais pertencem ao suco de *Wai-Laha*, posto administrativo de *Venilale*, município de *Baucau*.

As línguas utilizadas durante a entrevista foram *waima'a* e *midiki*, línguas maternas naquela região. O entrevistador fazia as perguntas em língua *waima'a* e o *lia na'in* respondia em língua *midiki*. A entrevista se deu dessa maneira pelo fato de o entrevistador não ser falante de *midiki* e o *lia na'in* não ser falante de *waima'a*. No entanto, apesar de os entrevistados não serem falantes das duas línguas, pelo fato de serem línguas muito semelhantes, um falante de uma pode compreender bem o falante da outra língua, portanto, essa questão não consistiu em um problema para esta pesquisa. Ressaltamos também que, além deste *ai-knanoik* que será apresentado a seguir, o *lia na'in* contou outras histórias da localidade, tornando assim a pesquisa ainda mais rica.

Antigamente, em um lugar chamado *Venilale*, havia uma lagoa ladeada a leste por uma grande montanha de pedra. Os habitantes do local viviam à margem da lagoa e formaram uma aldeia na planície.

Com o passar do tempo, os habitantes escolheram oito *katuas* e *ferik*⁵⁴ como líderes. Nomeadamente, eram as *ferik*: Na Leki, Lua Naru e Nur Lu; e os *katuas*: Adadi, Kai Tia, Ará, Loi Rubi e Laku Rubi.

A *ferik* Na Leki e o *katuas* Ará viram que a população local estava crescendo muito e que como a propriedade era pequena, o espaço havia se tornando muito limitado para todos. Naquele momento, eles sugeriram para os outros seis líderes que secassem a lagoa perto de onde viviam para assim poderem ter mais espaço.

Na Leki e Ará disseram:

– É melhor que façamos um canal através da planície para que a água possa escorrer para *tasi feto*⁵⁵.

Quatro líderes concordaram, porém, Loi Rubi e Laku Rubi não aceitaram a sugestão de Na Leki e Ara. Eles argumentaram:

– Nós não podemos fazer isso porque a água pode destruir as plantas e acabar com as terras férteis.

Enquanto todos os líderes estavam preocupados em como se poderia secar a lagoa, Loi Rubi e Laku Rubi propuseram outra solução:

– Seria ótimo se quebrássemos aquela montanha de pedra, dividindo em duas, para que assim as águas pudessem fluir para *tasi feto*.

No entanto, seria muito difícil quebrar a montanha, então o Loi Rubi e o Laku Rubi decidiram fazer uma viagem ao *tasi mane* para buscar ajuda de alguns habitantes. Essa viagem foi muito difícil, pois estavam cansados, famintos, sedentos e quase a perder seus entusiasmos. Contudo, como estavam a pensar mais nas dificuldades e sofrimento dos seus povos, continuaram a viajar sem perder a esperança.

Ao chegar ao *tasi mane*, mais especificamente a um lugar chamado Mar de Luca, o Loi Rubi e o Laku Rubi, que tinham poderes mágicos, transformaram-se em uma grande jiboia. Em seguida, mergulharam no mar e foram falar com o líder de cada uma das criaturas marinhas, a saber, o líder dos caranguejos, dos peixes,

⁵⁴ Palavra em língua tétum que significa respectivamente ancião e anciã.

⁵⁵ Tradução literal: mar mulher. *Tasi feto* é o termo utilizado para designar o mar da parte norte do Timor-Leste em contraste com o termo *Tasi mane* - mar homem - para designar o mar da parte sul.

das lagostas, dos polvos e de outras criaturas que viviam naquele mar.

O Loi Rubi e o Laku Rubi perguntaram-lhes se eles poderiam ajudar a quebrar aquela montanha de pedra. Eles responderam que não poderiam lhes ajudar porque eles não tinham força suficiente para quebrar aquela montanha e disseram que seria melhor que eles fossem procurar outros companheiros.

O Loi Rubi e o Laku Rubi sentiram-se muito tristes por não terem conseguido ajuda. Porém, continuaram a mergulhar até alto mar, pois tinham esperança de que houvesse outra criatura que vivesse no mar e que pudesse lhes ajudar. Logo, encontraram dois crocodilos fêmeas, uma chamava-se Lalu Ai e a outra Sibi Rubi. Naquele momento, eles foram logo contando aos crocodilos sobre as suas preocupações.

Os crocodilos trataram Loi Rubi e Laku Rubi com muita gentileza e disseram-lhes que poderiam ajudar:

- Pronto, nós podemos ajudar-vos! Mas, se não conseguirmos quebrar a montanha de pedra, não faz mal, pois não? E se conseguirmos, o que é que vocês irão nos oferecer?

Então Loi Rubi e Laku Rubi responderam imediatamente:

- Se vocês conseguirem, prometemos nos entregar completamente a vocês.

Os quatro concordaram uns com os outros e juntos tomaram o caminho de volta, sendo que Loi Rubi e o Laku Rubi, que naquela altura estavam em forma de jibóia, voltaram a sua forma de homens e os dois crocodilos fêmeas transformaram-se em duas mulheres. Depois desse grande acontecimento, regressaram juntos para a montanha de pedra em Venilale.

No momento em que os quatro estavam se aproximando da montanha, as mulheres, que antes eram crocodilos, estenderam as suas mãos para o céu, e imediatamente viu-se um grande relâmpago. Depois relampagueou mais quatro vezes e mesmo assim a montanha de pedra ainda estava intacta. Mas os relâmpagos continuaram até completar sete vezes. De repente a montanha de pedra quebrou-se e dividiu-se em duas partes. Naquele momento a água escorreu fortemente para o *tasi fetu*, durante sete dias e sete noites, até a terra ficar seca.

Todas as pessoas aplaudiram, ficaram muito felizes e admiradas pelo milagre que Sibi Rubi e Lalu Ai haviam operado.

Os quatro resolveram se casar e a população fez uma grande festa para celebrar o casamento de Sibi Rubi com Loi Rubi, e Lalu Ai com Laku Rubi, cumprindo dessa forma o acordo firmado quando ainda estavam em forma de animais.

A Sibi Rubi e o Loi Rubi não tiveram descendentes, mas a Lalu Ai e o Laku Rubi tiveram filhos, netos e suas gerações permanecem firmes até os dias atuais.

Finalmente, aquele lugar onde antes só havia água, transformou-se numa aldeia que se chama Loi-Rubi e Laku-Rubi, onde há muitos habitantes hoje em dia. Essa aldeia fica ao pé das duas montanhas de pedra denominadas também Loi-Rubi e Laku-Rubi, que foram divididas e onde antes havia uma lagoa. Outras aldeias surgiram na região de Venilale e receberam os nomes dos outros líderes citados no começo da história: Adadi, Arame e Kai Tia.

Biografia do contador do *ai-knanoik*:

Esta história foi contada pelo *lia na'in* Januário da Costa, de 96 anos, conhecido por Janu ou Meloi. Ele nasceu em Watubaha-Loi Rubi, posto administrativo de Venilale, município de Baucau. Ele ficou muito contente em poder transmitir essa riqueza cultural e disse que foi seu avô quem lhe contou esta história quando ainda era criança.

***Ai-knanoik* recolhido e registrado por:**

Genoveva Gaio Assis Ornai
Hélio Ornai
Lídia da Costa Xavier Pires

Olga Vicenta Freitas Boavida
Zulmira Assis Belo

3. Lagoa Gae-Nisi

O *ai-knanoik* a seguir é a história de origem de lagoa Gae-Nisi, no suco Letemumo, posto administrativo Quelicai, município de

Baucau. Entrevistou-se um *lia na'in* via telefônica, pois o tempo foi limitado para ir até o local. O *lia na'in* contou detalhadamente o que acontecera naquele lugar cerca de mil anos antes. Nessa aldeia havia muitos *lia na'in*, mas o primeiro que foi entrevistado sabia toda a história e por isso não foi necessário entrevistar outras pessoas.

Durante a entrevista, utilizou-se a língua materna makasae, por ser a língua mais falada no município de Baucau. A entrevista durou cerca de uma hora. Para o processo de registro da lenda, primeiramente se escreveu em língua tétum e em seguida foi feita a versão em língua portuguesa. Antes da pesquisa, alguns dos componentes do grupo de pesquisadores já haviam escutado esta lenda, porém não lembravam muito bem da narrativa.

Antigamente, havia uma grande e estreita fonte de água chamada Gaen-Liu. Dentro daquela nascente vivia sua dona, uma enguia. Gaen-Liu ficava situada no meio do mato, longe das moradias da comunidade.

Um dia, uma rapariga que pertencia à família Lia Toe foi buscar água naquela nascente. Porém, como ficava muito longe de onde ela morava e era verão, ela saiu de casa muito cedo da manhã e foi até a nascente, pois nessa época do ano as fontes que haviam perto da sua casa estavam todas secas.

Ao chegar a Gaen-Liu, antes de pegar a água, a rapariga ajoelhou-se e inclinou a cabeça para beber água e só depois pegou a água que iria levar. Em seguida, quando já iria voltar para casa, de repente apareceu a enguia. Naquele momento, a enguia transformou-se em um homem, saiu de dentro d'água e foi para terra seca. Assim que a rapariga viu isso, ficou com muito medo e tentou fugir, mas o homem disse-lhe:

– Não precisa ter medo porque não vou lhe fazer mal, só preciso da sua ajuda.

O homem começou a aproximar-se da jovem, que então perguntou:

– De que ajuda você precisa? - O homem de pronto respondeu:

– Eu quero casar com você.

Entretanto, a rapariga disse: – mas eu preciso voltar para casa para dizer isso aos meus pais.

Assim que ela regressou à casa, o homem entrou outra vez para a água e voltou a se transformar em enguia. Chegando em casa, a rapariga não contou nada do que lhe havia acontecido aos seus pais.

Outro dia, ela foi novamente buscar água naquela fonte. Mas, ao chegar lá, viu a enguia que estava a nadar suavemente de um lado para outro. A rapariga já não teve medo e começou a pegar a água. Ao terminar, a enguia saiu da água, transformou-se novamente em homem e juntos foram até a casa dela.

Chegando à casa, os pais ficaram assustados e perguntaram à sua filha: – quem é este homem? - A rapariga começou a contar-lhes tudo o que lhe havia acontecido, desde o início até o seu regresso à casa juntamente com o rapaz.

No dia seguinte, a rapariga, juntamente com sua família, foi até a estreita nascente com a intenção de aumentar a sua largura e fazerem um paredão de pedras ao seu redor.

De acordo com a tradição, antes de começarem a fazer o trabalho para reformar a fonte, eles teriam que realizar uma cerimónia segundo a tradição da família *Lia Toe* e lá foram eles.

Durante a cerimónia, que durou três dias, mataram e ofereceram animais como forma de agradecimento ao espírito dono da terra. Em seguida, o *lia na'in* de Lia Toe convocou toda a comunidade para fazer um juramento seguindo a cultura local, dizendo:

– A partir desta data, as novas gerações de Lia Toe não podem comer enguia, e se alguém comer ficará doente. Mas, se alguém esquecer disso e comer a carne da enguia terá que beber água daquela fonte e só assim voltará a ter saúde. Depois, se melhorar, precisa matar qualquer animal como forma de agradecimento à enguia.

Depois do Lia Toe ter realizado a cerimônia, determinou também que deveriam construir a *uma lulik* (casa sagrada) ao pé da fonte para que as novas gerações pudessem conhecer a origem delas. Além disso, as pessoas de Lia Toe deviam ir viver ali para que assim cuidassem dos animais que viviam na fonte de Gaen-Liu.

Eles construíram então a *uma lulik* ao pé da fonte e a casa foi ocupada pelos dois. O tempo foi passando, o *lia nai'n* foi ficando velho e, quando morreu, a família colocou seu corpo dentro de um buraco que havia naquela nascente.

No dia seguinte à sua morte, choveu o dia inteiro, desde a manhã até a noite. Quando a chuva parou, a família do avô foi até a fonte de água e viu que aquela nascente havia se transformado em uma grande lagoa. Seguindo a tradição cultural os anciãos nomearam a lagoa de Gae-Nisi.

Biografia do contador do *ai-knanoik*:

Esta história foi contada pelo *lia na'in* Raul Sarmento, agricultor, nascido em 9 de agosto de 1936 na aldeia de Ruta, suco Letemumo, posto administrativo de Quelicai, município de Baucau. O senhor Raul é a pessoa mais velha da tradição Lia Toe. Ele ficou muito contente em ser entrevistado e disse que já havia contado essa história para seus netos.

Figura 5: lagoa Gae-Nisi.



Fonte: registro feito pelos estudantes no momento da recolha.

***Ai-knanoik* recolhido e registrado por:**

Domingos Sávio Ximenes Belo
Justina Belo
Verónica dos Reis Pinto

Nóvia Octaviana da Silva
Romualdo Paulo Sarmento

BOBONARO

Lenda *Bee-Manas* de Marobo e *Bee-Malae*

1. Lenda *Bee-Manas* de Marobo⁵⁶

No princípio, esta pesquisa seria sobre a lenda da origem do município de Bobonaro, porém não foi possível obter uma lenda, apenas alguns relatos de fatos históricos. Então, decidiu-se pesquisar novamente e registrar esta outra lenda, que é a história de origem de “Bee Manas Marobo” do suco de Marobo, posto administrativo de Bobonaro, município de Bobonaro. Para tanto, fez-se uma entrevista com um *lia na'in* local.

Além dessa lenda, também se entrevistou o ancião sobre outra lenda, mas ele disse que só poderia contar essa outra história depois de se fazer um ritual como símbolo de pedido de autorização aos antepassados. Segundo ele, se não fosse realizado o ritual, seria muito perigoso para a vida de quem ali estivesse. Para realização do ritual levaria muito tempo, haveria de matar um galo ou um porco, e somente depois o ancião poderia contar a história. Por isso resolveu-se ouvir apenas a história de Bee Manas Marobo.

A entrevista foi realizada em língua tétum e alguns dos pesquisadores só passaram a conhecer essa lenda após esta investigação, mesmo sendo oriundos de Bobonaro.

Antigamente, na época dos nossos antepassados, houve uma grande erosão na parte de Atsabe, que fica na divisa do município de Ermera com o município de Bobonaro, até Cailaco que já faz parte do município de Bobonaro. Essa erosão aconteceu durante sete dias e parece haver uma relação com o dilúvio no tempo do profeta Noé.

Naquele tempo, muitos animais e pessoas daquela região morreram, estragaram-se as hortas e até as casas foram destruídas. Depois de sete dias, a terra começou a se aquietar novamente.

⁵⁶ Bee-manas ou águas termais.

Em Atsabe, havia uma mulher que se chamava Minak Resi, os pais e a família dela foram mortos por causa de uma grande erosão. Minak Resi ficou sozinha vivendo em Atsabe e, para seu sustento, ela fez uma pequena horta.

Um dia, quando Minak Resi foi preparar a comida na cozinha, não havia lume para ela cozinhar. Então ela começou a pensar:

- Se não há lume, como poderei cozinhar? Tenho que ir procurar ou morrerei de fome. Então ela saiu de Atsabe à procura de lume, andou no mato durante dois dias, mas não encontrou ninguém por lá, ao chegar a uma sombra, sentou-se. De repente, viu uma fumaça, como se alguém estivesse fazendo queimadas na área de Bobonaro. Ficou muito feliz ao ver aquela fumaça e começou a fazer um *dadolin*⁵⁷:

Ha'u nai eeeeehhhh

Di'ak liu hotu...

Ha'u, balada no ai-horis

Sira, simu ba hasouru ahi.

Ó le le le

Oh, Meu Deus eeeeehhhh

O mais bondoso

animais e plantas

Que recebam o lume que eles encontrarem

Ó le le le

Depois de fazer o *dadolin*, continuou a caminhar em direção à fumaça. Ao chegar lá, ela entrou na casa e viu que não havia ninguém lá dentro, mas havia muita comida. Então ela perguntou-se:

Esta casa está vazia, o dono não está, mas quem é que acendeu este fogo?

Naquele momento viu o lume, começou a cozinhar, colocou as comidas na mesa e foi embora buscar água.

O dono da casa era um homem de Bobonaro, que se chamava Bote Mau⁵⁸ e havia ido para horta. Quando o Bote Mau voltou da horta, viu as comidas preparadas em cima da mesa e perguntou-se: – hmmmmmmmmmmmm, quem é que cozinhou todas essas comidas? – Bote Mau ficou muito confuso.

⁵⁷ Este *dadolin* é também uma prece.

⁵⁸ Tanto em tétum como em mambae, *bote* significa: cesto artesanal em geral feito de bambu e munido de uma corda presa, em dois lados na borda, de modo a poder-se pendurá-lo da cabeça [L.C.].

Quando Minak Resi voltou à casa de Bote Mau, carregando a água em um tubo de bambu, ficou muito assustada ao ver que havia um homem dentro de casa. Seu susto foi ainda maior por ver que ele estava nu, pois O Bote Mau não tinha nenhuma roupa para vestir e quando viu a rapariga sentiu-se muito envergonhado, foi esconder-se debaixo da esteira e disse:

– Não se aproxime de mim porque estou nu.

Minak Resi respondeu:

– Não precisa ficar com vergonha, só vim buscar lume, pois na minha casa já não há fogo para eu cozinhar. Eu tenho um *tais* aqui e pode usar para se cobrir.

Minak Resi deu-lhe o *tais* e o homem começou a se vestir e saiu de debaixo da esteira. Naquele momento, Minak Resi pediu-lhe o lume, Bote Mau sentiu desejo de casar-se com ela, então logo se casaram e tiveram um filho que se chamou Loko Mau.

Começaram a fazer hortas e viveram como agricultores em Bobonaro. Loko Mau estava crescendo. Quando já estava um rapaz, o pai deu-lhe a responsabilidade de cuidar da horta.

O verão havia começado e o mato já estava bem seco, então começaram a preparar a terra para fazer hortas. Quando Loko Mau começou a tocar fogo no mato seco, a chuva começou a cair e o mato não conseguia pegar fogo, mas ele continuou tentando, porém sem sucesso. Durante sete dias Loko Mau voltou para casa preocupado. Ao chegar em casa o seu pai perguntou-lhe:

– Conseguiu queimar o mato ou ainda não?

Loko Mau respondeu com tristeza:

– Já ateei o fogo, mas não resultou em nada.

Bote Mau já estava muito velho e já não podia andar, mas gostaria de ir lá no mato atear o fogo, então pediu ao filho:

– Amanhã, leve-me à horta.

O filho fez a vontade do pai. Mas, como ele já estava muito velho e não podia mais andar, o filho colocou-o dentro de um *bote* e o transportou até o local.

Quando chegaram lá no mato, Bote Mau começou a rezar para chamar o vento de Balibó e Cová, de Se-Dato e Rai-Mean, de Díli e de Bidau⁵⁹. Em seguida, tentou acender o fogo, e rapidamente o

⁵⁹ Localidades timorenses.

vento começou a soprar muito forte, alastrando-se por toda parte, de forma que não deu tempo de Bote Mau sair dali e salvar-se.

O fogo queimou todo o mato e o corpo de Bote Mau, com exceção da sua barriga, a qual Loko Mau enterrou ali mesmo no mato. O que não se esperava era que naquele local surgiria uma nascente de água quente, a qual mais tarde se deu o nome de “Bee Manas Marobo”.

Naquele momento, Loko Mau rogou ao pai que alargasse e aumentasse mais aquela nascente. Hoje em dia a água de Marobo escorre até uma ribeira chamada Loes. Essas águas termais podem ser utilizadas para curar doenças de pele como a lepra.

Figura 6: águas termais de Bobonaro.



Fonte: registro feito pelo grupo de estudantes no momento da recolha.

Biografia do contador do *ai-knanoik*

Esta história foi contada pelo ancião e agricultor Eugénio da Costa, nascido em Bobonaro em 10 de setembro de 1942. Ele afirmou que costumava ouvir histórias como essas através dos *lia na'in*, nos momentos de cerimônias tradicionais como o *sau batar*⁶⁰ e outras. Disse que se sentiu contente quando foi entrevistado e acrescentou que percebe que as novas gerações também estão tendo interesse em saber a história de origem dos seus municípios, suco e aldeia.

⁶⁰ Cerimonial em que o sacerdote animista asperge o milharal, entre toques estrondosos de tambores, latas ou bambus para espantar e expulsar os espíritos maus, e depois oferece as primeiras colheitas aos deuses. [L.C.]

Figura 7: Sr. Eugénio da Costa.



Fonte: registro do grupo de estudantes realizado no momento da recolha.

***Ai-knanoik* recolhido e registrado por:**

Ângelo dos Santos Jerónimo
Francisca de Jesus
Libânia dos Santos

Marcelina Idalina de Jesus

2. Lagoa Bee-Malae

A lenda a seguir é a lenda de origem da lagoa de Bee-Malae, que se situa na aldeia de Miguir, suco Aidaba-leten, no posto administrativo de Atabae, município de Bobonaro.

A história foi coletada em Díli, pois o ancião que contou a história reside na capital, e por isso não foi necessário ir até o seu lugar de origem. A língua utilizada no processo de recolhimento de dados foi a língua tétum, especialmente para facilitar a comunicação durante a entrevista. Porém, devido a falha do equipamento utilizado na entrevista para gravação, foi necessário refazer a recolha dos dados, obtendo assim resultado satisfatório.

Há tantos anos atrás, havia uma família que tinha seis irmãos e que vivia numa aldeia chamada Gaen-Dulaus. Todos os dias cada um fazia o seu trabalho para sobreviver, alguns trabalhavam na horta, na várzea, e alguns tomavam conta dos animais. Mas essas não eram as atividades de Mali Sala, o último filho da família. Todos os dias ele ia passear no mar e pescar, e isso fez com que os seus irmãos o considerassem um homem preguiçoso e não gostassem dele. Apesar de Mali Sala ter como preferência pescar, ele também plantou alguns beteis.

Numa manhã, bem cedinho, Mali Sala levou o seu anzol, que era feito de ouro, e foi pescar no mar. Ao chegar lá, ele sentou-se na orla da praia à sombra de uma árvore e se sentiu relaxado. Passou o dia inteiro a pescar, mas nada encontrou, ficando assim muito triste. No momento em que decidiu voltar para casa, sentiu que seu anzol estava muito pesado. Tentou erguê-lo, mas não conseguiu, porque a linha do anzol já tinha se arreventado e ele ficou ainda mais desesperado.

Alguns dias depois, Mali Sala foi ver sua plantação de beteis, ao chegar lá assustou-se porque os beteis estavam todos estragados. Com isso, ele ficou furioso e queria saber quem havia feito tudo aquilo, então decidiu ficar lá para espreitar.

Mais alguns dias se passaram até que Mali Sala conseguiu capturar os suspeitos. Ele, porém, ficou boquiaberto ao descobrir que não eram pessoas que lá estavam e estragar sua plantação, mas sim dois papagaios. O Mali Sala perguntou-lhes curiosamente:

– Porque vocês fizeram isso? Vocês não sabiam que estes beteis me pertencem?

Um dos papagaios respondeu:

– Desculpe senhor, não sabíamos que estes beteis eram seus e precisávamos muito deles.

Mali Sala insistiu em perguntar:

– Mas para que vocês querem estes beteis?

Os dois responderam que seria para curar o rei deles, que havia sofrido um ferimento na garganta. Mali Sala não acreditou no que os papagaios estavam a dizer, então eles pediram que o Malisala os acompanhasse até o lugar onde o rei morava, assim eles poderiam lhe provar que o que estavam a lhes falar era pura verdade.

Assim, os papagaios levaram o Mali Sala para visitar o rei e ver de perto a sua condição. Ao chegarem à praia, um dos papagaios mandou-lhe fechar os olhos. Só passou um tempinho, e assim que ele abriu os seus olhos, já estava num palácio enorme e luxuoso. Eles dirigiram-se ao quarto do rei e Mali Sala viu que o velho rei, que era um crocodilo, estava imóvel, pálido e com o pescoço inchado. Isso fez com que Mali Sala lembrasse o acontecimento que havia decorrido alguns dias antes lá no mar, naquele momento em que ele estava a pescar e seu anzol ficou muito pesado até que a linha se arreventou. Logo, Mali Sala ficou assustado ao perceber que naquela altura da pescaria o seu anzol havia ferido o rei crocodilo. Ao entender isso, o rapaz disse ao rei que ele possuía um remédio para curá-lo. Mali Sala despediu-se para regressar à casa e ficou a refletir como faria para curar o rei.

Ao chegar em casa, pegou um espinho de *palapa*⁶¹ e no dia seguinte foi novamente ao palácio para curar o crocodilo. Assim que chegou, mandou o crocodilo fechar os olhos e abrir a boca largamente e o crocodilo obedeceu. Mali Sala tirou o anzol da garganta do crocodilo e mostrou ao rei o espinho de *palapa*, que ele já tinha escondido dentro da *lipa*⁶² que estava vestido, afirmando que aquele espinho era o que estava na sua garganta. Imediatamente o crocodilo ficou curado.

Aquele ignorante crocodilo não desconfiou que era o anzol de Mali Sala que estava na sua garganta, achando que era o espinho ofereceu-lhe toda a sua fortuna como forma de agradecimento. Mas Mali Sala só escolheu uma parte da fortuna: os búfalos que o rei possuía. O crocodilo concordou e disse-lhe:

– Vá para sua terra e construa um imenso curral.

Mali Sala obedeceu-lhe, e, depois de o curral está pronto, os búfalos foram aparecendo um a um, até que aquele grande curral ficou cheio de búfalos.

Após obter as riquezas do crocodilo, a vida do Mali Sala transformou-se e ele tornou-se um homem bem abastado. Logo decidiu casar com Bui Rai. Eles se amaram e tiveram os frutos do

⁶¹ Árvore de caule simples, folhas grandes e com espinhos no tronco.

⁶² Vestimenta tradicional timorenses.

seu amor, um menino e uma menina. Viviam muito felizes e nada lhes faltava.

Isso fez com que os seus irmãos o invejassem muito e tentassem de milhares de maneiras estragar a felicidade de Mali Sala. Na opinião deles, Mali Sala era preguiçoso e não merecia ter toda aquela riqueza. Todos os dias eles maltratavam o Mali Sala.

Com isso, Mali Sala ficou muito triste e, não aguentando mais, decidiu queixar-se das atitudes dos seus irmãos ao seu belo amigo crocodilo.

O crocodilo, ao ouvir as queixas do seu amigo, teve muita pena dele e tentou consolar-lhe perguntando de que forma poderia ajudá-lo. Mali Sala respondeu que o crocodilo é que sabia o que poderia fazer para ajudá-lo. Então, o rei crocodilo mandou Mali Sala ir buscar água na nascente com o seu filho num lugar chamado Kor-Luli. No entanto, ao chegarem à nascente, eles não conseguiram pegar a água porque algo muito estranho acontecia, no momento em que eles iam encher a vasilha, o nível da água baixava. Então, resolveram voltar à casa para depois ir novamente ao palácio do rei para informar-lhe aquilo que decorrera na nascente.

Ao chegar ao palácio e informar tudo ao rei, o rei pediu a Mali Sala que, em vez de levar o seu filho, levasse a sua filha chamada Koro Bili. Mali Sala obedeceu, mas, no momento em que eles pegavam a água, a menina afundou-se na nascente.

Mali Sala ficou muito triste e regressou sozinho com a água. Assim que chegou, ele foi outra vez ao palácio do seu amigo e perguntou-lhe o que deveria fazer com aquela água. O crocodilo mandou que ele a guardasse em cima do teto da casa. Aconselhou-o ainda a matar o resto dos animais que ele possuía para fazer uma festa. Mali Sala mais uma vez obedeceu ao rei e festejou juntamente com os habitantes da aldeia durante sete dias e sete noites.

No decorrer da festa, Mali Sala informou às pessoas da aldeia, com exceção dos seus irmãos, que deveriam subir até o topo da montanha para que pudessem salvar suas vidas. Algo iria acontecer, apesar de ele também não saber o que estava por vir.

Depois que a festa terminou, Mali Sala foi dizer ao crocodilo que já havia feito tudo o que ele havia pedido e perguntou o que deveria fazer mais. O rei disse:

– Vá e faça um barco para que possa se salvar, e também salvar sua esposa e seu filho. Depois que o barco estiver pronto, derrame a água que você colocou sobre o teto da casa.

Mali Sala depois de ter feito o barco, colocou uma panela de barro sobre o lixo e atou carne com osso junto da coluna sagrada da casa.

Mali Sala e a sua família subiram para o barco. Naquele instante alguns cães começaram a brigar para obterem os ossos que Mali Sala havia pendurado naquela *sanan rai* (panela de barro), mas de repente a panela quebrou-se e a água derramou-se, inundando toda aquela aldeia.

Todas as pessoas que ali estavam, inclusive seus irmãos, afundaram-se naquelas águas e morreram, enquanto Mali Sala, sua mulher e seu filho partiram no barco para outro lugar.

A partir daquela tragédia a aldeia transformou-se em uma lagoa chamada de Bee-Malae e, até hoje, somente no mês de agosto é permitido pescar ali. Até poucos anos atrás, a tal coluna sagrada da casa estava dentro daquela lagoa.

Figura 8: Ilustração da história Bee Malae



Fonte: ilustração de Octávio de Sousa

Biografia do contador do *ai-knanoik*:

Esta história foi relatada por Januario Tavares, carpinteiro, nascido em 10 de novembro de 1968, na aldeia Koitapo do suco Aidaba-Leten, posto administrativo de Atabae, município de Bobonaro. Na opinião dele, as histórias tradicionais devem ser contadas aos jovens para que eles possam conhecê-las e transmiti-las às gerações seguintes. Ele disse que essas histórias são como uma herança cultural que deve passar de geração a geração.

***Ai-knanoik* recolhido e registrado por:**

Alcino Moniz
Aquilina Moniz
Anatércia Guilhermina
Camélia D. R. Sari
Francisca de Fátima
Juvanio Golveia

COVA-LIMA

Lenda de origem *Suai-Loro*

A lenda a seguir é a história da origem do posto administrativo de Suai, município de Cova-Lima. A pesquisa foi realizada no suco Suai-Loro, aldeia Mane-Ikun. Realizou-se uma entrevista com dois *lia na'in*, sendo um de 75 anos, todavia, não foi possível, compreender toda a história que ele contou, e por isso buscou-se outro, de 58 anos, para ajudá-lo a contar a história até o fim. Depois disso, o *lia na'in* afirmou que não poderia contar todos os detalhes porque esta história é considerada uma história sagrada.

A entrevista foi realizada em língua tétum-terik e durou cerca de quatro horas. Em seguida a escuta em tétum-terik, elaborou-se uma versão da história em tétum-praça e depois uma versão em português.

Apesar de os pesquisadores serem oriundos do município de Cova-Lima, só depois desta pesquisa passaram a conhecer esta história de origem desse município.

Antigamente, quando a terra começou a secar, havia um lugar que era muito silencioso. Esse lugar era ocupado por macacos e chimpanzés, e eles sempre procuravam os homens para matá-los e comê-los.

Os homens que moravam lá tinham medo de sair para procurar alimento, não havia ninguém que vivesse livre, pois tinham medo de serem atacados pelos chimpanzés, por isso só saíam nas horas de descanso. Naquele lugar havia um homem mais velho que era o líder, ele chamava-se Endik, mas ele também tinha medo, porque não tinha nenhuma força para contra-atacar aqueles chimpanzés.

Não se sentindo livre, o Endik procurava uma maneira para se assegurar diante daquelas circunstâncias. Numa determinada manhã, quando ainda estava escuro, ele foi procurar seu sobrinho, que se

chamava Mau Leki. Encontrou o menino sentado em uma pedra muito assustado, então Endik perguntou:

– Você quer ir se esconder comigo?

Mau Leki respondeu:

– Sim, tio Endik, eu quero ir contigo, pois este lugar não é seguro para nos salvarmos dos ataques dos chimpanzés.

Depois disso, tiveram a mesma ideia de irem procurar um lugar para se refugiarem, então andaram, andaram até chegar no mar. No meio do caminho, de repente Mau Leki se assustou ao ver uma grande árvore, como estava muito escuro não conseguia enxergar direito e então pensou que a árvore fosse um chimpanzé.

O menino exclamou:

– Ai! Pá! Meu Deus! Por que esta vida é cheia de espinhos?

Respondeu o Endik

– Oh! Meu filho, por favor, não percas o ânimo, porque o que tu viste não é igual ao que tu pensas.

Os dois continuaram a andar até chegarem a um lugar calmo e tranquilo em que poderiam descansar. Depois de descansar fizeram um plano: combinaram que deviam fazer um grande buraco para se esconderem. À noite, eles começavam cavar a terra até formar uma caverna para lá viverem. Todos os homens que moravam naquele local viviam nos buracos das árvores grandes e em cavernas para não serem atacados pelos chimpanzés.

Um dia, um *liurai* chamado We Hali, que tinha poder máximo na região, veio de um local que se chamava Betun. Ele foi o primeiro rei daqueles tempos que tinha muita força para lutar contra qualquer inimigo, até mesmo os chimpanzés. Ele teve uma ideia e fez uma primeira reunião para preparar um plano estratégico de como salvar os reinos daquele lugar.

A segunda reunião foi sobre como fazer as armas para atacar os chimpanzés. O *liurai* We Hali sabia que os animais também utilizavam armas para matar os homens: pedras afiadas e ferrões.

Depois, We Hali fez um plano para melhorar a segurança dos reinos. A pessoa responsável por coordenar esta tarefa foi um coronel chamado Bere que também tinha a missão de construir uma embarcação para chegarem até o lugar onde viviam as pessoas amedrontadas pelos chimpanzés. O barco foi feito e iniciou-se a viagem – foram dois dias de navegação pelo mar.

Durante a viagem, eles não dormiram porque tinham de vigiar para que os chimpanzés não os atacassem. O *liurai* We Hali também não dormiu pensando em uma estratégia de como entrar naquele lugar selvagem. De fato, ele arranhou armas e teve boas ideias sobre como matar os chimpanzés.

Ao chegarem ao lugar, o *liurai* começou a reunir os soldados e o coronel Bere para dirigir a missão, mas o coronel disse ao *liurai*:

– Sinto que não podemos continuar com esta luta, pois o plano para matarmos os chimpanzés não é seguro.

O *liurai* respondeu:

– Coronel, eu sou o primeiro *liurai* neste reino, então é minha responsabilidade salvar as pessoas daqui.

Sendo assim, o coronel Bere cumpriu tudo que o *liurai* havia ordenado. A luta durou cerca de um mês. Alguns chimpanzés tinham medo da enorme força do *liurai* We Hali. Sua força era sua sorte. Alguns chimpanzés fugiram daquele lugar por não suportarem a enorme força de We Hali.

Depois daquela luta, o Endik, líder daquele lugar e o menino Mau leki saíram da caverna em que se esconderam e agradeceram imensamente ao rei We Hali porque o reino havia sido salvo por a We Hali. O velho Endik e o Mau Leki fizeram um acordo com o *liurai*, porque por meio do seu esforço aquele reino tinha sido salvo. Naquele momento Endik pediu-lhe para viver naquele local e o *liurai* atendeu o seu pedido.

Foi então que o Endik nomeou o lugar de Su'urai. O lugar foi liderado pelo *liurai* We Hali por várias gerações. O primeiro neto do *liurai* We Hali chamou-se Mane Loro e ele resolveu mudar o nome do lugar de Su'urai para Suai-Loro, acrescentando assim o seu apelido ao nome do lugar. Atualmente, as novas gerações consideram *Suai-loro* como um nome histórico que as novas gerações precisam preservar bem.

Biografia do narrador

A história foi contada por dois anciões, um que se chama Guilherme Mendonça, natural de Cova-Lima, suco Suai-Loro, aldeia Lo'ó, 75 anos, agricultor e tem cinco filhos e sete netos. O outro ancião chama-se António Barros é também natural daquela localidade, tem 58 anos e tem três filhos.

***Ai-knanoik* recolhido e registrado por:**

Anita Mesquita
Bendita do Carmo
Cristina do Carmo
Emiliano Gomes
Florentina de Jesus
Gertrudes Gusmão
Maria Juliana Antonio

DÍLI

Lenda de origem da aldeia de *Bee-Cussi*

Esta pesquisa trata sobre o *ai-knanoik* de origem da aldeia Bee-Cussi, localizada no suco de Becora, município de Díli, capital do país. O nome Bee-Cussi significa *água* que aparece dentro de um pote de barro que, em língua tétum é chamado *cussi*.

O processo da pesquisa correu muito bem porque os anciões quiseram contar a história para que as novas gerações pudessem saber a origem da aldeia onde eles vivem. Eles ficaram contentes ao falar sobre a história, pois muitas pessoas que ali vivem não sabem como surgiu o lugar. Após a entrevista, realizada em tétum, os pesquisadores resolveram tirar fotografias daquela aldeia, porém não se pôde tirar foto perto da nascente porque esse é um lugar considerado sagrado. O ancião disse que se alguém teimasse em ir até lá poderia ficar louco ou inconsciente até morrer.

Segundo os antepassados, antigamente essa aldeia não tinha água para suprir as necessidades das pessoas. Então, um dia, um cãozito que andava a passear sentiu-se com sede e foi em busca de água para beber. Em certa altura, olhou à direita e viu uma fonte de água que nascia dentro de um *cussi*. O cão ficou muito feliz e pulou para dentro do *cussi*, molhando-se todo.

Ao pôr do sol, o cão regressou molhado em casa, e ao chegar os velhos olharam-no admirados e se questionaram-se como ele poderia estar molhado se naquela aldeia não havia água. Então, os anciões daquela aldeia chamaram uns aos outros para uma reunião para falar sobre o motivo que fez com que o cão encontrasse água. Um dia, os anciões teceram um cestinho de palha daqueles utilizados para cozinhar *katupa*⁶³ e penduraram no pescoço do cão. Mas antes, eles encheram o cestinho de cinza e furaram um buraco para que quando o cão andasse o pó da cinza fosse caindo pelo

⁶³Comida típica timorense que consiste em um arroz preparado com leite de coco e que é cozido dentro de um cestinho artesanal feito de palha

caminho. Depois mandaram o cão ir em direção à água que havia encontrado.

Ao chegar lá, o cão entrou na água e se molhou com o cestinho no pescoço. Após banhar-se, voltou para casa. Os anciões viram que não havia mais cinza dentro do cesto. Então, eles chamaram uns aos outros para andarem juntos, percorrendo o caminho por onde a cinza havia caído até chegar ao lado de uma montanha. Ao olharem para o lado direito, viram logo a água que nascia dentro de um *cussi*. Admiraram-se, mas não puderam chegar muito perto porque de repente escureceu e a água, que era transparente e brilhava como um pano branco, começou a emanar um cheiro forte. Embora estivesse escuro, resolveram aproximar-se um pouco da fonte para ver a água que surgia lá de dentro. Não era muita água, mas era uma fonte muito linda.

Os anciões queriam pegar água para beber, mas apareceu um sinal que os deixou assustados, então tiveram medo e voltaram imediatamente para casa. Quando chegaram em casa, reuniram a população local e contaram que naquela aldeia havia uma nascente muito linda, então sentaram-se juntos e decidiram chamar aquela aldeia de “Bee-Cussi”. Os anciões também alertaram a população daquele lugar, que não poderiam se aproximar daquela nascente, pois quem o fizesse poderia ficar louco ou inconsciente até morrer.

Atualmente, a aldeia é habitada por muitas pessoas e a sua população tem aumentado cada vez mais.

Biografia do contador do *ai-knanoik*:

Esta história foi relatada pelo Mali Mau, *lia na'in* da aldeia de Bee-Cussi. Nascido no dia 10 de janeiro de 1939, na aldeia de Camea, suco de Becora, posto administrativo do Cristo Rei, município de Díli. No tempo da colonização portuguesa, ele trabalhava como marinheiro no porto de Díli.

***Ai-knanoik* recolhido e registrado por:**

Laura Maher Smith & Leonávia C. dos Santos

ERMERA

Lenda de origem de *Rai-Laku*

Esta pesquisa foi realizada no posto administrativo de Rai-Laku, no município de Ermera. Foi utilizada a língua mambae, depois foi feita a tradução para a língua tétum e por último para a língua portuguesa.

Para esta pesquisa procurou-se um *lia na'in* da localidade, mas como a história que ele contou não ficou totalmente clara para o grupo de pesquisadores, resolveu-se procurar outro *lia na'in*, mas o resultado da segunda entrevista também não foi satisfatório. Procurou-se então o terceiro *lia na'in* e ele informou que os pesquisadores precisavam comprar alguns produtos para que fosse realizado um ritual tradicional. A cerimônia seria para pedir licença aos antepassados para que a história pudesse ser contada, escrita e divulgada. Caso contrário, quem contasse a história poderia perder a vida e a alma ou enlouquecer.

Sendo assim, providenciou-se um galo, vinho, *betel* e *areca*, e realizou-se a cerimônia, juntamente com o grupo de pesquisadores. Após a cerimônia, o *lia na'in* contou a história e assim foi possível fazer o registro.

A maioria dessas histórias de origem não podem ser contadas porque são consideradas sagradas ou história *namhodan*⁶⁴, como se diz em língua *mambae*.

Os pesquisadores, apesar de serem oriundos do município de Ermera, só passaram a conhecer esta lenda de origem da sua terra a partir desta pesquisa.

Antigamente, o posto administrativo de Ainaro dividia-se em dois postos que se chamavam Ainaro Leten e Ainaro Kraik. Ainaro *leten* era a parte de *umane*, ou seja, a parte que pertencia à família

⁶⁴ A palavra *namhodan* em língua mambae significa “noite”, neste contexto, metaforicamente, o termo *istoria namhodan* refere-se às histórias que se conta à noite.

dos homens. Ainaro *kraik* era a parte de *fetosan*, parte que pertencia à família das mulheres.

Esse suco era cheio de árvores e diferentes espécies de cafés, entre outras espécies da vegetação, havia ali *ai-teka*, *ai-samtuku*⁶⁵, *ai-sabaun*⁶⁶, sândalo, gondão, bambu, além de várias outras árvores frutíferas. Aquele lugar tinha um clima fresco e cheio de diferentes plantas, por isso *laku inan no laku aman*⁶⁷ apareciam lá, pois o lugar era seguro para eles.

Havia um jovem que vivia no suco de Ainaro Kraik e que se chamava Mau Meta. Era um jovem inteligente, bondoso, honesto, delicado, diligente e gostava de ajudar os outros.

Numa manhã, Mau Meta foi ao cafezal para limpar as ervas daninhas, quando de repente viu muitos *lakus* (civeta) e ficou muito assustado. Ao mesmo tempo, porém, ficou contente porque era a primeira vez na vida que via aquele animal, que se alimentava de fruto de café e do *hali*.

Como aquele espaço era favorável para o bem-estar da vida dos *lakus*, eles começaram a crescer, aumentar em quantidade e espalhar-se por todo território de Timor-Leste. Eles ficaram muito contentes e entusiasmados porque ninguém mais poderia matá-los.

No dia seguinte àquela manhã, Mau Meta com a sua família fizeram uma cerimónia tradicional de construção de *uma lulik* em um lugar sagrado que se chamava *Kmelpun*⁶⁸ e que fazia parte de Ainaro Kraik. Por meio dessa cerimónia é que os anciões aproveitaram a oportunidade para mudar o nome de Ainaro Leten e de Ainaro Kraik para Rai-Laku que significa “terra do *laku*”.

Biografia do contador do *ai-knanoik*

Esta história foi contada por Mau Hunu, agricultor nascido no tempo da ocupação japonesa em Timor. Ele tem 85 anos de idade, e é natural de Ermera, posto administrativo de Rai-Laku, e reside atualmente em *Rai-Laku kraik*, parte do suco Lihu. A história que ele contou ele aprendeu com a sua bisavó. Mau Hunu conta que

⁶⁵ Árvore também conhecida como Madre cacau.

⁶⁶ Árvore (*pygeum sp.*) de flores em cachos e de madeira acastanhada [L.C.]

⁶⁷ Civeta

⁶⁸ Nome de um lugar sagrado.

costumava ouvir essa história na *uma lulik* (casa sagrada) ou no momento de realização de cerimónias e rituais como *sau batar*⁶⁹ e construção de *uma lulik* e disse que sentia-se muito contente quando ouvia essas histórias. Na entrevista, o narrador ficou muito feliz pela oportunidade de passar essa história para outras gerações.

***Ai-knanoik* recolhido e registrado por:**

Ágata M. Dos Santos

Anselmo Soares Martins

Bendita da Cruz

Imelda Dina Reis Santos

Jaime Soares Gonçalves

Marta Pereira

Mónica de Araújo

Sabiano Maria de Deus

⁶⁹ Ver nota 60.

LIQUIÇÁ

Lenda de origem do suco *Vaviquinia* e *Tasi-Benu*

A lenda a seguir é a história de origem do suco de *Vaviquinia*, localizado no posto administrativo de Maubara, município de Liquiçá. Para a realização desta pesquisa, entrevistou-se um ancião daquele lugar. A entrevista durou cerca de meia hora e o entrevistado mostrou-se muito satisfeito em fazer parte desta investigação. Durante a entrevista, contou a história em sua língua materna, tokodede. O grupo traduziu o conteúdo da entrevista para o tétum e, por fim, fez-se uma versão em português. Esse processo de tradução/adaptação para o tétum e o português foi um pouco difícil, pois nem sempre se encontraram palavras equivalentes de tokodede para essas duas línguas.

Há muito tempo atrás havia um homem muito velho que se chamava José Nunes. Ele era alto, gordo, moreno e tinha uma barba bem comprida. Era um agricultor e trabalhava na horta todos os dias. Cultivava milho, mandioca, batata, abóbora, papaia e legumes. O suco onde ele morava, atualmente, chama-se *Vaviquinia* e fica localizado no posto administrativo de Maubara, município de Liquiçá.

Antigamente, porém, o lugar ainda não tinha esse nome e era pouco habitado. As pessoas que ali viviam não sabiam o nome do lugar. A comunidade era majoritariamente composta por agricultores. Todos os dias, eles sempre cuidavam da horta para que os animais não estragassem as plantas. Além disso, criavam também animais como porcos, cabritos, bois, búfalos, cães, galos, galinhas, cavalos etc. Naquela altura, não havia transportes públicos como atualmente. Os cavalos eram o meio de transporte terrestre disponível para eles. As plantações eram enormes e eles cultivavam todo tipo de plantas.

Um dia, já à tardinha quando os agricultores regressavam da horta para casa, de repente apareceu uma pedra grande e preta na

horta do senhor José Nunes. Essa pedra tinha a forma muito parecida com a de um *krose*⁷⁰. Antigamente, os porcos comiam nesse tipo de vasilha. Os *krose*(s) naquela época eram grandes, únicos e bonitos.

No dia seguinte, quando o velho foi à horta com o seu cavalo, ficou assustado porque viu aquela pedra, diferente das outras e que tinha um formato único. Amedrontado, ele disse:

– Por que é que há uma pedra em formato de *krose* na minha horta? Ah, parece que estou com sorte, porque sou uma pessoa pobre que não tem nada e agora apareceu esta pedra preciosa para mim.

O senhor José Nunes pegou a pedra e colocou-a cuidadosamente na sombra embaixo de uma árvore. Quando os outros foram à horta, ele chamou-os e disse:

– Vocês querem saber uma coisa?

– Sim, nós queremos saber – responderam – mas sobre o que se trata?

– Já vou contar, venham comigo até a horta.

Ao chegar à horta, o senhor José Nunes, antes de mostrar-lhes a pedra, mandou que fechassem os olhos e só abrissem quando ele mandasse. Quando eles abriram os olhos ficaram assombrados porque viram aquela pedra diferente e única.

– Ai... que bonita pedra! – Exclamaram – Devemos guardar e cuidar bem dela.

E então o senhor José Nunes chamou os outros velhos do local para ver aquela pedra, e eles disseram:

– Nós devemos cuidar dessa pedra porque talvez ela possa nos ajudar.

Certo dia, todos os porcos que eles criavam saíram à procura de comida no mato e não regressaram para casa. As pessoas ficaram tristes porque nenhum porco tinha voltado. Então começaram a pensar: - Por que é que os porcos saíram todos ao mesmo tempo à procura de comida? Normalmente eles não fazem isso. Será que eles vão voltar?

Foi então que o senhor José Nunes teve uma ideia. Levou a corda dos porcos para a pedra e começou a rezar para que os porcos pudessem voltar para casa. Mais tarde, todos os porcos regressaram.

⁷⁰ Palavra da língua tokodele que significa concha grande do mar usada como recipiente para alimentar porcos.

Um certo dia quando os porcos ficaram doentes, as pessoas foram rezar novamente à pedra para que ela pudesse salvá-los. Assim, começaram a considerar essa pedra sagrada, e ninguém podia sentar ou pisar nela. Se alguém sentasse ou pisasse, deveria ser multada imediatamente, pagando com dinheiro, vinho, cabrito ou boi, que seriam ofertados à pedra. E assim, os bisavós deram o nome Vaviquinia àquele lugar. "Vaviquinia" significa o mesmo que *krose*, e as pessoas concordaram com esse nome e começaram a chamar o suco de Vaviquinia, como fazem até os dias de hoje.

Biografia do contador do *ai-knanoik*:

Esta história foi relatada por um ancião e agricultor chamado Mau Leki, ele tem 85 anos e vive no suco Vaviquinia, posto administrativo de Maubara, município de Liquiçá. Ele contou que quando era pequeno, seus pais e avós lhe contavam este *ai-knanoik* e que ele ficava muito feliz quando ouvia esta história.

***Ai-knanoik* recolhido e registrado por:**

Adriano Filipe	Cireneu dos S. Correia
Almério Alves dos Santos	Emilia da Conceição
Amado de J. dos Santos	Maria Berta Alves Pereira
Berta Alves Pereira	Maria José dos S. Martins

2. Tasi-Benu⁷¹

O *ai-knanoik* a seguir é a lenda de origem da aldeia de Tasi-Benu, suco Asu-Manu, posto administrativo de Liquiçá, município de Liquiçá. Uma das dificuldades para a realização da recolha foi o difícil acesso ao local, por ser uma região montanhosa e sem facilidade de transporte. A história foi narrada por um ancião, utilizando a língua tétum, foi gravada, transcrita e produzida uma versão para a Língua Portuguesa.

⁷¹ Expressão da língua tokodede que significa lit. mar cheio ou maré alta.

Antigamente, havia uma *uma lisan* (casa da linhagem familiar) que se chamava *Diruana*. Dois irmãos, juntamente com suas mulheres também pertencentes a *Diruana*, resolveram ir para um lugar chamado *Hilikolo Bereata*.

Certo dia, os dois irmãos resolveram ir caçar animais selvagens em outra ilha, chamada *Koloana*.

À tardinha, eles viram o sol, vermelho como fogo, se pondo no mar. O irmão mais velho, com a intenção de enganar o seu irmão mais novo, inventou uma mentira dizendo que aquilo que estavam vendo era o fogo e não o sol. Então ordenou que o irmão mais novo fosse buscar aquele fogo para assar carne. O irmão mais novo saiu andando para pegar o tal fogo, andou, andou e foi se afundando no mar até desaparecer. Depois conseguiu voltar até a praia e avistou de longe o seu irmão mais velho que já estava no barco, mar a dentro. Então ele começou a chorar e a gritar, mas seu irmão não se importou e nem voltou para buscá-lo.

Quando o irmão mais velho chegou à casa onde morava a esposa do seu irmão, mentiu-lhe dizendo que na ilha de *Koloana* um animal selvagem havia mordido e matado o seu irmão mais novo. Depois de inventar essa história ficou com a esposa do irmão.

Naquele momento, em *Koloana*, seu irmão mais novo estava muito triste por ter sido enganado por seu irmão mais velho. Mas, de repente, apareceu um *manu tafui*⁷² e disse para ele:

– Amigo, não chores, vou te ajudar.

Então, o *manu tafui* mandou que o rapaz montasse nele, e lá se foram da ilha. Começaram a voar e pararam sete vezes no meio do mar. Assim que chegaram à praia chamada *Mauboque*, com uma cabaça o rapaz pegou um pouco de água do mar e levou para esconder no mato de *Hilikolo*, pois sabia que mais tarde iria precisar daquela água.

Certo dia, o cão do irmão mais novo saiu para procurar o seu dono e conseguiu encontrá-lo embaixo de uma árvore. O dono viu que o cão estava com fome e começou a dar a comida para ele, até que se fartasse. O cão regressou à casa e a esposa do irmão mais novo – a qual já estava morando com o irmão mais velho – ficou

⁷² Galo ou galinha da Índia- espécie comum na região.

admirada porque o cão estava farto e desconfiou que alguém houvesse lhe dado comida.

Então, um dia, a mulher colocou uma coleira no cão e pendurou-lhe um cestinho de palha em seu pescoço, encheu com cinza e depois furou um buraco no fundo do cestinho para que a cinza fosse caindo pelo caminho à medida que o cão fosse andando. Com essa estratégia, a mulher seguiu o rastro do cão até encontrar seu esposo. Ele contou-lhe tudo o que havia passado e em seguida, fizeram um plano para matar o irmão mais velho.

Pela manhã, o irmão mais novo, juntamente com sua mulher, foi até a casa e matou o seu irmão mais velho. Em seguida, ele e a sua esposa fugiram para uma terra chamada *Asu-Manu*, na região de Diruana.

Ao chegar em Diruana, onde estava sua família, eles não reconheceram o rapaz e quando ele se apresentou e disse quem era eles não acreditaram, pois eles tinham certeza que ele havia sido comido por animais, como o irmão mais velho havia contado.

Ele resolveu então provar que era ele mesmo e que pertencia aquele lugar. Segurando a cabaça que havia enchido com a água do mar ele disse: - vou jogar esta cabaça no chão e se não acontecer nada quando eu jogar, vocês podem dizer que eu estava mentindo, mas se quando eu jogar a cabaça no chão acontecer alguma coisa estranha então fica provado que eu pertencço a esta *uma lisan*.

Quando terminou de falar, ele jogou a cabaça cheia de água no chão e imediatamente o mar começou a subir, provando então, que ele pertencia àquela família. Assim, todos o receberam novamente, mas o mar não parava de subir.

Em uma determinada noite o *rai na'in*⁷³ deu um sonho para o *lia na'in*, dizendo que aquela família deveria mandar entrar no mar a sua única filha, chamada Dausia. Eles ficaram muito pensativos e tristes.

Decidiram então, mandar uma escrava, ao invés da sua filha. Vestiram-na com as roupas de Dausia, como se fosse uma princesa e mandaram-na entrar no mar. Ela entrou até se afundar, mas depois de uma hora ela reapareceu dizendo que o espírito dono do mar não a havia recebido, pois ele só queria a princesa Dausia. Então

⁷³ Entidade sagrada considerada como dona da terra

trocaram a roupa da escrava e deram-nas novamente à princesa Dausia, mandando-a para o fundo do mar. Ela entrou no mar e foi andando até se afundar e nunca mais voltou. Desde então, o mar começou a baixar e continua a secar até os dias de hoje.

Atualmente, as pessoas pertencentes a *Uma Lisan Diruana* não comem *manu tafui* porque acreditam que foi esse pássaro quem ajudou os seus avós.

Biografia do contador do *ai-knanoik*:

Esta história foi relatada pelo senhor Filipe Gonçalves de Neri, professor de matemática em Liquiçá, nascido no dia 15 de março de 1954 no suco de Asu-Manu, posto administrativo de Liquiçá, Município de Liquiçá. Segundo o senhor Filipe, há várias histórias de origem que são muito lindas, mas algumas pessoas não as contam para os seus filhos. Para ele, é preciso contar essas histórias para os filhos, e os filhos devem contar novamente para os seus filhos, e assim sucessivamente, até o mundo acabar.

***Ai-knanoik* recolhido e registrado por:**

Almeida Babo
Epifânia de Jesus Neri
Emiliano Pinto Nunes
Joanito Aleixo Gonçalves
João Alves Correa
Leornado Ribeiro
Mariazinha Gonçalves
Rafael Rodrigues

LOSPALOS

Lenda da lagoa Iparira

Iparira é uma aldeia que faz parte do posto administrativo de Lautém-Moro, município de Lautém. Nesta pesquisa, entrevistaram-se duas pessoas de gerações diferentes, um ancião e outro mais jovem. Além disso, consultaram-se também algumas outras pessoas da aldeia. Na primeira entrevista realizada, a versão estava incompleta, então resolveu-se fazer uma segunda investigação. Primeiramente, documentou-se este *ai-knanoik* em língua fataluku, depois foi feita a adaptação para o tétum e por último para o português. A narrativa foi registrada a partir da versão contada por Sr Aleixo Aniceto com a contribuição do Sr. Loureiro da Silva.

A lenda trata sobre o surgimento da povoação de Iparira e das três fontes de água ali existentes: Iparira, Ira-valu-valun e Kaki-ira. No processo de escrita, optou-se por compilar as duas versões da história recolhidas. Na versão contada pelo ancião Loureiro da Silva, há partes que foram omitidas por serem consideradas sagradas e por isso não pode ser divulgada.

Em tempos que já lá vão, em um lugar onde a seca castigava, vivia um casal que tinha uma única filha, ela era muito bonita. Quando precisavam de água, a jovem ficava tomando conta da casa enquanto seus pais iam buscar água em uma nascente distante dali. Sempre que saíam, o seu cão chamado Laku Wetar ⁷⁴ os acompanhava.

Certo dia, na época no verão, quando as plantas estavam secas e murchas e o vento levantava muita poeira, os pais da jovem tiveram que ir buscar água em um lugar mais distante dali, pois a

⁷⁴ Wetar é o nome de uma ilha na província Molucas (Indonésia). A maioria das histórias dos fatalukus relatam sobre antepassados que vieram de muitos lugares que rodeiam a ilha de Timor.

nascente onde costumavam ir havia secado. Eles saíram de madrugada, mas já era meio-dia e ainda não haviam voltado.

Em casa à espera dos pais, a jovem tecia um *tais* e cantava a sua tristeza, pois estava preocupada e sentia-se sozinha. De repente, o cão Laku Wetar chegou todo molhado, satisfeito e com a cauda balançando. A jovem saiu de dentro de casa para ver se seus pais também haviam chegado, mas foi em vão, não havia ninguém.

Esperou até à tardinha, mas como eles não retornaram, ela decidiu sair para procurá-los. Desconfiada de que o cão sabia onde ficava a fonte em que seus pais supostamente estariam, antes de sair ela pegou um *lusu-lusu*⁷⁵, colocou um pouco de cal dentro dele, furo um burquinho e pendurou-o no pescoço de cão. Sua ideia era que à medida que ele fosse andando fosse deixando o rastro da cal pelo caminho e assim, ela poderia segui-lo.

Já bem distante de casa, enquanto seguia cada passo do seu cão, ela avistou uma lagoa e viu que Laku Wetar estava lá dentro nadando. A jovem ficou muito surpresa. De repente, um bonito e jovem rapaz surgiu em meio à vegetação que havia sobre a água.

– Quem é você? – A jovem perguntou.

– Sou o dono desta nascente – Respondeu o rapaz.

– Ai! Nós não conhecíamos esta fonte! A água é muito limpa!

Podemos pegá-la?

– Sim, mas você mesma é que tem que vir buscar a água – disse ele.

A jovem ficou feliz e voltou correndo para casa, pegou seus *txuxu*⁷⁶ e voltou até a fonte para pegar água. Quando ela já estava perto de encher todos os *txuxu*, o rapaz sentou-se em cima da água e começou a cantar uma canção bem triste.

– Por que é que a sua canção é triste? – A jovem perguntou.

– Eu choro porque esta lagoa está quase a secar e as outras fontes aqui por perto também. Para que isso não aconteça e a água continue a fluir sempre, é preciso uma jovem para cuidar da nascente.

– Eu posso cuidar da nascente, mas como faço?

⁷⁵ Recipiente feito de bambu utilizado para se colocar a cal.

⁷⁶ *Txuxu* em língua fataluku ou *au-doran* em língua tétum é um objeto feito de bambu utilizado para buscar água.

– Se quiser, você pode tornar-se minha esposa e juntos cuidaremos dessa nascente— ele propôs.

– Eu quero, mas antes, você precisa falar com os meus pais – respondeu a jovem.

A jovem voltou para casa e ao anoitecer seus pais voltaram para casa. Quando viram todos os reservatórios cheios ficaram muito surpresos:

– Onde você pegou essa água? Perguntou o pai da jovem

– Busquei-a numa nascente, que é cuidada por um rapaz.

Ela relatou tudo o que havia acontecido, eles quiseram conhecer o lugar e ela os levou até a nascente. A princípio, eles não viram o rapaz porque a vegetação cobria toda a água, mas repentinamente ele apareceu e cumprimentou-os.

– Bem-vindos! – Disse o moço.

- Ah! Você é o dono desta fonte? A partir de amanhã nós poderemos vir buscar água aqui? –A mãe da jovem perguntou.

– Podem, mas sinto-me triste porque muito em breve esta fonte vai secar. Se vocês quiserem que a água continue a correr, têm que me permitir casar com a sua filha para que nós dois juntos possamos cuidar dessa nascente – explicou o rapaz.

Os pais entenderam que a sua filha também queria se casar com o rapaz. Regressaram imediatamente à casa, vestiram e enfeitaram a jovem, depois mataram um porco, prepararam a comida e voltaram para a fonte⁷⁷.

Ao chegar lá o rapaz pegou na mão da jovem, eles entraram na água e desapareceram. O cão Laku Wetar, deu um pulo para seguir o jovem casal, mas imediatamente transformou-se em uma grande pedra⁷⁸.

Os pais da menina ficaram muito tristes, mas com o passar do tempo, todos ficaram alegres porque a partir daquele acontecimento a fonte tornou-se perene e a água passou a correr permanentemente em frente das suas casas ano após ano.

Aquela fonte passou a dar vida aos filhos e netos, de tal forma que atualmente há um povoado no lugar chamado Iparira. Essa

⁷⁷ Esse processo de matança dos animais faz parte da cerimônia de *barlaque* (acordo matrimonial), prática comum em Timor-Leste.

⁷⁸ Até recentemente, a pedra ainda existia, mas se quebrou e sumiu na década de 1990, durante o período de ocupação indonésia.

palavra vem da língua fataluku: *ipar* que significa “cão” e *ira*, que significa “água”. Atualmente, naquele lugar, além da fonte Iparira, há também duas outras fontes, chamadas Ira-Valuvalun⁷⁹ e Kaki-Ira⁸⁰.

Biografia dos contadores do *ai-knanoik*:

O Sr. Aleixo Aniceto nasceu na aldeia Vailovaia, suco Com, posto administrativo de Moro, Município de Lautém, no dia 5 de novembro de 1962. Estudou até o 2º ano no período colonial português, frequentando a escola até o ano de 1972. No período indonésio, foi funcionário da escola primária SDN I Parlamento-Moro. Hoje é negociante e também trabalha como agricultor. Ele ouvia esse *ai-knanoik* quando era criança, pois, todas as noites, sua mãe, Madalena Aniceto, contava histórias para ele e seus irmãos. A Sra. Madalena era avó de um dos recolhedores dessa história, Rogério Sávio Ma’averu.

O segundo entrevistado, Sr. Loureiro da Silva nasceu na aldeia Laiara, suco Parlamento, posto administrativo de Moro, município de Lautém, no dia 28 de outubro 1930 e é agricultor. Contou a história de maneira tradicional com *hamulak*⁸¹.

Figura 9: Lagoa Iparira



Fonte: fotografia de Rogério Sávio Ma’averu

⁷⁹ Em fataluku significa “água fervente”.

⁸⁰ Em fataluku significa “água para curar doença de pele”.

⁸¹ Rezar; orar; dirigir palavras propiciatórias, de carácter puramente deprecatório e propiciatório, à divindade ou ao *lulik* (antes de oferecer sacrifícios). [Cf. Naroha.] Neste caso, a súplica dirige-se a qualquer divindade [L.C].

Figura 10: Fonte Ira-Valun-Valun



Fotografia de Rogério Sávio Ma'averu

Figura 11: fonte Kaki-Ira.



Fonte: Fotografia de Rogério Sávio Ma'averu

***Ai-knanoik* recolhido e registrado por:**

Agrivito da Silva
Natalina de Jesus Belo
Olívia da Costa
Rogério Sávio Ma'averu
Rosilia Almeida Silva

MANATUTO

Lenda a aldeia de Rea-Dodok e do posto administrativo de Laclubar

1. Aldeia Rea-dodok

Esta pesquisa foi realizada na aldeia Rea-Dodok⁸². A língua utilizada na entrevista foi a língua materna dessa região, o galolen. Durante a pesquisa, encontraram-se algumas dificuldades, pois alguns dos anciãos entrevistados não sabiam bem a história. Após algumas tentativas, foi possível realizar a entrevista com o ancião que nos contou o mito de criação daquela aldeia, no entanto, durante a sua narração, ele utilizou várias metáforas de difícil compreensão, aspecto que requer outras pesquisas a respeito. Diante dessa limitação de compreensão, ao realizar a transcrição dos áudios do momento da recolha, ao invés de se fazer uma tradução literal, optou-se pela produção de uma versão mais simplificada do que a que foi contada originalmente. A entrevista durou cerca de duas horas e as etapas seguintes foram dedicadas à organização das versões para o tétum e depois para o português.

Antigamente havia uma aldeia que se chamava Ai-Sahe-Buti⁸³, onde viviam muitas pessoas, dentre elas havia um homem chamado Laku Olok, que tinha um só filho. Um dia, Laku Olok e o seu filho foram trabalhar na horta. Ao meio-dia, o pai mandou o filho buscar água na ribeira. Chegando lá, de repente, apareceu uma enguia dentro da água e o menino a matou. Ele levou-a diretamente ao seu pai, que estava a trabalhar na horta, e contou-lhe tudo o que havia acontecido.

Então, o pai mandou que ele cortasse a enguia em pedaços para cozinhar. Mas, como não havia panela na horta, ele mandou o seu filho cortar um bambu em pedaços de cerca de 20 centímetros,

⁸² Expressão em língua galolen que significa erosão.

⁸³ *Ai-sahe-buti* - espécie de árvore de folhas brancas.

colocar 25 pedaços de carne da enguia no bambu e depois pôr no lume para cozinhar durante uns 30 minutos e preparar uma comida tradicional timorense chamada *tukir*.

Quando o *tukir* estava a cozinhar, o filho ouvia uma voz que saía de dentro do bambu:

Roto-roto rea nalwe – expressão em língua galolen que quer dizer “daqui a pouco acontecerá uma erosão”. Então, o garoto dirigiu-se ao pai para informar esse acontecimento. O pai, no entanto, não acreditou no que o seu filho tinha dito. Mesmo assim, seguiu logo para o local para ver o que estava acontecendo. Chegando lá, o velho homem ouviu a mesma voz que dizia “*roto-roto rea nalwe*”, mas manteve a sua posição de não acreditar que estava ouvindo uma voz saída do bambu que estava no lume.

No fim, o velho pediu ao seu filho para pegar a carne de enguia cozida para almoçar. À tardinha, quando regressaram da ribeira e chegaram à casa, comeram o *tukir* juntamente com sua família.

À noite, aconteceu uma chuva torrencial que trouxe a grande erosão que a enguia havia anunciado: *roto-roto rea nalwe*.

As pessoas e animais daquela área morreram e só se salvou uma pessoa. Tudo aquilo aconteceu devido à morte da enguia na ribeira. A partir desse acontecimento, a aldeia de Ai-Sahe-Buti passou a ser chamada de Rea-Dodok, que ainda hoje existe e fica localizada no posto administrativo de Lacló, município de Manatuto. Desde aquele acontecimento a população daquela aldeia é proibida de comer enguia.

Figura 12: aldeia Rea-Dodok



Fonte: registro feito pelo grupo de estudantes no momento da pesquisa.

Biografia do contador do *ai-knanoik*:

Esta lenda foi contada pelo agricultor Manuel da Silva, nascido em 15 de setembro de 1936, na aldeia de Rea-Dodok, suco Laku-mesak, posto administrativo de Lacló, município de Manatuto. Ele disse que costumava ouvir esse *ai-knanoik* dos seus pais. Disse que ainda há outras histórias, mas que não podem ser contadas porque são consideradas sagradas.

Figura 13: Sr. Manuel da Silva.



Fonte: registro feito pelo grupo de estudantes no momento da pesquisa.

***Ai-knanoik* recolhido e registrado por:**

Fulgêncio de Oliveira Guterres e Joaquina Francisca de Sales da Costa.

2. Laclubar

A história seguir é a lenda de origem do posto administrativo de Laclubar, município de Manatuto. A história foi contada em língua idaté por um *lia na'in* da localidade. Após a recolha, traduziu-se para a língua tétum e por último para a língua portuguesa.

Em tempos que já lá vão, em uma determinada localidade viviam dois casais: Leki Taek e sua esposa Daw Taek e Lawai Taek e sua esposa Namu Taek.

Certa vez, caminhavam do oeste para o leste com o objetivo de procurar comida. Ao chegarem a um monte onde havia uma floresta, decidiram ficar por lá. Os maridos eram caçadores e suas esposas ficavam em casa para preparar a comida para os dois.

Todos os dias, Leki Taek e Lawai Taek saíam para caçar de manhã e as caças que apanhavam eram consumidas cruas porque naquela altura eles ainda não conheciam nem o fogo nem a água.

Um dia, Leki Taek e Lawai Taek saíram para caçar e deixaram suas esposas, Daw Taek e Namu Taek, na barraca para preparar o jantar.

De repente uma mosca apareceu para elas, bateu o seu corpo numa lenha que em língua idaté se chama *Latimura 'uk* e em seguida apareceu o fogo. Daw Taek e Namu Taek ficaram surpreendidas pelo acontecimento mágico e pegaram esta lenha com fogo para cozer. Naquela tarde, Leki Taek e Lawai Taek voltaram da caça e Daw Taek e Namu Taek ofereceram-lhes a comida, mas os maridos ficaram espantados quando viram que aquela refeição estava diferente, então, perguntaram às suas esposas o que havia acontecido e elas lhes contaram tudo.

Todos os dias, Leki Taek e Lawai Taek faziam a mesma atividade de caça e as suas esposas também procuraram outras coisas para comer. Desde o surgimento do fogo, eles podiam preparar sua comida cozida.

Como dito antes, naquela época eles também não sabiam o que era água, certo dia, saindo para caçar, juntamente com sua cadela, observaram que ela saiu para uma fonte e voltou para casa com o corpo molhado. Desse acontecimento em diante, todos os dias a cadela sempre fazia a mesma coisa. Então, os dois casais decidiram procurar saber como a cadela se molhava. Para isso, fizeram um cestinho de palha, encheram-no com o pó da terra, furaram um buraquinho e ataram-no ao pescoço da cadela. No dia seguinte, eles seguiram a cadela através do pó que ela ia derramando à medida que andava até que chegaram a uma gruta. Quando entraram na gruta viram a cadela bebendo alguma coisa, foi aí que entenderam que o que molhava o corpo da cadela era aquele mesmo líquido e chamava-se água.

Os dois casais sentiram que havia mudanças na vida deles porque àquela altura já conheciam o fogo e a água, perceberam

também que a idade deles havia avançado. Eles viveram ao longo dos tempos naquela conhecida floresta, ambiente em que se davam muito bem e que lhes enchiam com ar fresco.

Para nomear o lugar, eles escolheram dois nomes em língua idaté, *Ubar* – que quer dizer mosca e *Latimura'uk* – que é o nome da lenha onde apareceu o fogo – explicando portanto, a origem daquela localidade, que atualmente corresponde ao posto administrativo de Laclubar, situado no município de Manatuto.

Figura 14: Vista de Laclubar.



Fonte: registro feito pelo grupo de estudantes no momento da pesquisa.

Biografia do contador do *ai-knanoik*:

Esta lenda foi contada pelo *lia na'in* Eugénio da Silva Bento tem, 50 anos de idade, ele frequentou a escola até 4º ano e atualmente é chefe da aldeia Naule'en, suco Orlalan, posto administrativo de Laclubar, município de Manatuto. O senhor Eugénio aprendeu essa história com anciões locais durante umas reuniões e achou a história atrativa e muito importante para nossa identidade cultural. Ele acredita que essa narrativa pode ser transmitida para as novas gerações.

***Ai-knanoik* recolhido e registrado por:**

Lino Valério

MANUFAHI

Lenda de origem do suco Bubususu

Este trabalho apresenta um *ai-knanoik* sobre a origem do município de Maunufahi, posto administrativo de Fatuberliu, suco Bubususu. A lenda foi contada pelo senhor Luís Ximenes, que aprendeu com o seu avô Mutin, que por sua vez foi um *liurai* (régulo) daquela região, seu nome gentio era Mai Butin.

Foi difícil encontrar uma pessoa que soubesse a história e que aceitasse contá-la. A entrevista foi feita em língua laklei e foi necessária uma semana para conseguir realizá-la, pois a aldeia Orlora, onde o ancião vive, fica em um lugar muito distante e de difícil acesso. Depois da recolha, a história foi escrita na língua materna laklei, em seguida foi traduzida para a língua tétum e por último foi elaborada uma versão da narrativa em língua portuguesa.

Em tempos passados, Bubususu chamava-se Latelu, que em língua laklei significa “três pessoas”: Loi Mauk, Bere Mauk e Leki Mauk. Essas três pessoas eram denominadas por *Inan Tolu* e *Aman Tolu*, as quais preparavam um lugar para receber *we’e ulun*, que significa fonte de água, *we’e ain*, que significa foz. *We’e ulun Turiskai*, que é uma nascente em Turiskai e *We’e Ain Alas*, que é um “desaguamento da água em Alas”.

As pessoas cantavam o seguinte dadolin, enquanto esperavam a água chegar a um lugar chamado Latelu:

*Kakuluk Turiskai Rin ba Alas
Nahe biti balabis rin ba Alas⁸⁴.*

Os naturais de Latelu fizeram um *nahe biti-bo’ot⁸⁵* para receber a visita do *liurai* Leki Malik, que vinha de Turiskai e a visita do

⁸⁴ Metáfora para afirmar que as pessoas de Turiskai têm sua origem em Alas.

⁸⁵ Reunião ou cerimonial que se faz para decidir algo na comunidade.

liurai Antônio, que vinha de Alas, para juntos decidirem sobre a classificação étnica da população daquele lugar.

Nesse mesmo encontro, Inan Tolu e Aman Tolu decidiram que dali em diante não poderia mais haver conflito entre eles, pois eram primos e irmãos. Ficou acertado também que em Turiskai ninguém poderia matar animais que atravessassem a estrada, nenhum deles: cavalos, búfalos ou cabritos.

Latelu era um lugar sagrado, onde havia uma árvore que se chamava *Ai-Bubur mutin*⁸⁶. Um dia, após aquele *nahe biti-boot*, apareceram nessa planta, alguns galhos que tinham formato de dois seios. Logo, os avós daquele lugar resolveram trocar o nome de Latelu para Bubususu. Depois disso, houve uma divisão do território de Bubususu, que ficou da seguinte forma: Bubususu Loi Mauk passou a ser governado por Loi Mauk, Bubususu Orlora, que passou a ser governado por Orlora, Bubususu Ber Mauk, que passou a ser governado por Bere Mauk e Bubususu Aituha, que passou a ser governado por Leki Mauk.

Na sequência a essa divisão, o *liurai* de Viqueque foi a pé visitar Bubususu e gostou muito do lugar, pois ao chegar lá, ele conheceu a Filha de Loi Mauk e quis se casar com ela. No mesmo momento, ele propôs o casamento e disse que negociaria o *barlake*⁸⁷. Porém, o Loi Mauk não concordou em haver *barlake*, pois essa não é uma prática cultural de Bubususu.

A decisão de não haver *barlake* naquele lugar foi tomada pelos *liurais* locais que determinaram também que o homem é quem tem de ir viver na casa da família da mulher com quem se casar.

Essas diferenças culturais se tornaram um empecilho para que aquele casamento fosse realizado, pois o *liurai* de Viqueque não quis ir morar na casa da família da noiva e o pai da noiva, Loi Mauk, não concordou em aceitar o *barlake*. Por não entrarem em um acordo sobre o casamento, o *liurai* retornou sozinho para Viqueque em um cavalo doado por Loi Mauk.

⁸⁶ Espécie de árvore “palavão branco”, comum na região. Essa árvore, que consiste em uma espécie de eucalípito, tinha duas saliências em seus galhos que pareciam dois seios.

⁸⁷ Acordo matrimonial entre as famílias dos noivos, que na maioria dos casos envolve alguns bens materiais

Biografia do contador do *ai-knanoik*:

Esta história foi contada pelo agricultor Sr. Luis Ximenis, 60 anos de idade, nascido em Bubususu. Ele relatou que ouviu esta história do seu avô Mutin ou Nai-Buti.

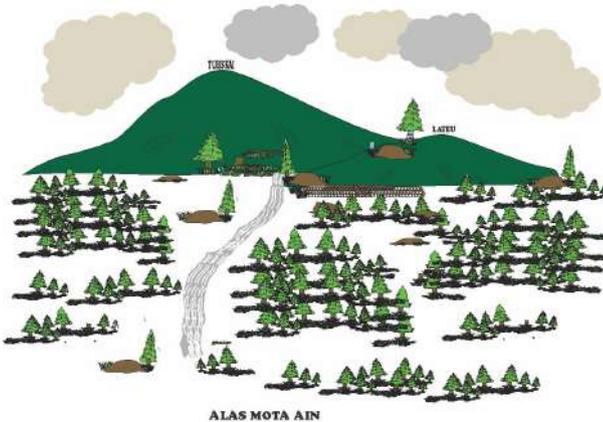
***Ai-knanoik* recolhido e registrado por:**

Albino Sarmento

Aventina Bonaparte

Charles Bruno

Figura 15: ilustração da história do Bubususu



Fonte: ilustração feita pelo grupo de estudantes responsável pela recolha

OÉ-CUSSE

Ai-knanoik de origem da aldeia *Aselo'e* da nascente Teun-Lasi

1. *Ai-knanoik* de origem da aldeia *Aselo'e*

A lenda a seguir é a história de origem da aldeia *Aselo'e*, suco Cunha, município de Oé-cusse. No processo de pesquisa, realizou-se uma entrevista com um ancião, porém ele afirmou que devido ao fato de ser uma história verídica não poderia contar alguns detalhes.

A entrevista durou aproximadamente duas horas e a língua utilizada foi baiqueno. Em seguida, elaborou-se uma versão da história em tétum e por último uma versão em português.

Apesar dos pesquisadores serem oriundos do município de Oé-cusse, só depois da realização da pesquisa passaram a conhecer esta história.

Muito tempo atrás, um avô vivia sozinho em uma montanha que se chamava *Aselo'e*. Ele queria fazer uma horta, mas não tinha forças suficientes para esse tipo de trabalho, pois já era bem idoso e não tinha filhos para ajudar-lhe, logo pensava:

- Se eu não trabalhar, quem poderá me alimentar? - Ao mesmo tempo, concluía:

- É melhor eu continuar fazendo meu serviço sozinho, por mais que não tenha forças, vou trabalhando devagar.

O avô resolveu semear em seu terreno, que, apesar de ser plano, era árido e difícil para o cultivo. Ele semeou uma espécie de milho, que naquele lugar é conhecido como *pen-sain*⁸⁸.

Após o plantio, pensou em fazer mais uma horta em *Aselo'e*. Depois de quatro dias, o avô decidiu fazer sua terceira horta. Ao chegar ao local do cultivo, ficou admirado porque no local já havia uma linda plantação de arroz. Ele ficou espantado porque ainda não

⁸⁸ Palavra da língua baiqueno para nomear uma espécie de milho que produz espigas em apenas um mês e meio.

havia plantado nada naquele lugar, então haveria de ter nascido aquele arrozal?

No momento pensou em voltar imediatamente para sua aldeia, mas de repente, antes que pudesse dar meia volta, a plantação de arroz transformou-se em uma menina muito bonita que falou para o avô:

– Eu não sou um pé de arroz, sou uma pessoa, assim como o avô.

O avô ficou surpreso, mas não respondeu nada e voltou para sua aldeia. A menina acompanhou-o, mas ele não percebeu a presença dela.

Quando o avô chegou ao portão de entrada da horta, de repente, viu a sua plantação de milho, transformar-se em um rapaz, que começou a falar e disse ao avô:

– Eu sou o mundo que o rodeia porque sou um homem.

E prosseguiu, perguntando: – para onde o senhor foi hoje pela manhã?

O avô respondeu:

– Hoje fui à horta de Aselo’e.

O rapaz ficou a rir-se:

– Eu sabia, pois hoje o avô veio com uma menina, a qual ficou em pé do lado de fora da horta.

O avô retrucou:

– Ah, sim? Talvez ela tenha me seguido, mas eu não percebi.

Então o rapaz disse:

– É melhor que eu vá procurá-la em Aselo’e.

Ao chegar lá, viu a menina, que naquele momento estava tranquila e assobiando. O rapaz assobiou de volta para ela, mas ela nem ligou, fingindo que não havia escutado nada. Entrou novamente na horta de Aselo’e e perguntou ao rapaz:

– O que viestes fazer aqui?

O rapaz respondeu-lhe:

– Eu te amo e te quero, por isso eu vim até aqui.

Os dois formaram uma família e, a partir daquele dia, as suas gerações começaram a povoar a aldeia de Aselo’e, pois antes não havia moradores ali.

Figura 16: Aldeia Aselo'e.



Fonte: registro feito pelo grupo de estudantes no momento da recolha.

Biografia do contador do *ai-knanoik*:

Figura 17: Fernando Neno.



Fonte: registro feito pelo grupo de estudantes no momento da recolha.

O *lia na'in* que contou esta história chama-se Fernando Neno, tem 75 anos e é agricultor. Em sua comunidade, ele é conhecido como Tua Neno. Nasceu e vive até hoje no posto administrativo Sonam Mnasi, município de Oé-cusse.

***Ai-knanoik* recolhido e registrado por:**

Agustinho Ena
Bendita Toma'e

Julio Naz Obe

2. A nascente *Teun-Lasi*

A recolha deste *ai-knanoik* foi realizada por meio de uma entrevista com o *lia na'in* da aldeia Nuahake, suco Abani posto administrativo de Pássabe, município de Oé-Cusse. A entrevista durou cerca de trinta minutos e a língua utilizada foi o baiqueno.

Tempos atrás havia uma mulher que se chamava Bi Po'u⁸⁹. Ela costumava ficar na várzea para cuidar da plantação de arroz e sempre levava consigo o algodão para preparar o fio para tecer o *tais* (tecido tradicional timorense). Como estava muito entretida fazendo novelos com os fios de algodão, ela não percebeu que os pássaros estavam comendo a plantação. Na região havia também um galo, que todos os dias vinha da nascente próxima dali e estragava a várzea.

Um dia, o galo transformou-se em um homem muito feio chamado Tijaku. Quando Bi Po'u foi à nascente buscar água para a várzea, Tijaku começou a gozar dela dizendo:

– Você é bonita como uma princesa, se quiser, pode se casar comigo.

Quando Bi Po'u olhou para Tijaku e viu que ele era muito feio ela virou as costas e disse:

– Eu não quero me casar com você porque você é um homem muito feio, não há nada bonito em você!

Bi Po'u pegou a água para levar para a várzea e foi embora.

No dia seguinte, Tijaku transformou-se em um homem muito bonito e foi até a margem daquela nascente onde a menina costumava buscar água. Ele esperou até que ela chegasse para continuar a gozar dela.

Sem nem mesmo olhar para ele, Bi Po'u respondeu:

– Já lhe disse que eu não o quero!

Quando, porém, olhou para Tijaku, Bi Po'u ficou admirada, porque ele havia se transformado em um homem muito bonito, bem diferentemente de antes. Naquele momento, Tijaku voltou a dizer a Bi Po'u:

⁸⁹ *Bi*: prefixo em baiqueno para designar mulher.

– Se você quiser pode se casar comigo.

Bi Po’u, tendo gostado da transformação do jovem, sentiu-se muito contente por Tijaku pedir-lhe em casamento, então logo respondeu:

– Sim, quero me casar consigo, mas devemos esperar até o meu pai chegar para que você peça a licença dele. Se não fizer isso, mais tarde meus pais vêm me procurar.

– Não se preocupe, – respondeu Tijaku – eu vou falar com seu pai. Agora, venha comigo.

Ela consentiu e ele a levou para dentro da nascente de água. Antes disso, porém, Bi Po’u pegou o fio de algodão, atou-o a uma barraca que havia perto da nascente e depois os dois puxaram o fio até desaparecerem na água.

No final daquela tarde, quando o pai de Bi Po’u chegou à várzea, a rapariga não estava. Ele viu somente o fio de algodão que ela havia amarrado na barraca. O pai começou a procurá-la seguindo o fio que chegava até a nascente. Quando chegou à nascente, subitamente apareceu Tijaku, que logo perguntou:

– O que está a fazer aqui?

O pai de Bi Po’u respondeu:

– Estou à procura da minha filha, que desapareceu na várzea.

Então, Tijaku convidou-o a segui-lo e ali os dois entraram na nascente.

O pai e a filha demoraram um pouco para se encontrarem dentro da nascente. Ao ver tudo que havia dentro da nascente ele assustou-se, pois viu bonitas casas e, dentre as casas, viu sua filha vestida como uma princesa.

Tijaku começou a falar com o pai de Bi Po’u sobre o seu desejo de casar-se com a sua filha. O homem concordou com a união, e, em seguida, houve o casamento. O *barlake* de Bi Po’u foi composto por um *morteen*⁹⁰ e cavalos.

Tijaku disse ainda ao pai de Bi Po’u:

– Quando chegar em casa, tire areia do rio e coloque-a em frente à sua casa.

⁹⁰ Espécie de colar de corais alaranjados muito utilizado como um dos objetos inclusos nos acordos matrimoniais - *barlake* - verificar nota 88.

Depois do casamento, o pai de Bi Po'u regressou pra onde morava. À noite, tirou areia do rio e a deixou em frente à sua casa, como Tijaku havia orientado. De manhã, quando ele acordou, viu que aquela areia havia se transformado em muitos *morteen*(s) muito valiosos.

Com esse acontecimento, o posto administrativo de Pássabe passou a ser muito rico devido àquela grande quantidade de *morteen* que haviam aparecido naquela ocasião. O casamento de Bi Po'u e Tijaku foi muito bom e sem muitos problemas.

A nascente de Tijaku e Bi Po'u recebeu o nome em baiqueno de Teun-Lasi, *teun* que significa “tecer” e *lasi* que significa “palavra”. Metaforicamente, Teun-Lasi, significa o cumprimento da palavra ou de um acordo.

Biografia do contador do *ai-knanoik*:

Esta lenda foi contada pelo Sr. Yasintus Kolo, nascido no dia 2 de novembro de 1969, no suco Abani, posto administrativo de Pássabe, município de Oé-Cusse. Ele é professor da Escola Primária N.3 de Lospalos e disse que se sentiu muito contente ao contar este *ai-knanoik* para os pesquisadores. Afirmou também que já havia contado esta história para seus filhos e filhas, uma delas chama-se Maria Joana de Fátima Kolo, estudante participante desta pesquisa.

***Ai-knanoik* recolhido e registrado por:**

Augustinho Silveiro
Maria Joana de Fátima Kolo
Sandrina Fátima Viana

VIQUEQUE

Lenda de origem de Uatu-Carbau e da aldeia Kaen-Lulik

1. Origem de Uatu-Carbau

A história a seguir é a lenda de origem do posto administrativo de Uatu-Carbau, município de Viqueque. Recolheu-se este *ainanoik* com duas senhoras de Uatu-Carbau, mas que vivem em Dili. As línguas utilizadas na entrevista foram tétum e nauéti. Cada entrevista durou aproximadamente uma hora e meia. Primeiramente, entrevistou-se a senhora mais velha, mas como ela não lembrava muito bem o final da história, resolveu-se entrevistar a sua filha.

Antigamente, em uma aldeia, viviam dois irmãos. O mais velho chamava-se To Luku e o mais novo chamava-se Manu Li. Eles cultivavam milho, mandioca e batata, perto de uma grande ribeira.

Quando chegava o tempo do *sau batar*⁹¹, os dois irmãos combinavam para assar milho na horta e lá comerem.

Quando eles estavam a preparar o milho para assar, subitamente começou a ventar muito forte e houve um terremoto muito grande, dividindo a ribeira e a terra em duas partes, de forma que a ribeira secou.

⁹¹ Ver nota 60.

Figura 18: ilustração da primeira parte da história



Fonte: ilustração de Charles Bruno Omeno

Os dois irmãos ficaram muito aflitos e com muito medo porque naquele momento ouviram um som fortíssimo que vinha de baixo da terra, como se fosse som de um mugido de um grande búfalo que estava saindo lá de dentro.

Figura 19: ilustração da segunda parte da história



Fonte: ilustração de Charles Bruno Omeno

Naquele instante, o To Luku percebeu logo que seu irmão Manu Li estava com muito medo porque o terremoto estava cada vez mais forte, por isso, com toda a confiança, o To Luku encorajou o Manu Li a ir ver o que estava acontecendo dentro da grande ribeira. Quando eles foram ver o que havia ocorrido, perceberam que dentro da ribeira as águas estavam a secar e as terras estavam divididas. Quando as águas secaram, os dois irmãos viram dois grandes chifres de búfalo que começavam a surgir de debaixo da terra.

Depois disso, o To Luku disse:

– Se um búfalo gigante sair realmente da ribeira, com certeza vai haver uma grande inundação e as casas vão ser invadidas pela água e nós também vamos nos afogar.

Então o Manu Li continuou:

– Se isso acontecer, nós poderemos morrer, então, antes que isso aconteça, temos de fazer alguma coisa para nos salvar.

Os dois resolveram pôr uma grande pedra em cima do chifre daquele búfalo para que ele não pudesse sair de dentro da ribeira.

Figura 20: ilustração da terceira parte da história



Fonte: ilustração de Charles Bruno Omeno

Depois de pôr uma grande pedra em cima dos chifres, lentamente, os chifres começaram a baixar, não conseguindo mais sair de debaixo da terra. As terras que haviam se separado juntaram-

se novamente, e aos poucos as águas ressurgiram e encheram a ribeira.

Figura 21: ilustração da quarta parte da história



Fonte: ilustração de Charles Bruno Omeno

A partir daí é que os dois irmãos nomearam essa terra de *Uatu-Carbau*. *Uatu* na língua nauéti significa “pedra” e *carbau* significa búfalo, ou seja, o nome do lugar mostra que ele tem sua origem na pedra e no chifre do búfalo.

Biografia das contadoras do *ai-knanoik*:

Esta lenda foi relatada por duas *lia na'in*. A primeira é agricultora e chama-se Bui Noko, tem 70 anos e nasceu em 17 de abril de 1944 na aldeia de Loe-Ulu, suco de Haudere, posto administrativo de Uatu-Carbau do município de Viqueque. A segunda, a filha de Bui Noko, é dona de casa e chama-se Aurea da Silva, tem 39 anos e nasceu no mesmo lugar que sua mãe, em 20 de outubro de 1976.

As duas senhoras afirmam que seu avô lhes contava estas histórias no momento da colheita de milho e da mandioca. Disseram que quando ouviram essa história ficavam muito assustadas.

***Ai-knanoik* recolhido e registrado por:**

Ângela da Costa
Fernalízia Celina L. Ximenes

Novinda da Silva Fernandes

2. Aldeia *Kaen-Lulik*⁹²

Esta história foi recolhida no suco de Karau-Balu, município de Viqueque, posto administrativo de Viqueque. Durante a pesquisa realizaram-se duas entrevistas utilizando o *tétum-praça* e o *tétum-térik*, pois os anciãos entrevistados não falavam *tétum-praça* e nenhum dos pesquisadores sabiam *tétum-térik*, mesmo todos sendo oriundos do município de Viqueque, residem em Dili e não aprenderam essa variedade do *tétum*, falado por seus pais. Assim, foi necessário um tradutor para possibilitar a comunicação.

Na primeira entrevista, o ancião narrou o *ai-knanoik* durante duas horas, ouviu-se com muita atenção, gravou-se e em seguida fez-se o registro escrito. Solicitou-se fazer um registro em fotografias dos objetos que representavam o *ai-knanoik*, mas o ancião não autorizou, pois estes são considerados sagrados e ficam guardados na *uma lulik* (casa sagrada) daquela localidade.

Os pesquisadores só passaram a conhecer esta história após a realização desta pesquisa.

Muito tempo atrás, no Reino Luca, quando o arrozal começava a amadurecer, os agricultores costumavam afixar cordas enfeitadas ou panos de um lado ao outro da plantação para espantar as aves, evitando que elas comessem o *neli* (arroz em espiga).

Naquele reino havia um homem chamado Sou Rai⁹³, ele tinha muitos filhos e todos os anos, ele e seus filhos costumavam afixar espantalhos em cordas de ouro na sua várzea para espantar os passarinhos.

Infelizmente as pessoas daquele reino não gostavam de Sou Rai nem de sua família. Em um determinado ano, o *liurai* (régulo) do Reino Luca, juntamente com os seus súditos, fez um plano para matar o Sou Rai e expulsar os seus filhos e os seus netos daquele lugar.

⁹² Literalmente: aldeia sagrada e metaforicamente poderia ser traduzida como “a magia do ajuntamento”.

⁹³ *Sou* significa escavar e *rai* significa terra.

Assim, no tempo da ceifa, o *liurai* de Luca e as demais pessoas do seu reinado convidaram o Sou Rai e seus filhos para pisarem o *neli*. Foi então que cometeram a maldade de pôr veneno na bebida do Sou Rai. Depois de tomar o veneno, ele começou a sentir tontura, decidindo então regressar imediatamente para casa, onde começou a piorar cada vez mais e logo morreu. Revoltados com a morte do pai, antes de o enterrarem, os seus filhos fizeram um plano para se vingarem do *liurai* de Luca. Tiveram então a ideia de montarem a seguinte armação: sentaram o cadáver do pai numa cadeira, enrolaram uma palha de milho⁹⁴ para fazer um cigarro, puseram na boca do defunto e acenderam o cigarro como se o Sou Rai estivesse vivo e fumando.

Numa das noites seguintes, os filhos do Sou Rai convidaram novamente as pessoas do seu reino para assistirem à cerimónia de pisar o *neli* que programaram realizar. A população do reino de Luca ficou surpresa com o convite e resolveu aceitar, pois estava curiosa e queria aproveitar a oportunidade para espreitar pelas janelas e descobrir se Sou Rai havia falecido ou não. Quando aquelas pessoas chegaram ao local da cerimónia viram que o Sou Rai estava sentado numa cadeira a fumar. Ao virem aquilo, ficaram muito admiradas e sem compreender como o veneno não havia sido forte o suficiente para matar aquele homem. Então, naquela mesma hora regressaram para informar ao *liurai* que o Sou Rai não havia morrido.

O *liurai* ficou com muita raiva ao ouvir essa notícia e mandou que seus súditos misturassem na sua água o mesmo veneno para que ele pudesse tomar. Provou-o e morreu imediatamente. Todo o reino de Luca assustou-se por ver este acontecimento, pois, o Sou Rai que também havia tomado o mesmo veneno, supostamente, não havia morrido.

A população do reino foi logo informar aos filhos de Sou Rai que o *liurai* havia falecido na noite anterior. Os filhos de Sou Rai responderam que o pai deles também havia falecido naquela mesma noite em que o *liurai* morreu. Aquelas pessoas passaram a odiar-lhes ainda mais, ao perceberem que os filhos de Sou Rai haviam tramado algo para enganar-lhes, embora não soubessem de fato o que eles haviam feito.

⁹⁴ O mesmo que camisa de milho.

Os filhos do Sou Rai decidiram colocar os dois cadáveres juntos no mesmo lugar durante a cerimónia fúnebre. Naquela altura, todo o reino achava que os dois haviam morrido na mesma noite, mas somente o corpo do Sou Rai é que já cheirava mal. Então, o reino de Luca aumentou a desconfiança de que os filhos do Sou Rai estavam mentindo ao dizerem que seu pai havia morrido na mesma noite do *liurai*.

Depois do funeral, o reino de Luca começou a provocar a família do Sou Rai. As pessoas cortaram a corda de ouro que eles tinham afixado na plantação, antes da morte de Sou Rai. Eles cortaram a corda em dois pedaços: um pedaço ficou com o reino de Luca e outro com os filhos de Sou Rai.

Os filhos de Sou Rai, então, começaram a cantar o seguinte *dadolin*:

*lalikit hareu we
mori taa kotu
taa kotu imi leet
ami leet ona*⁹⁵.

Um dia depois dos sepultamentos, as pessoas do Reino de Luca mandaram que os filhos de Sou Rai saíssem daquele lugar. Por isso, o Rubi Sou, um dos filhos de Sou Rai, e os seus irmãos saíram imediatamente e foram para o We-Klobor que fica no We-Tali. Quando lá chegaram fizeram uma horta e tentavam cultivar ano após ano, mas era uma região que não havia água. Quando precisavam da água para cozinhar, beber e tomar banho tinham que buscar na ribeira de Dilór e de Kuha⁹⁶.

Os filhos de Sou Rai criavam um cão branco que certa tarde, saiu para procurar água. Ao voltar para casa os donos observaram que o cão estava todo molhado, o que fez com que eles desconfiassem que havia água ali por perto. Decidiram então, fazer um cestinho de palha, furaram um buraco, encheram de cinza e penduraram no pescoço do cão para que à medida que ele andasse fosse deixando marcas no o caminho percorrido. À tarde, eles

⁹⁵ Dadolin que metaforicamente significa: uma vez a corda cortada, acabam-se as relações de amizade.

⁹⁶ Ribeiras do município de Viqueque.

espreitaram para saberem onde é que o cão havia ido. Seguiram-no até chegarem ao local onde o cão matava sua sede. Daí em diante, começaram a ir buscar água naquela ribeira.

No outro dia, Iku Sou, a irmã mais nova de Rubi Sou, foi sozinha buscar água e ao chegar à ribeira viu uma enguia dentro da nascente a cavar a terra até deixar a água barrenta. Depois de ver aquilo, Iku Sou decidiu limpar aquela nascente, mas a enguia continuava a mexer-se lá no fundo, deixando a água suja. Por isso, a menina regressou muito tarde à casa, e os seus irmãos ficaram preocupados e zangados. Perguntaram-lhe:

– Por que é que estás atrasada?

– Porque lá na nascente havia uma enguia, que sujou a água, e eu estava a tentar limpá-la, mas a água continuava suja e demorou muito tudo isso.

Iku Sou passou a ir buscar água todos os dias naquela ribeira, mas a água continuava suja e seus irmãos ficavam sempre zangados com ela.

Uma vez, os irmãos de Iku Sou a acompanharam para buscar água e capturar a enguia. Ao capturarem-na, levaram-na para casa e prepararam-na para comê-la. Em seguida, seus irmãos foram lavrar a terra porque iam plantar, enquanto a menina ficou sozinha em casa a fazer *tukir*⁹⁷ com a carne da enguia.

Quando o *tukir* estava a ferver, a enguia começou a falar para a menina:

Kroto-kroto-kroto
Orsida lokraik
Ita rua tuna
*Ita rua na'a*⁹⁸.

A enguia repetiu a mesma coisa várias vezes, enquanto sua carne estava a ferver. Iku Sou ficou assustada e começou a ficar com medo. Imediatamente saiu a correr para informar aos seus irmãos o que havia acontecido, mesmo não acreditando muito na irmã, eles

⁹⁷ Comida tradicional timorense em que se coloca carne (ou arroz) para cozinhar dentro de um bambu.

⁹⁸ “Mais tarde nós duas seremos duas enguias e nos tornaremos petisco”. *Kroto-kroto-kroto* é uma representação onomatopaica para o barulho da água a ferver.

resolveram voltar para casa, mas ao chegar lá, não ouviram nada, então acharam que sua irmã estava mentindo e voltaram para a horta.

Iku Sou voltou a preparar o *tukir* e novamente começou a ouvir a enguia falar a mesma coisa:

Kroto-kroto-kroto
Orsida lokraik
Ita rua tuna
Ita rua na'a

A menina ficou amedrontada e triste. Ao meio-dia, quando os irmãos voltaram à casa para almoçar, o *tukir* da enguia já estava bem cozido. Todos comeram e acharam a comida muito saborosa.

Depois do almoço, voltaram à horta e ficaram a cultivar a terra até o fim da tarde. Quando acabaram, voltaram para casa e descansaram um pouco. Mais tarde, juntamente com Iku Sou, foram tomar banho na ribeira. Quando chegaram lá, começaram a tirar a roupa para entrarem na água, mas de repente Iku Sou caiu dentro d'água e aos poucos seu corpo foi transformando-se numa enguia, exceto a sua cabeça, que continuou com sua forma humana. Então, ela disse para seus irmãos:

– Estão vendo? Eu falei, mas vocês não acreditaram em mim! A realidade agora está provando que era verdade tudo que eu havia lhes dito.

Iku Sou recomendou aos seus irmãos:

– Vão buscar arroz vermelho e um porco vermelho e tragam para comermos em uma cerimônia de despedida.

Iku Sou continuou a falar: - Vocês vivem sobre a terra e reproduzem-se no território, eu vivo na água como enguia, portanto os meus descendentes não podem comer mais a enguia.

Os irmãos voltaram para casa à procura do arroz e do porco, conforme recomendado pela irmã. Ao conseguirem pegar os alimentos, levaram-nos para a ribeira de We-Klobor para lá fazerem o *tukir*. Ao chegarem lá, cortaram o *ai-kdonu*⁹⁹ para fazer *au-*

⁹⁹ Espécie de árvore que é utilizada para construir a *uma lulik* (casa sagrada). Nesse caso, utilizavam a folha dessa árvore dobrada para recolher água e beberem.

*doran*¹⁰⁰, colheram a folha de *kwifia koloraek*¹⁰¹ para pegarem e beberem água. Depois pegaram um coração de bananeira e colocaram em cima de uma pedra achatada para Iku Sou comer em cima daquela pedra.

Quando chegou a hora do almoço, Iku Sou disse-lhes:

– Este é o nosso último almoço juntos. Não se esqueçam de dizer aos nossos descendentes para não comerem mais enguia, nem coração de bananeira e nem *kwifia koloraek*. Devem dizer também para não queimarem o *ai-kdonu*, e, se eles desobedecerem, ficarão doentes ou morrerão.

Em seguida, Iku Sou cantou o seguinte dadolin:

We-Klobor dadula an
Sei rai rahu
Sei titik tolun
Sei rai rahun.
Ohin loron We-Klobor
Sei dadula an
Ita tuur fahe
*Rai ba malu*¹⁰².

Após cantar, bateu a cabeça na pedra achatada e transformou-se totalmente numa enguia.

Os irmãos regressaram para casa, depois despediram-se. Alguns foram para *loro monu* outros para *loro sa'e* (parte oeste e leste do país); outros para o *tasi feto* e outros para *tasi mane* (respectivamente mar do norte e mar do sul).

Rubi Sou foi para a casa sagrada *Uma bein Mamulak* e casou-se com uma filha de Mamulak chamada Dasi-Lerak. Por sugestão dos pais e irmãos da noiva, o casal ficou morando ali naquela aldeia, onde tiveram dois filhos que se chamavam Funu Rubik e Naha Rubik.

O Funu Rubik ficou vivendo na mesma aldeia para guardar os objetos sagrados da família, uma corrente e um brinco de ouro. O irmão mais novo, Naha Rubik foi viver em Karau Inuk e Kuda Inuk

¹⁰⁰ Tronco de *ai-kdonu*.

¹⁰¹ Folhas de uma espécie de inhame selvagem

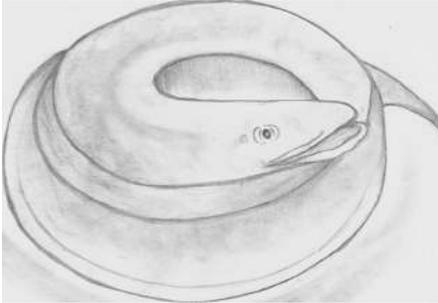
¹⁰² Dito popular que significa que as mentiras afastam as pessoas.

que fica no suco Kaen-Lulik, e herdou os objetos sagrados que a Iku Sou estava utilizando no momento da sua transformação em enguia.

Os dois irmãos Funu Rubik e Naha Rubik levaram as suas descendências para viver em Baria Laran, lugar em que hoje em dia chama-se Mane Klaran, surgindo assim, a aldeia Kaen-Lulik.

Hoje em dia ainda existe a espada que pertencia aos pais e Naha Rubik e Funu Rubik, os demais objetos já desapareceram.

Figura 22: ilustração da enguia



Fonte: ilustração de Joaquina Francisca de Sales da Costa

Biografia do contador do *ai-knanoik*:

Esta história foi contada pelo agricultor Rubi Leki, natural de Viqueque, nascido em 7 de dezembro de 1959. Ele é casado e tem sete filhos. Rubi Leki é neto do personagem principal da história, o Sou Rai, ele contou que escutou esta história por meio dos seus avôs e disse ter ficado muito contente em recontá-la, pois assim, outras pessoas possam conhecê-la e saber sua origem.

***Ai-knanoik* recolhido e registrado por:**

Agustinha Lopes Amaral
Cristina Soares
Ermelinda Ribeiro
Getrudes Martalina da Costa

Juliana Saldanha
Marcos da Cruz
Lusia Fernandes

VERSÃO EM LÍNGUA TÉTUM

AILEU

Suku Saboria

Peskiza ne'e hala'o iha suku ida ne'ebé ho naran suku Saboria, postu administrativu Aileu vila, munisípiu Aileu. Lian ne'ebé uza hodi halo entrevista mak lian tetun. Maski avó ne'e komprende tetun, nia la konsege konta ho lian ne'e, nune'e, nia konta de'it ho lian mambae. Molok halo entrevista ho avó-feto ne'e, ko'alia uluk ho katuas na'in rua, maibé sira la hatene kona-bá Saboria nia istória.

Entrevista ho avó-feto ne'e hala'o durante oras balu nia laran de'it. Halo gravasaun no hafoin prodús ba versaun ne'ebé badak iha lian tetun, tuir mai transkreve ba versaun portugés.

Dadaun ne'e joven sira barak seidauk hatene istória tradisionál, no ami hein katak ai-knanoik ne'e bele habelar di'ak liu tan ba foin sa'e no labarik sira, liu-liu kona-bá istória suku Saboria ne'e rasik. Peskizadór sira koñese ona istória ne'e liu hosi avó sira, maibé nunka rona ai-knanoik ne'e iha eskola.

Iha tempu uluk liu bá, iha suku ida ho naran suku Sarilihu ne'ebé iha populasau barak maka hela iha ne'ebá. Iha avó-mane ida naran Maubere ho nia ferik-oan naran Maria, sira mós hela iha uma ida mak halo ho du'ut iha foho leten, iha suku ne'ebá. Maubere ho Maria iha oan-mane na'in tolu, Leki Malik, Mau Leki, no Ber Lelo. Sira moris nu'udar ema agrikultór. Maubere ho Maria hadomi tebes sira-nia oan. Loron-loron sira bá hala'o servisu, Leki Malik ba haree karau, Mau Leki bá to'os no Ber Lelo ajuda nia inan ho aman iha uma. Uma ne'e, Maubere ho Maria rai sasán ida ho naran *fildaun* ¹⁰³ iha luhu laran no tula iha ai leten. Iha kalan *fildaun* lakan, comunidade ne'ebé hela iha foho nia hun sempre haree.

¹⁰³ Sasán lulik ida ne'ebé ho nia modelu hanesan brinku, no nabilan.

Durante tempu naruk *fildaun* nia lakan fó naroman hanesan fitun ida no halo ema hotu hakfodak, sira mós hakarak hatene naroman ne'ebé mosu iha foho leten ne'ebá.

Ho akontesimentu ne'e, iha kalan, avó Maria koko hodi haree ba lakan ne'ebé mosu, tebes ka la'e. Nia hatene katak *fildaun* ne'e lulik, maibé la hatene katak nia lakan kalan-kalan. Baihira haree naroman ne'ebé lakan, ho nune'e avó Maria bolu avó Maubere hodi husu: - "Hei...! Tat Leki Bere sabid fe leo na?¹⁰⁴ - Hai...! Saun luli fuis ni taka fe hodan leo na¹⁰⁵, ho laran taridu avó Maria dehan ba avó Maubere: Ohh...! Au kal tu se ó fe sauba¹⁰⁶.

Sira na'in rua hatene ona katak *fildaun* maka lakan no fó nia naroman iha kalan. Nune'e sira la preokupa tan, tanba *fildaun* ne'e hanesan sasán lulik ne'ebé fó sorte ba sira.

Kuandu sira-nia oan-mane na'in tolu ne'e bá halimar ho sira-nia belun baibain, ema bolu sira buan, no ema dehan atu labele halimar ho sira. Sira na'in tolu, Leki Malik, Mau Leki, no Ber Lelo ho triste, fila ba uma no dehan ba sira nia inan ho aman katak kolega sira bolu sira buan.

Ho nune'e avó Maubere ho avó Maria bolu ema hotu hodi fó hatene katak, sira la'ós buan, maibé, iha sasán lulik ida ho naran *fildaun* ne'ebé tau iha ai-leten iha foho, maka kalan lakan no fó naroman.

Komunidade sira hahú hatene katak avó Maubere ho nia família la'ós buan, no ho sasán lulik ne'ebé mak sira iha, populasau n hili avó Maubere sai hanesan liurai. Avó Maubere sai ona liurai, no troka naran suku Sarilihu ba suku Saboria, ne'ebé iha mambae signífika *Sabo*: buan; *ria*: knua, ka, *Saboria* katak *knua buan sira nian*. Suku ne'e to'ogora iha, no pertense iha parte postu administrativu Aileu vila, munisípiu Aileu.

Biografia haktuir na'in nian

Ai-knanoik ne'e hatutan hosi Laura Mendonça Pinheiro, to'os na'in, no mós nu'udar inan ne'ebé tau matan iha uma. Moris iha loron rua fulan abril tinan 1957, iha suku Sarin, postu administrativu

¹⁰⁴ Hei...! Avó Leki Bere saida mak lakan ne'e?.

¹⁰⁵ Hai...! Sasán lulik tau iha luhu ne'e mak kalan lakan.

¹⁰⁶ Ohh...! Hau hanoin kala ó maka buan.

Aileu vila, munisípiu Aileu, no ema ne'ebé la eskola. Avó Laura feto foun hosi bei oan avó Maubere nian (Leki Malik nia oan), personajen hosi ai-knanoik ne'ebé foin haktuir dadaun. Nia dehan katak, baibain rona istória ne'e hosi nia inan ho aman. Iha nia hanoin, istória ne'e presiza konta ba foin sa'e no labarik sira, tanba sira mak jerasaun Timór nian, no importante atu sira bele hatene. No mós, nia haktuir katak, bele konta iha eskola atu nune'e alunu sira bele hatene, hanesan bu'at ne'ebé iha folin no presiza rai no promove, tanba halo parte valor kulturál timór nian.

Estudante na'in rua ne'ebé halo traballu ne'e, mak Natália Soares no Rozendo Pinheiro da Costa, avó Leki Malik nia bei-oan, personajen prinsipál iha ai-knanoik ne'e.

Ai-knanoik rekolla no kakerek hosi:

Juliana Soares
Natália Soares
Natércia Maia da Cruz do Rosário
Rozendo Pinheiro da Costa
Suzana Isabel B. Pereira

AINARU

Aldeia *Haut-Ion* no ai-knanoik suku Cassa nian

1. Aldeia *Haut-ion*

Istória tuir mai ne'e, istória ida hosi aldeia Haut-ion, suku Nunu-Moge, postu pministrativu Hatu-Builiko munisípiu Ainaru.

Iha prosesu peskiza istória nian ne'e, ami la hetan difikuldade ruma. Ami la ba to'o munisípiu Ainaru hodi halo peskiza, maibé halo de'it entrevista iha Dili, postu administrativu Na'in Feto, suku Bidau Lesidere. Hala'o entrevista ho foin sa'e oan ida hosi aldeia Haut-ion duni. Nia hatene di'ak kona-ba istória rai ne'ebá no mós nia aman mak nu'udar lia na'in iha aldeia ne'e duni. Ami halo entrevista ida ho lian Tetun, entrevista ne'e hala'o durante oras rua nia laran. Maski ami mesak Ainaru oan, maibé ami mós foin hatene istória ne'e.

Iha tempu uluk liu bá, iha munisípiu Ainaru, postu administrativu Hatu-Builiko, suku Nunu-Moge udan tau bo'ot tebes. Kuaze udan hela de'it, loron ida, kalan ida. Udan bo'ot ne'e halo fatuk no rai namtate hotu. Mota lori fatuk barak mak bá para hotu iha suku Nunu-Moge. Iha rai rohan ida ne'ebé nakonu ho fatuk, to'o haree hanesan odamatan ida atu bele tama nian ba Nunu-Moge. Liu tiha tinan barak nia laran, rai komesa taka fatuk hirak ne'e no halo nakfila sai ba fatin kmo'ok oan ida furak tebes. Hosi klima ne'ebé malirin no rai ne'ebé bokur fó fuan ba kafé no fó isin ba batar.

Iha loron ida, Mau-Hoda ho Bi-Hoda ba fera rai hodi halo to'os. Sira hakarak kuda batar no kafé. Mau-Hoda bá to'os kafé nian, no Bi-Hoda bá to'os batar nian. Loron-loron sira na'in rua halo hanesan nune'e hela de'it. Loron ida, kuandu sira-nia kafé fó fuan no batar fó isin ona, sira hanoin atu bá halo kolleita ou tesi batar no ku'u kafé.

Maibé teki-teki, Mau-Hoda hanoin kona nia aman Mau-Hako nia liafuan sira, katak: molok atu tesi batár ka ku'u kafé, uluk na-nain tenke see Lai....

Nune'e, Mau-Hoda bolu nia kaben no konta saida mak nia foin hanoin hetan. Bi-Hoda mós hatán ka konkorda ho saida mak nia la'en dehan no nia bá kedas to'os laran hodi prepara bu'at hotu ne'ebé mak presiza. Nia tau bua, malus no ahu, no hahán balu hodi halo oferesimentu ne'e, bu'at hirak ne'e hotu lori bá tau iha "boska", fatin ne'ebé hodi see. Ida ne'e, sira halo hodi agradese ba grasa no bensaun ne'ebé sira hetan durante tinan ne'e nia laran.

Iha kalan, bainhira halakan tiha ahi-oan, Mau-Hoda tu'ur iha "boska" nia oin hodi hamulak nune'e: - *Imi han bá, hodi ami han.*

Dadeer nakukun de'it, sira na'in rua bá ona to'os hodi bá tesi batár no ku'u kafé. Iha dalan, Bi-Hoda nonok de'it hodi hanoin kona-ba bu'at sira ne'ebé horikalan sira halo. Entaun, nia husu ba nia la'en dehan: - *tanba-sa mak ita tenke see lai molok atu ku'u kafé no tesi batár, hanesan horikalan halo ne'e?*

Maibé nia la'en hatán ho lian neneik de'it hodi dehan:

- *Hai.....hau-nia kaben, tuir saida mak hau-nia aman konta ka dehan, katak see ne'e hodi hasees ka hodi animál fuik no na'ok-teen sira labele estraga ita-nia produtu, no labele na'ok.*

Ida ne'e mak hau hatene...!

Bi-Hoda hakfodak ho liafuan hirak ne'e no nia nonook de'it hodi la'o to'o to'os batár nia laran.

To'o tiha to'os, sira na'in rua tesi uluk tiha batár hafoin bá fali to'os kafé nian. Batár no kafé barak tebes, sira na'in rua labele lori, tanba todan tebes. Entaun sira na'in rua fó hanoin ba malu katak: - *Di'ak liu ita halo de'it uma oan ida iha ne'e hodi ita bele rai sasán hirak ne'e.*

Sira na'in rua kole tebes no sira toba de'it ona iha ne'ebá.

Ikusmai, sira na'in rua hela duni iha Haut-Ion no sai hanesan ema dahuluk ne'ebé hela iha fatin ne'ebá. No agora sai hanesan aldeia ida ho naran HAUT-ION. "Haut" katak fatuk, no "Ion" katak Ikun.

Biografia haktuir na'in nian

Istória ne'e konta hosi Aniceto da Conceição Pacheco, ho nia naran jentiu mak Mau Koli. Nia joven ida ho tinan ruanulu-resin-lima, oan hosi lia na'in ida hosi aldeia Haut-Ion, suku Nunu-Moge. Moris iha Haut-Ion iha loron ruanulu-resin-ualu, fulan Janeiru tinan rihu ida-atus sia-ualunulu-resin-sia. Nia nu'udar estudante ida iha departamentu Saúde Pública iha Faculdade Medisina nian, iha Universidade da Paz no nia mós servisu iha NGO Internasionál ida. Iha entrevista nia hateten katak, istória ne'e uluk seidauk konta ba ema ruma, tanba istória ne'e lulik no nia mós rona istória ne'e hosi nia avó ne'ebé iha foho no foin mak konta tutan ba sira-nia jersaun. Nia mós dehan katak kontente tebes wainhira istória ne'e karik bele haktuir iha nia aldeia no iha foho, tenke hetan lisensa hosi beiala sira no tenke halo lulik ruma hamutuk ho nia família sira.

Ai-knanoik rekolla no kakerek hosi:

Edi Gonçalves
Idália de Jesus Martins

Felícia Belo Assis
Joana Sarmento Gomes

2. Ai-knanoik suku Cassa nian

Istória tuir mai ne'e, nia hun hosi suku Cassa, postu administrativu Ainaru, munisípiu Ainaru. Entrevista ida ne'e, ami halo ho lian tetun hafoin tradús fali ba lian portugés, no halo liu hosi telefone de'it ho nia durasaun oras ida nia laran.

Liu hosi peskiza ida ne'e, mak ami grupu peskizadór no mós jersaun hosi suku Cassa foin rona no koñese istória ida ne'e.

Iha tempu uluk liubá iha suku ida naran Asa-hua, iha naran ne'e tanba hosi lian bunak “Asa-hua” katak iha “foho nia leten”. Tanba suku ne'e iha duni foho nia tutun, suku ne'e nakonu ho ai-horis oi-oin mak hanesan: nuu, ai-kakeu, ai-kameli, ai-teka, ai-look, ai-bubur, sukaer, haas no ai-horis sira seluk.

Iha suku Asa-hua ne'e iha uma kain lima. Iha suku ne'e sira sempre haree malu ho di'ak, no iha sira-nia suku ne'e nakonu ho domin hanesan mós ho ai-horis sira ne'ebé mak iha.

Kau Lelo, katuas ida ne'ebé hela mós iha suku ne'e nia laran, nia mane ida ne'ebé mak forte, ho matan azul, inus-kain naruk, no nia hadomi ema hotu. Iha nia moris nia gosta liu bá kasa iha tempu kalan.

Suku Asa-Hua ukun hosi D. Lelo Bau. Nia sempre bolu Kau Lelo hodi akompañá no ajuda nia durante prosesu dezentvolvimentu ba suku ne'e, tanba Kau Lelo mak ema ida ne'ebé liurai fiar. Don Lelo Bau, ema ida ne'ebé mak si'aktén, maibé, laran di'ak no badinas. Nia kaben gosta soru tais no halo servisu uma nian. Iha nia ukun, populasaun sira moris iha dame nia laran no sempre hadomi malu.

Iha loron ida Kau Lelo bá Sr. António nia uma hodi halo planu ida atu bá kasa. Entaun Kau Lelo komesa dehan nune'e: Sr. António, orsida kalan ita bele bá kasa! Maibé, Sr. António hakfodak tanba iha nia moris nia nunka bá kasa. Maibé nia aman ema kasadór ida. Entaun, Sr. António dehan: - ha'u nunka bá kasa. Kau Lelo xatiadu bainhira nia rona António nia liafuan. Maibé iha minutu balu, Sr. António aseita ho planu ne'ebé mak iha.

Iha kalan, sira na'in rua bá kasa hetan animál barak iha ai-laran, maibé la konsege kaer. Nune'e sira fila ba uma hodi marka tempu atu bá kasa fila fali. Sira na'in rua bolu tan sira-nia mane-maluk balu atu bá kasa hamutuk. Iha kalan, bainhira sira atu bá kasa sira prepara sasán sira mak hanesan: ka'ut, katana, dima, físga, bote no ahi-kose. Depois sira komesa bá kasa iha ai-laran. Animál ne'ebé sira hetan mak hanesn: bibi-rusa, fahi-fuik, asu-fuik, meda, laku no lekirauk. Ho animál ne'ebé mak sira hetan, balu sira han no balu sira lori ba merkadu hodi troka ho sasán sira seluk ba sira-nia moris.

Aktividade ne'ebé sira hala'o mak hanesan: loron sira halai natar iha rai Loe Golo, no kalan sira bá kasa. Iha tempu udan Kau Lelo bolu nia kolega hodi sira bá kuda hare, sira sempre servisu hamutuk no ajuda malu.

Iha loron ida, Liurai Lelo Bau halo sorumotu ho nia populasaun Asa-Hua ho nia objetivu atu harii uma lulik. António ho Kau Lelo mós partisipa iha ne'ebá.

Sira foti dezizaun atu harii uma lulik iha Asa-Hua, no nia konkorda ho ideia ne'e. Depois lia na'in sira hosi suku ne'e fô sai programa serimónia rituál ba sira.

Família sira ne'ebé pertense ba umamane sira lori fahi, bibi, foos no prepara mós bua, malus no ahu hodi mama. Família sira ne'ebé pertense ba fetosán sira lori kuda, karau, tua, morteen, no belak atu entrega no rai iha uma lisan.

Iha dadersán sira hahú serimónia inaugurasun ba uma lulik. Ba serimónia ida ne'e, família ida-idak lori bu'at ne'ebé mak lia na'in sira husu. Bainhira harii uma lulik hotu, jerasun hosi suku ne'e hahú desenvolve no balu komesa eskola. Iha eskola sira haka'as an atu hatene saida mak sira hakarak, no ikus hetan susesu no sai ema ida ne'ebé matenek no mós komesa desenvolve suku ne'e.

Tempu la'o nafatin ba oin no katuas ho ferik sira ne'ebé hela iha ne'ebá mós balu mate ona. Jerasun hosi Asa-Hua hanoin katak sira nia bei'ala mak sai ema dahuluk ne'ebé hatene kasa iha Timór. Ho hanoin ida ne'e sira halo sorumutu ida ho liurai, lia na'in no katuas sira seluk mak iha ne'ebá atu fó naran foun ba suku ne'e no sira aseita. Iha dadersán sira halo rituál atu hanaran foun ba suku Asa-Hua. Ba ne'e, balu lori fahi, tua, manu no sira seluk lori kuda, asu, bibi, bua, malus no ahu. Objetivu hosi sentidu ne'e atu husu ba rai lulik atu simu naran ne'ebé mak sira troka no fó naran foun ba rai ne'e.

Bainhira halo serimónia rituál, sira bolu mós ema hosi suku seluk atu bá asisti. Sira halo ho susesu no ikus fó naran foun ba suku Asa-hua ne'e ho naran Cassa.

Biografia haktuir na'in nian

Ai-knanoik ida ne'e haktuir hosi Maria de Araújo, tia hosi peskizadór sira ne'e ida. Nia moris iha aldeia Lailima, suku Cassa, postu administrativu Ainaru, munisípiu Ainaru, iha tinan 1929, no oras ne'e ho idade 85, nia to'os na'in. Sra. Maria, dehan katak, ai-knanoik ne'e nia rona hosi nia bizavó, bainhira hala'o serimónia tradisionál hanesan harii uma lulik no saubatar.

Ai-knanoik rekolla no kakerek hosi:

Leocádia Maria Corte-Real da Costa
Natalícia Emanuela S. Magno
Zefanos Lopes de Carvalho

BAUKAU

Ai-knanoik orijen munisípiu Baukau, Loi-Rubi Laku-Rubi no Gae-Nisi

1. Ai-knanoik orijen munisípiu Baukau

Peskiza ne'e hala'o iha suku Gari-Wai, munisípiu Baucau mai hosi *Wai-Lewa* no *Wai-Lesu*, iha makasae dehan Tale-Wara no "Ira-seti". *Wai-Lewa* no *wai-Lesu* ne'e bee-matan ida nia naran ne'ebé maka nakfila ba Baukau.

Wai-Lewa Tale-Wara" signifika goza malu, no *wai-Lesu* "Ira-seti" signifika husu bee. Na'in hosi bee-matan ne'e mai hosi uma lisan Makada'e iha suku Bahu'u.

Atu hala'o investigasaun ida ne'e ami uza lian makasae. Depois ami tradús ba lian ofisiál tetun no portugés. Iha peskiza ne'e ami entrevista lia na'in na'in tolu. Na'in rua uluk la haktuir ai-knanoik ho klaru, no ida la haktuir to'o hotu. Maibé ida ikus ne'e mak haktuir hosi hun to'o rohan.

Iha tempu uluk liubá, mane foin-sa'e ida naran Lekiloi Watu, nia ema Ledatame Fatumaka nian. Lekiloi Watu moris hanesan karau atan ida, loro-loron nia servisu mak tau matan ba ninia karau sira iha ai-laran hosi dade'er to'o lokraik. Lekiloi Watu nia fatin mak iha ai-laran de'it, tanba iha fatin ne'e mak nia karau sira halibur an ba, no nia mós hanesan ema to'os na'in ida.

Hanesan ema karau atan ida ho badinas Lekiloi Watu sempre hadeer sedu hosi nia maun alin sira, tanba nia ta'uk karau sira atu ba estraga ema nia kintál. Depois hadeer tiha Lekiloi Watu la haluha prepara nia bukae no bee hemu nian atu lori, tanba Lekiloi Watu nia

karau luhan do'ok hosi sira nia hela fatin. Ho nune'e sempre lori kedas nia bukae tanba nia fila lokraik.

Hosi loron ba loron Lekiloi Watu hamutuk ho nia asu aman ida, sira na'in rua mak tau matan lisuk ba nia karau sira. Iha ai-laran tuan ne'e la iha ema, la iha uma no mós la iha bee, maibé fatin ne'e nakonu ho matak no furak natureza nian.

Maski la iha ema ida mak hamaluk Lekiloi Watu bainhira nia tuur mesak iha ai-laran tuan ne'e maibé nia asu aman ho natureza no manu fuik sira nia lian mak sempre hamaluk nia iha fatin ne'e, no nia sente kontente tan bainhira nia asu aman hatenu ho halerik, tanba ida ne'e hanesan sinál korajen nian ba Lekiloi watu hodi la baruk, la dukur no la sente kolen bainhira nia hein nia karau sira. Ho ida ne'e nia hakbesik liu nia an ba natureza tanba hosi loron ba loron furak hosi natureza de'it mak bele hamaluk nia.

Hosi tempu barak nia laran mak Lekiloi Watu hein nia karau sira, nia hadomi teb-tebes nia balada sira ne'e, no gasta nia tempu tomak hodi kuidadu sira. To'o lokraik, Lekiloi watu sulan tiha nia karau sira, nia fila sei liu hosi to'os hodi hamoos nia kintál. Iha to'os laran ne'e nakonu ho ai-horis oi-oin de'it. To'o kalan mak Lekiloi Watu fila ba uma. Bainhira to'o iha uma nia senti kolen. Nia han tiha no toba.

Iha dadersán bainhira manu kokorek, Lekiloi Watu hadeer hodi prepara hahán hodi ba haree nia karau sira. Loron matan komesa nakfera hosi foho Matebian nia tutun, no fó naroman ba rai, Lekiloi Watu komesa haloot nia hahán no nia bee-hemu hodi tau ba bote laran no tara ba nia kabás, la'o dadauk ba haree nia karau sira.

To'o iha karau luhan Lekiloi Watu loke odamatan karau luhan nian, no karau sira komesa book an hodi nadodon sai mai liur hodi buka du'ut matak sira atu han. Bainhira sira han dadauk du'ut Lekiloi Watu mós hasai tiha nia bote hodi tara ba ai-hun nia sanak no nia tuur hodi hein nia karau sira han du'ut.

Lekiloi Watu tuur la sente baruk, nia huu nia flauta ho hananu kultura nian hodi hamaluk nia karau sira. To'o meu-dia kuandu karau sira sente bosu hodi hatoba an iha ai-hun sira-nia mahon, la haluha Lekiloi Watu bolu nia asu para sira nain rua mós han dadauk bukae ne'ebé nia lori, depois han hotu tiha nia deskansa.

To'o lokraik loro-matan komesa monu hosi loromonu nian, fitun kalan nian komesa mosu troka loron nia naroman, Lekiloi Watu

book an lalais, nia lori karau sira ba nia luhan. Hafoin hatama tiha karau sira ba luhan, hanesan baibain, Lekiloi Watu fila sei liu hosi nia to'os, hamoos liu tiha du'ut sira ne'ebé iha nia to'os-laran ne'e. To'o iha minutu balun nia laran Lekiloi Watu fila ba uma.

Hosi loron ba loron Lekiloi Watu nia aktividade mak hanesan ne'e de'it to'o kalan fila ba uma. Maibé, iha loron ida Lekiloi Watu hein hela nia karau sira, nia asu aman ne'e komesa la'o do'ok ona hosi nia, no lakon tiha iha ai-laran ne'e. To'o meiu-dia atu han bolu nia asu mós la mosu mai, bainhira atu kalan fila ba uma mak asu ne'e mosu fali, entaun iha ne'e Lekiloi Watu hirus ho nia asu. Nia hahú halo planu ona ba nia asu ne'e.

No kalan to'o iha uma, Lekiloi Watu toba hanoin la hotu, nune'e nia hanoin tun sa'e tanba nia hakarak loos atu hatene asu ne'e bá iha ne'ebé de'it, halo Lekiloi Watu hanoin barak. Maibé iha kalan ida ne'e, nia decide atu toba, tanba loron aban sei hala'o tan nia servisu hanesan baibain.

Iha dadersán, Lekiloi Watu hadeer hodi prepara nia hahán hodi bolu nia asu atu bá fali haree nia karau sira. Maibé, mosu laran-susar ba Lekiloi Watu tanba to'o de'it iha dalan klaran nia asu komesa subar an hosi nia. Ho hakfodak nia bolu nia asu, la mosu mai, maibé tan loron sa'e ba dadauk ona, entaun, nia decide atu bá haree nia karau sira. To'o tiha iha karau luhan Lekiloi Watu loke tiha odamatan, no karau sira komesa nadodon sai hodi ba buka du'ut hodi han. Bainhira karau sira han, Lekiloi Watu fila ba buka nia asu tanba asu ne'e mak sempre hamaluk nia iha ai-laran. To'o iha dalan ne'ebé nia asu halai lakon ba ne'e, nia bolu nia asu maibé la iha lian ida mak hatán. Ho laran susar tebes nia fila ba nia karau sira. To'o iha ne'ebá karau sira han hela du'ut, nia tuur hodi hasai nia flauta no huu hodi hamaluk sira.

To'o meiu-dia Lekiloi Watu sente hamlaha ona, hasai nia bukae hodi han. Nia sei bolu tan nia asu, maibé buat ida la mosu mai. Entaun nia han dadauk nia etu no rai hela balun ba nia asu. Nia ko'alia mesak ho nia a'an rasik: - keta halo asu mosu fali mai karik.

To'o lokraik, bainhira loron matan komesa tun ba dadauk ona Lekiloi Watu lori nia karau sira ba iha nia luhan hodi fila ba uma. La'ó to'ó dalan klaran, derrepente, nia asu mosu tuir fali iha nia kotuk. Ho hirus nia duni tiha asu, hodi dehan:

- Saiiii.... asu badiu ba ne'ebé karik, ba tiha, lalika la'o hamutuk ho ha'u. Lekiloi Watu duni asu ne'e ho hirus.

Hosi loran ba loran asu ne'e halo hanesan ne'e hela de'it to'o loran hitu nia laran. Tanba dala barak ona asu ne'e halo hanesan ne'e beibeik, nia mós lakohi bá buka tan, tanba baruk ona. Maibé saida mak mosu, kuandu to'o meiu-dia asu ne'e fila mai iha karau sira-nia halibur fatin. Lekiloi Watu haree nia asu nia hakfodak tanba asu mosu mai ho kondisaun bokon, entaun nia tuur hateke ba asu ne'e hodi hanoin. Nia husu ba nia aan: -iha ai-laran ne'e la iha bee-matan ida, maibé asu ne'e bá ne'ebé mak bokon fali.....

Loran tuir mai, kuandu to'o iha ai-laran Lekiloi Watu komesa halo planu seluk, oinsá mak nia bele hatene loloos asu ne'e, ba ne'ebé no nia hetan bee hosi ne'ebé. Maibé ba loran ida ne'e Lekiloi Watu la konsege realiza nia planu.

Loran tuir mai bainhira bá fali hein nia karau sira hamutuk ho nia asu. To'o meiu-dia nia sente hamrook ona, maibé la iha bee atu hemu, tanba haluha tiha nia bee hemu iha nia uma. Entaun tuur hanoin ona: - ha'u agora hamrook loos halo nu'usa mak ha'u bele hemu netik bee ruma?

Entaun Lekiloi Watu bolu nia asu mai, nia tau ahu-kudesan ba batar kulit ne'e no halo ku'ak tiha uitoan, nia foti tali hodi kesi ba asu nia kakorok hafoin nia tuur haree de'it asu ne'e. Liu tiha minutu balun nia asu komesa hamri'ik fila kotuk, hodi la'o ba daudaun....

Asu la'o dook tiha uitoan, Lekiloi Watu la'o tuir neineik asu ne'e, nia la'o tuir de'it ahu-kudesan ne'ebé ohin nia tau ba batar kulit laran hodi kesi ba asu nia kakorok ne'e fakar tutuir dalan. Nune'e la susar ona ba nia atu tuir asu ne'e. Liu tiha kilómetru balu asu to'o ona fatin ne'ebé loro-loron nia ba halimar, no iha fatin ne'e iha fatuk kuak ida, to'o tiha fatuk leten asu haksoit tiha ba kuak laran. Lekiloi Watu tuur iha liur hein de'it nia asu. To'o tiha minutu balun nia laran asu komesa haksoit sai fali ba liur ho bokon, entaun iha ne'e mak Lekiloi Watu foin hatene loloos katak afinál loro-loron asu mai iha ne'e tanba iha kuak ne'e iha bee.

Hanoin hotu tiha hanesan ne'e, Lekiloi Watu deside atu tama ba kuak laran atu hemu bee, tanba nia hamrook loos. Entaun, nia la'o bá hamriik tiha iha kuak leten, nia hasai tiha nia bote, katana, diman, hasai hotu tiha, nia komesa tun neineik ba kuak laran. Nia sente ta'uk tanba nakukun loos, maibé bee sulin no tarutu, maski ho ta'uk

nia deside tun ba atu hemu bee tanba hamrook loos ona. To'o tiha iha bee ninin nia seidauk koko atu halakon nia hamrook, saida mak akontese ba Lekiloi Watu? Nia kaer kois hodi monu tama ba laran.

Bee nia volume bo'ot tebes nune'e nia la konsege sai fali mai li'ur. To'o iha klaran sorte bo'ot mosu ba nia, tanba mosu tuna bo'ot ida mak hakarak atu ajuda nia. Maibé, molok tuna ne'e atu ajuda nia, sira na'in rua halo konkordánsia. tuna dehan ba nia:

- Ha'u bele ajuda ó maibé ó tenke halo tuir hotu bu'at ne'ebé mak ha'u ko'alia, se la'e ó labele moris ona no sei la hetan tan rai maran.- Dehan tiha hanesan ne'e, Lekiloi Watu mós hatán kedas, hodi dehan:

- Saida de'it mak ha'u-nia liurai ko'alia mai ha'u, ha'u pruntu naran katak ha'u bele moris". Lekiloi Watu ko'alia tiha hanesan ne'e, tuna hatutan tan:

- Eentaun o mai sa'e ha'u nia kotuk no tuur iha leten, maibé kuandu to'o klaran mak ó sente hamlaha no ita hasoru ikan ka boek ruma karik, ó labele han sira, maibé ó han mak bu'at ne'ebé ó hatais ne'e. Rona tiha ne'e Lekiloi Watu hatán kedas ho laran maus,

- Di'ak na'in liurai".

Hanesan ne'e tiha, tuna dehan tan ba nia, -"bainhira ha'u lori ó luku hosi bee okos mak sente iis bo'ot karik, kaer ha'u-nia matan loos ne'e hodi ha'u lori ó ba fali bee leten; karik iha bee leten ita hasoru fatuk ruma, kaer ha'u-nia matan karuk para ha'u lori ó ba fali bee okos

Iha viajen loron balun nia laran, tuna lori Lekiloi Watu ba husik hela iha fatuk kuak ninin ne'ebé bee sulin sai ba ne'e. Iha ninin ne'e iha rai maran maibé Lekiloi Watu la bele sai ba rai maran tanba rouna ne'ebé nia hatais nia han hotu tiha ona tanba hamlaha. Entaun nia deside hodi tuur de'it iha bee laran.

Liu tiha oras balun nia laran fetoraan na'in rua bin alin ida naran Bui Duka no ida alin naran Bi Duka, hosi Makada'e Bahu'u atu fase rouna iha bee matan ne'e. To'o tiha bee matan ne'e fetoraan na'in rua ne'e komesa atu fase sira-nia rouna.

Ida naran Bui Duka mak la'o tama uluk bá bee laran foin atu tuur fase rouna ho hakfodak, derrepente bee ne'e ki'ik tiha fali, nune'e Bui Duka dehan ba nia alin:

- Bee ne'e nusá mak ita rua mai fase rouna derrepente de'it ki'ik tiha fali ne'e.

Maibé nia alin la hatán ida. ...maski nune'e nia konsege fase hotu tiha nia rounpa no hariis hotu. Nia bin *Bi Duka* sai tiha ba li'ur nia alin *Bui Duka* mak tun fali ba bee laran atu fase rounpa, to'o tiha bee laran foin mak atu tuur, haree ba bee ne'e fo'er hotu, hanesan ema mak halo fo'er, nune'e *Bi Duka* ho hirus dehan:

- se mak iha bee laran mak taka no halo fo'er tiha bee ne'e? Loke tiha bee para ami atu fase rounpa!

Ko'alia tiha hanesan ne'e Lekiloi Watu mós simu hodi hatán ba feto na'in rua ne'e: "ha'u mak tuur iha ne'e", ha'u Lekiloi Watu mak tuir bee dalan ne'ebé to'o tiha iha ne'e, maibé ha'u la bele sai ba liur tanba ha'u la iha rounpa ida atu hatais, tanba ha'u hamla ha'ni tiha ha'u-nia rounpa. Se imi rua nia *tais* ruma iha karik, fó mai ha'u hatais mak ha'u sai ba, Lekiloi Watu hatán tiha hanesan ne'e, feto na'in rua ne'e haksasuk malu. Ida bin bo'ot *Bi Duka* dehan ba nia alin:

- Ó mak fó ó-nia tais ba nia, ida alin fila hatán ba nia bin dehan:

- Ó mak fó ó-nia tais ba nia, tanba ó mak feto bo'ot.

Sira na'in rua haksasuk malu tiha iha minutu balun nia laran, ida bin bo'ot konsege manán nia alin. Entaun, nia alin mak tenke fó nia tais ba Lekiloi Watu atu hatais. Fó tiha tais ba Lekiloi Watu hatais tiha, nia komesa husik tiha fatin ku'ak ne'e hodi la'o sai mai li'ur. Bainhira to'o iha li'ur feto na'in rua ne'e bolu Lekiloi Watu bá sira-nia uma iha Makadai Bahu'u.

To'o tiha iha uma, ida bin bo'ot ne'e dehan ba nia alin:

- Ohin ó mak fó ó-nia tais ba nia ne'e duni ó mak tenke kaben ho Lekiloi Watu.

Maibé nia alin fila hatán fali ba nia bin hodi dehan:

- Ita rua ohin kombina mak ha'u fó ha'u-nia tais ba Lekiloi Watu, ne'eduni ita rua kaben hotu ho nia.

Entaun sira na'in rua konkorda ho nia alin nia ideia ho nu'une'e sira na'in rua kaben ho Lekiloi Watu. Hafoin kaben tiha, sira hela de'it iha Makadai Bahu'u, to'o tinan lubuk ida nia laran.

Wainhira Lekiloi Watu nia oan sira bo'ot hotu, Lekiloi Watu dehan ba nia ferik-oan na'in rua ne'e:

- Imi na'in haat hela lai, ha'u bá haree lai ha'u-nia katana, bote, faru no diman, no mós karau sira uluk ne'ebé, ha'u husik hela de'it iha ne'ebá, iha loron ne'ebé ha'u tama iha bee laran. Ha'u foti tiha lai ha'u mai fali.

Maibé Lekiloi Watu nia ferik oan na'in rua hatán ba nia hodi dehan:

- Se ó mak bá mesak de'it, entaun ó halai lakon no la fila ona, nune'e ó hakarak ba ona karik ita na'in lima bá hotu.

Ko'alia tiha hanesan ne'e, Lekiloi Watu mós hatán kedas hodi dehan:

- Entaun prontu! Ita bá hotu hela iha ne'ebá de'it ona.

Maibé, molok atu bá Lekiloi Watu nia familia sira iha Ledatame Fatumaka, halo hotu tiha ona Lekiloi Watu nia kultura mate nian, tanba sira hanoin Lekiloi Watu mate tiha ona, tanba kleur ona, nia la fila ba uma. Maibé, saida mak mosu bainhira Lekiloi Watu fila hosi (Makadai Bahu'u) Waileua-Wailesu (Aktuál Baukau), bá iha Ledatame Fatumaka? Lekiloi Watu hamutuk ho nia ferik-oan na'in rua, no nia oan na'in rua la bá ona hela iha uma, maibé sira hela de'it iha to'os laran. To'o kalan Lekiloi Watu nia familia sira haree ahi lakan no suar fali iha Lekiloi Watu nia to'os laran. Sira haree hanesan ema mak sunu no hamoos to'os, entaun Lekiloi Watu nia familia sira dehan ba malu ona. Sira husu ba malu:

- Lekiloi Watu uluk kedas mate tiha ona, maibé se mak sunu no hamoos nia to'os iha ne'ebá ne'e?

Sira ko'alia ho hanoin oioin.

To'o dadersán, Lekiloi Watu nia familia sira komesa bo'ok aan, la'o tesik ba Lekiloi Watu nia to'os. To'o iha ne'ebá sira haree ho hakfodak, tanba Lekiloi Watu ho feto na'in rua ho labarik na'in rua mak hela fali iha to'os laran hamoos hela to'os. Entaun sira husu Lekiloi Watu:

- Ó bá ne'ebé de'it, mak foin mosu fali mai ne'e. Ami hanoin ó mate tiha ona, ne'ebé ó-nia kultura mate nian ami halo hotu tiha ona.

Ko'alia tiha hanesan ne'e Lekiloi Watu halai hasoru nia familia sira hakuak hodi tanis. Wainhira tanis hotu tiha Lekiloi Watu fó koñese mós nia ferik oan no nia oan sira ba nia familia.

Fó koñese hotu tiha Lekiloi Watu tuur hodi haktuir kronolojia oinsá mak nia lakon ne'e ba nia familia sira. Konta hotu tiha, Lekiloi Watu ho nia familia sira, bá kedas iha ai-laran ne'ebé uluk nia karau sira halibur aan ba, hodi haree fali nia karau sira, no sira liu kedas ba iha bee ne'ebé nia monu tama ba. To'o iha bee ne'e nia leten, Lekiloi Watu nia katana, diman mak sei iha, maibé, bote ho faru dodok hotu tiha ona.

Hafoin sira fila hosi ne'ebá, Lekiloi Watu nia familia sira tuur hamutuk hodi oho bibi, fahi, manu no karau, atu halo tuir tiha fali kultura mate Lekiloi Watu nian ne'e hanesan sinál ida katak fó rekoñese no husu deskulpa ba matebian sira katak Lekiloi Watu seidauk mate. Nune'e sira aproveita momentu ne'ebá atu halo festa tanba Lekiloi Watu fila fali. No nune'e, nia ho nia familia moris haksolok no dame.

Hafoin akontesimentu sira ne'e, bee matan sira Wai-leua-Wai-lesu nakfila ba munisípiu ne'ebé ohin loron hanaran Baukau.

Biografia haktuir na'in sira nian

Lia na'in na'in tolu ne'ebé ami entrevista maka tuir mai ne'e: 1. Venancio de Jesus Freitas moris iha Baukau iha tinan 1942; 2. Adriano Neto moris iha Baukau iha tinan 1935 no ida ikus Alexandrino Guterres Freitas moris iha Baukau iha tinan 1940. Sira na'in tolu nia profisaun agrikultór hotu. Sira na'in tolu kontente hodi konta ai-knanoik ne'e no sira informa katak istória ne'e importante tebes ba jerasaun foun sira atu koñese di'ak liután sira-nia moris fatin no atu prezerva no habelar eransa kulturál ida ne'e.

Ai-knanoik rekolla no kakerek hosi:

Aleixo Ximenes Elias Sarmiento	Gilman Correia Freitas
António Salvador Ximenes	Terezinha Soares
António Ximenes Freitas Lusía Gaio	
Bárbara Ribeiro Maria da Rosa	
Basília A. Simões	

2. Ai-knanoik kona-bá Loi-Rubi no Laku-Rubi

Fofoun ami hotu iha hanoin atu buka hatene rai Ariana nia istória, maibé, bainhira to'o iha fatin ne'e ami labele hetan istória ne'e. Ami koko dada lia ho ansiaun na'in tolu. Entre sira na'in tolu iha ida ne'ebé mak lia na'in maibé sira la koñese ai-knanoik ne'e, sira dehan katak ema ne'ebé hatene ai-knanoik ne'e mate tiha ona.

Tan ne'e, ami hili fali ai-knanoik seluk, ne'ebé sira hatene mak, rai no fatuk Loi Rubi no Laku Rubi nia istória. Rai ne'e pertense ba suku Wai-Laha, posto administrativo Venilale, munisípiu Baukau.

Lian ne'ebé ami uza durante entrevista mak lian Waima'a no midiki, lia inan rai ida ne'e nian. Entrevistadór ne'e husu ho lian waima'a no lia na'in hatán ho midiki, maski lia na'in mós nia lian rasik la'ós Waima'a, sira la haree ba ida ne'e hanesan problema, maibé sira haree lian rua ne'e atu hanesan, no bele halo sira rua komprende malu. Hafoin ida ne'e, lia na'in mós konta fali ai-knanoik sira seluk hosi fatin ne'e nian, ne'ebé hariku liután ami-nia peskiza.

Iha tempu uluk liubá, iha Venilale, iha bee-lihun ida. Iha bee-lihun ne'e nia sorin iha foho fatuk didin bo'ot ida hosi parte lorosa'e. Iha bee-lihun ne'e nia ninin iha rai tetuk ida ne'ebé populusaun sira horik ba hodi forma knua ida. Liu tiha tempu balu, populusaun sira ne'e hili ferik no katuas hamutuk nai'in ualu mak sai hanesan nai-ulun iha ne'ebá, hanesan ferik Na Leki, Lua Naru, Nur Lu no katuas Adadi, Kai Tia, Ará, Loi Rubi no Laku Rubi.

Bainhira númeru populusaun aumenta ba beibeik no hela fatin sai kloot liu, ferik Na Leki no katuas Ará fó hanoin ba nai-ulun neen seluk, atu hamaran bee-lihun ne'e.

Ferik Na Leki no katuas Ará fo hanoin: -Di'ak liu ita halo bee-dalan ida, liuhosi rai tetuk atu nune'e bee bele sulin ba tasi-feto.

Iha na'i-ulun na'in haat konkorda ho hanoin ne'e, maibé katuas Loi Rubi no Laku Rubi lae. Sira rua deha:

- Ita labele halo ida ne'e, tanba bee bele lori ai-horis no rai-bokur sira".

Bainhira sira hotu preokupa tebes oinsá hamaran bee-lihun ne'e, Loi Rubi no Laku Rubi fó hanoin seluk:

- Di'ak liu, ita fera tiha foho fatuk ne'ebá, fahe ba rua hodi nune'e, bee bele halai ba tasi-feto.

Maibé tanba susar tebes atu halo fera foho fatuk bo'ot ne'e, entaun katuas Loi Rubi no Laku Rubi deside halo viajen ba tasi-mané, hodi buka ema ruma atu bele ajuda sira.

Viajen difisil, kolen, hamlaha, hamrook no atu lakon entuziazmu. Maibé, hanoin hela povu nia susar, sira la'o nafatin no la lakon esperansa.

To'o tiha iha tasi mane liu-liu iha tasi Luka, Loi Rubi no Laku Rubi uza sira-nia forsa májiku, nakfila an sai ba foho-rai bo'ot. Hafoin luku ba tasi laran hodi ko'alia ho kriatura sira ida-idak nia ulun-bo'ot ne'ebé moris iha tasi laran, hanesan kadiuk, ikan, boek, kurita, no seluk tan.

Loi Rubi no Laku Rubi husu ba sira, se sira bele karik ajuda halo fera hela foho fatuk ne'e. Maibé, sira hatán katak sira la bele ajuda sira rua tanba sira laiha forsa boot atu bele halo fera fatuk ne'e. No sira dehan tan katak di'ak liu sira rua ba buka maluk seluk.

Loi Rubi no Laku Rubi sente neon nakraik los tanba la konsege hetan ajuda. Maibé sira rua fila no kontinua luku to'o tasi klaran. No sira rua iha esperansa katak sei iha maluk seluk ne'ebé bele ajuda sira. Lakleur de'it sira hetan lafaek inan rua, ida naran Lalu Ai, no ida seluk naran Sibi Rubi. Iha momentu ne'e Loi Rubi no Laku Rubi hato'o kedas sira-nia preokupasaun ba lafaek rua ne'e.

Lafaek rua ne'e simu sira ho delikadeza no hatán katak sira rua bele ajuda. Lafaek rua ne'e dehan:

- Di'ak, ami bele ajuda imi! Maibé, se ami la konsege halo nakfera ne'e laiha bu'at ida, loos ka lae? Se konsege, saida mak imi atu fó mai ami?

Katuas na'in rua mós hatán kedas katak: "Se imi rua konsege duni, ami sei fó ba imi ami-nia an rasik".

Depois lia tuir malu ona, sira na'in haat mós fila hamutuk. Katuas rua ne'ebé ohin nakfila ba fohorai ne'e, fila an sai fali ema no, lafaek rua ne'e fila an sai fali feto rua. Sira fila hamutuk mai iha foho fatuk iha Venilale.

Enkuantu sira la'o no besik daudaun, ferik rua ne'ebé nakfila hosi lafaek, uza sira-nia kbiit, lolo liman ba lalehan no derrepente rai-lakan mosu bo'ot, hodi fera foho fatuk-didin. Rai-lakan dala ida to'o dala haat foho fatuk seidauk nakfera, maibé ba dala hitu foho fatuk-didin nakfera tiha ba rua. Nune'e, bee mós hahú suli maka'as tun ba tasi feto, durante loron hitu kalan hitu, to'o rai ne'e maran.

Populasaun sira hotu haklalak ho ksolok no hakfodak tebe-tebes ba milagre ne'ebé Sibi Rubi no Lalu Ai halo.

Nune'e, sira halo festa bo'ot hodi selebra kaben hosi Sibi Rubi ho Loi Rubi no Lalu Ai ho Laku Rubi, atu halo tuir lia ne'ebé hakotu tiha ona. Tuir istória, Loi Rubi no Sibi Rubi la hetan desendente, maibé Laku Rubi no Lalu Ai hetan oan no bei-oan ne'ebé sei moris to'o agora.

Ikusmai povu tomak hahú harii uma no plantasaun iha rai maran hodi forma knua, hanaran Laku-Rubi no Loi Rubi, inklui mós fó naran hanesan ba foho- fatuk didin rua. Portantu naran na'i-ulun balun hanaran ba knua sira ne'ebé habelar sai barak liután iha Venilale, hanesan Adadi, Arame (hosi Ara) no Kai Tia.

Biografia haktuir na'in nian

Ai-knanoik ida ne'e haktuir hosi lia na'in ida ho tinan 96, ne'ebé ho naran Januário da Costa, koñesidu liu ho naran Janu ka Meloi. Nia moris iha Watubaha Loi Rubi, postu administrativu Venilale, munisípiu Baukau.

Nia hato'o ba ami katak nia rona ai-knanoik ida ne'e hosi nia avó sira bainhira nia sei ki'ik. Nia kontente tebe-tebes tanba bele hato'o riku soin kulturál ida ne'e.

Ai-knanoik ne'e rekolla, no hakerek hosi:

Genoveva Gaio Assis Ornai
Hélio Ornai
Lídia da Costa Xavier Pires
Olga Vicenta Freitas Boavida

Zulmira Assis Belo

3. Ai-knanoik orijen "Gae-Nisi"

Istória ne'ebé ami halo peskiza tuir mai ne'e, lia na'in sei haktuir fila-fali saida mak akontese iha tinan atus liu ba, iha debu "Gaen-Liu" aldeia Ruta, suku Letemumo, postu administrativu Quelicai, munisípiu Baukau. Istória ida ne'e ami la entrevista diretamente, maibé liu hosi telefone de'it, tanba tempu mak limitadu ba ami atu bá iha munisípiu Baukau. Maski iha aldeia ne'e lia na'in

barak maibé lia na'in ne'ebé ami husu dahuluk mak hatene liu istória ne'e. Tanba ne'e mak ami la husu tan lia na'in barak.

Istória ida ne'e hosi ami peskizadór balu rona uluk tiha ona maibé ladún hanoin ho di'ak, tanba ne'e mak ami halo fali entrevista hodi nune'e bele hakerek ho di'ak. Durasaun ba tempu ba lia na'in konta istória ne'e dura oras ida nia laran. Lian ne'ebé mak ami uza ba entrevista ne'e mak lian makasae, hafoin tradús ba tetun ho lian portugés.

Iha tempu uluk liu ba, iha bee-matan ida mak naran "Gaen-Liu". Iha fatin ne'e iha bee matan ne'ebé bo'ot tebes, maibé klood. Iha bee-matan laran ne'ebé iha mós bee nia na'in (tuna). Bee-matan ne'e dook hosi comunidade nia hela fatin, no hela iha ai-laran.

Iha loron ida, feto ida ne'ebé pertense ba uma kain "Lia Toe" bá kuru bee iha bee-matan Gaen-liu, maibé bee-matan ne'e dook hosi sira-nia hela fatin. Nune'e nia sai hosi uma dadersán de'it, tanba iha momentu ne'ebá tempu bailoron no bee ne'ebé mak besik sira-nia hela fatin maran hotu.

Bainhira nia to'o iha Gaen-liu, molok nia atu kuru bee nia hakru'uk uluk hemu tiha bee ne'e mak nia foin kuru. Hafoin nia kuru hotu tiha bee ne'e, maibé, molok atu fila ba uma, derrepente de'it bee-na'in (tuna) ne'ebé mak iha bee laran ne'e nakfilak an sai mane ida hodi sai mai iha rai maran.

Feto ne'e ta'uk teb-tebes, nia koko atu halai, maibé mane ne'e dehan ba nia:

- Ó keta ta'uk tanba ha'u la'ós atu estraga ó, maibé ha'u hakarak husu ó-nia ajuda. Mane ne'e hakbesik an bá feto ne'e. Nune'e, feto hahú husu ba mane:

- Ajuda saida mak ha'u atu halo ba ó?

Mane hatán:

- Ha'u atu kaben ho ó.

Maibé feto ne'e hatan katak:

- Ha'u bá dehan ha'u-nia inan aman sira.

Nia fila ba uma no mane ne'e tama fali bá bee laran no nakfilak an sai fali tuna.

Bainhira feto ne'e to'o iha uma, nia la dehan sai bu'at ne'ebé mak akontese iha bee matan ne'e ba nia familia sira.

Iha loron ida seluk, nia fila fali bá bee-matan ne'e atu kuru fali bee, maibé bainhira nia to'o iha ne'ebá, bee nia na'in (tuna) sai fali mai hodi dolar tun dolar sa'e iha bee laran. Feto ne'e la tau'k ona. Nia komesa kuru bee, kuru hotu tiha bee, tuna ne'e fila fali an sai mane no la'o hamutuk ho feto ne'e to'o iha sira-nia hela fatin.

Bainhira sira to'o iha uma, feto nia família hakfodak teb-tebes bainhira hetan mane ne'e, no sira husu:

- Mane ne'e sé?

No feto ne'e komesa hahú haktuir saida mak akontese hosi dahuluk to'o ikus ne'ebé nia fila hamutuk ho mane ne'e mai uma.

Loron tuir mai feto nia família sira bá hadia bee-matan ne'e. Sira ke'e halo luan no hada fila fali bee-matan ne'e ho fatuk. Molok sira atu hadia fatin ne'e sira hahú ho serimónia tuir tradisaun Lia Toe nian. Sira oho animál, nu'udar sinál agradesimentu ba espíritu natureza nian. Serimónia ne'e remata, sira hahú serbisu. Tuir lia na'in, katak serbisu ne'e sira hala'o durante loron tolu nia laran. Remata tiha, lia na'in sira hosi Lia Toe nian tuur hamutuk atu koa'lia fila fali serimónia tradisaun tuir sira-nia kultura. Hahú hosi ne'ebá sira hamulak katak:

- Hahú hosi ohin ba oin jersaun hosi Lia Toe labele han na'an tuna, no sé mak han nia sei hetan moras.

Maibé sé mak haluha han tiha ona na'an tuna ne'e mak moras, nia tenke hemu fila fali bee hosi bee-matan ne'e, mak sei bele hetan fali isin di'ak no tenke oho fila fali animál ida ho sinál agradesimentu ba ninia orijen hosi tuna ne'e.

Bainhira lia na'in hosi Lia Toe nian halo hotu tiha serimónia ne'e, tuir lia na'in katak sira halo uma adat ida besik iha bee-matan, atu jersaun oin mai bele hatene sira-nia orijen no mós atu hela iha ne'ebá no tau matan ba animál sira iha bee laran. Iha momentu ne'ebá sira harii duni uma besik bee matan ne'e. Uma ne'ebé mak harii iha fatin ne'e feto no mane ne'e rasik mak tuur ba.

Tempu mós la'o ba dau-daun, avó mane ne'e mós hahú katuas. Bainhira tempu to'o avó mane ne'e mate, ninia família lori nia isin mate bá tau iha kuak ne'ebé iha bee-matan ne'e.

Iha loron tuir mai, udan hahú tuun hosi dadersán to'o loraik. Bainhira udan para família sira bá haree bee-matan ne'e nakfilak ba bee-lihun bo'ot ida. Bee-lihun ne'e agora katuas sira tau fali nia naran GAE-NISI, tuir uma lisan nia naran.

Biografia haktuir na'in nian

Ai-knanoik ne'e haktuir hosi lia na'in ho naran Raul Sarmiento, agrikultór, moris iha aldeia Ruta, suku Letemumo, postu administrativu Quelicai, munisípiu Baukau. Moris iha loron 09 fulan Agustu tinan 1936. Nia hanesan ema ne'ebé katuas liu hosi uma lisan Lia Toe.

Nia kontente teb-tebes bainhira ami halo entrevista ho nia. Nia dehan katak, ai-knanoik ne'e nia konta uluk tiha ona ba ninia beioan sira.

Ai-knanoik rekolla no kakerek hosi:

Domingos Sávio Ximenes Belo

Justina Belo

Nóvia Octaviana da Silva

Romualdo Paulo Sarmiento

Verónica dos Reis Pinto

BOBONARU

Ai-knanoik orijen Bee Manas Marobo no “Bee-Malae”

1. Ai-knanoik Bee Manas Marobo¹⁰⁷

Iha traballu ida ne'e, ami-nia grupu haktuir kona-ba lenda orijen munisípiu Bobonaru nian, maibé lenda ne'e nia lala'ok hanesan istória ne-ebé loos. Entaun, ami-nia grupu mós deside atu foti fali lenda seluk. Ai-knanoik ne'ebé maka ami foti, lenda orijen “Bee Manas Marobo” iha suku Marobo, munisípiu Bobonaru, ne'ebé konta hosi lia na'in lokál.

Aleinde lenda ida ne'e, ami mós husu kona-bá lenda sira seluk, maibé balun wainhira atu konta, uluknanain tenke hala'o serimónia rituál iha suku ne'ebá nu'udar símbolu lisensa. Tanba wainhira ita la halo tuir, nia impaktu ne'e perigozu tebes ba ita-nia vida. Atu hala'o rituál tenke oho manu ida ho fahi ida, hafoin serimónia rituál hotu, maka lia na'in sira hahú konta istória sira ne'e. Ida ne'e lori tempu ne'ebé naruk, ne'e duni ami-nia grupu konkorda, hodi kontinua rona sira haktuir istória orijen “Bee Manas Marobo” nian iha suku Marobo.

Entrevista hala'o ho lian tetun, no peskizadór balu foin koñese ai-knanoik ne'e hafoin hala'o peskiza, maski sira hotu hosi Bobonaru.

¹⁰⁷ Reinu uluk sira-nian ne'ebé sei hanaran zona administrativa ne'ebé iha bee manas ne'ebé furak.

Iha tempu uluk liubá, tempu beiala sira-nian, mosu rai nabeen iha parte Atsabe, baliza hosi Ermera ho Bobonaru, to'o Kailaku no iha rejiaun Bobonaru nian, durante loron hitu nia laran, ne'ebé iha relasaun ho tempu profeta Noé nian.

Iha tempu ne'ebá, populasau nian sira mate barak, no animál sira mós mate, to'os no uma sira hetan estraga. Liu tiha loron hitu rai mós hahú hakmatek ona.

Iha feto oan ida hosi Atsabe nian, ne'ebé naran Minak Resi, ninia família sira mate hotu ona tanba akontesementu rai nabeen, no hela de'it nia mesak mak moris iha Atsabe. Minak Resi halo to'os ki'ikoan ida hodi bele sustenta nia moris loroloron nian.

Iha loron ida, wainhira Minak Resi atu te'in, nia komesa tau ahi-matan, maibé, ahi la iha atu sunu, no nia komesa hanoin iha nia laran:

- Se ahi la iha oinsá ha'u atu te'in? Ha'u tenke ba buka ahi atu nune'e ha'u bele te'in, selae ha'u bele mate hamlaha.

Ho nune'e Minak Resi sai hosi Atsabe hodi la'o bá buka ahi. Nia la'o iha ai-laran durante loron rua, maibé nia la hasoru ema ida iha ne'ebá. To'o iha ai mahon ida nia tuur tiha, derrepente nia haree ahi suar hanesan ema sunu rai iha parte Bobonaru nian, nia sente haksolok no komesa halo lia Dadolin:

Ha'u nai eeeeehhhh
Di'ak liu hotu.
Ha'u, balada no ai-horis
Sira, simu ba hasoru ahi.
Ó le le le..

Dadolin hotu tiha, Minak Resi hahú la'o ba diresau nian ne'ebé nia haree ahi suar. Bainhira nia to'o iha fatin ne'ebé mosu ahi suar, nia haree uma ida, nia tama ba uma laran maibé ema ida la iha. Iha uma laran nia haree ai-han barak loos, nia husu ba nia an:

- Uma ne'e mamuk, nia na'in laiha, maibé se maka sunu ahi ne'e? Minak Resi haree ahi lakan nia komesa te'in ona. Te'in hotu tiha nia tau hahán iha meza leten, hafoin nia sai ba kuru bee.

Uma na'in ne'e ema hosi Bobonaru nian, ho naran Bote Mau. Bainhira Bote Mau fila hosi to'os nia haree hahán sira pruntu ona iha meza leten, nia komesa ko'alia iha nia laran:

- Hmmmmm se maka te'in hahán sira ne'e? Bote Mau hahú hanoin oioin.

Momentu ne'ebá, Minak Resi sai hodi kuru bee, no bainhira nia fila fali mai Bote Mau nia uma, nia lori bee iha au ida, nia hakfodak bainhira haree Bote Mau, no hakfodak liután haree Bote Mau la hatais roupa.

Bote Mau la iha hena atu taka nia isin molik. Bote Mau mós sente moe no nia halai ba subar tiha iha biti okos, no hahú ko'alia:

- Lalika hakbesik mai ha'u, basá, ha'u isin tanan.

- Minak Resi hatán – keta moe, ha'u mai atu buka ahi tanba ami iha ne'ebá ahi la iha atu te'in. Ha'u iha tais ida, tais ne'e ó bele uza hodi taka ó-nia isin.

Minak Resi fó tais ne'e ba Bote Mau hodi hatais, no Bote Mau mós komesa hatais no sai hosi biti laran. Minak Resi husu ahi, maibé, Bote Mau hakarak kaben ho nia, tuir mai sira na'in rua kaben no hetan oan mane ida naran Loko Mau.

Sira moris nu'udar família agrikultór, sira komesa halo to'os iha Bobonaru. Loko Mau mós komesa bo'ot ba daudaun. Bainhira Loko Mau jovem ona nia aman fó fiar ba nia atu haree sira-nia to'os.

Tempu bai-loro mós komesa ona ai-laran sira mós komesa maran ona, sira komesa atu sunu ona rai hodi halo to'os. Bainhira atu sunu rai udan komesa tau no ahi la han rai nebe Loko Mau sunu, no nia tenta sunu nafatin, maibé ahi la han nafatin.

Durante loron hitu nia laran, Loko Mau fila ba uma ho laran taridu.

Bainhira nia to'o uma, nia aman Bote Mau husu ba nia dehan

- Rai sira ne'e sunu hotu ona ka seidak?

Ho laran triste Loko Mau hatán dehan:

- Sunu ona maibé la lakan nafatin.

Bote Mau katuas liu ona, maibé, nia rezolve atu tun rasik ba to'os hodi sunu rai. Nia dehan ba nia oan Loko Mau:

- Aban lori hela ha'u ba to'os.

Nia oan Loko Mau mós halo tuir nia aman nia hakarak. Tanba Bote Mau katuas liu ona, nia labele la'õ, nia oan tau nia iha bote laran hodi lori nia bá to'õ fatin ne'ebá.

Bainhira to'õ iha ne'ebá, Bote Mau hahú hamulak hodi bolu anin hosi Balibó no Cová; hosi Se-Dáto no Rai-Méan; no hosi Díli no Bidau. Hafoin, nia tau ahi ba du'ut sira ne'e, lakleur anin bo'ot mai no hu'u maka'as, ahi mós hahú lakan bo'ot tebes no la fõ tempu ba Bote Mau ne'ebé maka iha hela to'os laran atu salva nian.

Ahi han hotu rai no Bote Mau nia isin lolon tomak, hela loos de'it Bote Mau nia kabun, maka Loko Mau hakoi hela iha fatin ne'ebá, iha to'os. La hein katak iha fatin ne'e moris bee-matan bee-manas, ne'ebé ho naran "Bee Manas Marobo".

Iha momentu ne'e kedas Bote Mau nia oan mane Loko Mau, harohan ba nia aman hodi loke tan bee ne'e. Agora dadauk bee hosi Marobo sulin to'õ iha mota Loes. Bee Manas ne'e mós hanesan bee ne'ebé maka bele uza hodi kura moras kulit.

Biografia haktir na'in nian

Lenda ida ne'e konta hosi lia na'in ho naran, Eugénio da Costa, moris iha Bobonaru iha loron 10 fulan setembru tinan 1942. Durante nia vida nia la frekuenta eskola, nia moris nu'udar ema to'os na'in.

Istória sira ne'ebé mak nia konta, bai-bain rona hosi katuas lia na'in sira iha tempu ne'ebé, hala'õ serimónia rituál hanesan: sau batar no seluk-seluk tan.

Nia sente kontente tebbebes, banhira ami hala'õ entrevista ho nia kona-ba ai-knanoik orijen nian. Nia hatutan katak jerasaun foun sira ne'e mós iha interese atu hatene no kuñese ai-knanoik orijen kona-bá sira-nia munisípiu, suku no aldeia.

Ai-knanoik rekolla no kakerek hosi:

Ângelo dos Santos Jerónimo

Francisca de Jesus

Libânia dos Santos

Marcelina Idalina de Jesus

2. Aikanoik orijen “Bee-Malae”

Ai-knanoik tuir mai ne’e mak orijen hosi bee-lihun “Bee-Malae” nian ne’ebé iha aldeia Migir, suku Aidaba-Leten, postu administrativu Atabae, munisípiu Bobonaru.

Ai-knanoik ne’e foti iha Díli, tanba lia na’in ne’ebé hatene aiknanoik ne’e hela iha sidade ne’e. Ne’e duni la presiza bá to’o ninia fatin moris. Lian ne’ebé uza iha prosesu foti dadus mak lian tetun, atu hodi bele fasilita komunikasaun durante entrevista. Tanba fallansu hosi ekipamentu ne’ebé uza iha entrevista hodi halo gravasaun, maka presiza rekolla fila-fali dadus, to’o hetan rezultadu ikus.

Iha tempu uluk liubá, iha família ida ne’ebé iha maun alin nain neen, hela iha aldeia ida naran Gaen-Dulaus.

Loron-loron, ida-idak hala’o ninia knaar rasik, balun halo to’os no natar, no seluk fali tau matan ba animál sira. Maibé iha sira-nia leet iha ida ne’ebé hanaran Mali Sala ne’ebé hanesan oan ikun hosi família ne’e maka la halo servisu. Loron-loron nia bá pasiar ba tasi hodi kail ikan, tan ne’e nia maun alin sira konsidera nia baruk-teen no sira la gosta nia. Maski nune’e, nia mós kuda malus-hun balun.

Iha dadersán ida, rai-hun sei mutin Mali Sala foti nia kail ne’ebé halo hosi osan mean, bá kail iha tasi. To’o iha ne’ebá nia tuur iha tasi ibun, iha ai-hun ida nia okos ne’ebé nia sente furak atu kail. Nia kail loron tomak maibé nunka kail kona ikan ida. Tan ne’e Mali Sala nia laran mukit tebes.

Iha tempu ne’ebé Mali Sala hakotu atu fila hikas ba uma, bainhira nia foti kail nia sente todan tebes, nia haka’as-an atu foti sa’e, maibé labele tanba kail kotu tiha ona, ho nune’e nia laran susar liután.

Hafoin loron hirak tuir mai, Mali Sala bá haree nia malus. Bainhira to’o iha ne’ebá nia hakfodak tebes tanba ninia malus oin laloos hotu. Ho nune’e nia laran nakalin tebes no hakarak loos atu hatene se loos mak halo nune’e. Hahú iha tempu ne’ebá kedas Mali Sala deside atu hein nia malus hodi hafuhu, nune’e nia bele hatene ema ne’ebé mak estraga ninia liman fatin.

Hafoin loron balu tuir mai, Mali Sala kaer toman duni, maibé nia hakfodak tanba la'ós ema mak estraga maibé manu loriku rua maka halo aat hela ninia malus. Mali Sala husu ba sira:

- tansá imi halo nune'e? imi la hatene katak malus hirak ne'e ha'u nian"?"

Loriku ida hatán:

- perdua ami na'i, basá ami la hatene katak malus ne'e ita bo'ot nian, maibé ami presiza loos.

Mali Sala husu tan:

- imi ku'u malus atu hodi halo saida?

Loriku sira hatán katak, sira atu kura sira-nia liurai ne'ebé mak moras hela. Mali Sala la fiar loriku sira-nia liafuan, entaun sira husu Mali Sala atu bá ho sira bá liurai nia fatin atu hatudu lia-loos ba Mali Sala.

Ho nune'e loriku sira akompañá Mali Sala bá haree sira-nia liurai, atu nune'e nia bele haree besik liután. To'o iha tasi-ibun, loriku haruka nia taka matan, la kleur deit, bainhira Mali Sala loke matan, sira iha tiha ona palásiu murak ida nia laran. Sira tama ba liurai nia fatin, Mali Sala haree liurai lafaek la book-an, oin kamutis no nia kakorok bubu. Ho ida ne'e Mali Sala hanoin fila-fali akontesimentu ne'ebé mak akontese tiha ona iha loron hirak liubá iha tasi iha ne'ebé nia kail hela ikan no nia sente nia kail todan tebes to'o kail ne'e kotu. Hafoin Mali Sala hakfodak no hatene kedas katak nia kail mak hakanek liurai lafaek nia kakorok. Hatene ida ne'e Mali Sala taka falta hodi dehan ba liurai lafaek katak nia hatene ai-moruk ne'ebé bele kura liurai nia moras. Nune'e Mali Sala fila ba uma, no hanoin saida maka nia sei halo atu kura liurai.

To'o iha uma Mali Sala sabir tiha piku nia tarak no iha loron tuir mai nia ba fila-fali palasiu atu kura liurai. To'o iha ne'ebá nia haruka lafaek taka tiha matan no loke ibun, no lafaek mós halo tuir. Mali Sala hasai tiha kail hosi lafaek nia hakorok no troka fali ho bebak nia tarak ne'ebé nia subar hela iha lipa laran ne'ebé nia hatais hela, hodi hatudu ba lafaek no hatete ba lafaek dehan bebak ne'e tarak maka iha hela lafaek nia kakorok. Nune'e lafaek mós sente di'ak kedas.

Lafaek mós la hatene tuir katak, kail ne'e mak iha hela ninia kakorok, maibé ai-tarak ne'ebé mak Mali Sala hatudu ba nia, no Lafaek fô hotu riku soin barak tebes hodi selu Mali Sala nia kolen,

maibé Mali Sala hili de'it mak karau-metan. Lafaek mós halo tuir no dehan ba nia:

- fila bá ita bo'ot nia knua no prepara karau luhan bo'ot ida.

Mali Sala mós halo tuir nia liafuan no hafoin halo hotu tiha, karau sira hahú mosu mai ida ida, tama iha luhan laran to'o luhan bo'ot ne'e nakonu.

Hafoin hetan tiha riku soin hosi nia belun lafaek, Mali Sala nia moris nakfilak-an ba ema ne'ebé riku tebes. No nia hakotu hodi harii uma kain ho Bui Rai. Sira hadomi malu tebes no sira mós hetan oan feto ida ho mane ida. Sira moris ho haksolok no la kuran bu'at ida. Ho bu'at sira ne'e hotu Mali Sala nia maun alin sira laran moras nia, no sempre buka dalan oin-oin hodi halo aat Mali Sala ho nia familia. Tanba tuir sira-nia hanoin Mali Sala labele sai riku hanesan ne'e tanba Mali Sala ema ne'ebé baruk-teen, no la merese atu hetan riku soin hirak ne'e. Loron-loron sira haree Mali Sala ladi'ak hanesan ema seluk ida ne'ebé la hola parte hosi familia ne'e. Ho hahalok hirak ne'e Mali Sala sente triste tebes no mós la aguenta tan ona, tan ne'e nia hato'o ba nia belun lafaek kona-bá ninian maun alin sira-nia hahalok.

Bainhira Lafaek rona saida mak nia belun hato'o, nia hanoin tebes no nia koko atu konsola hodi husu saida mak nia belun presiza nia atu ajuda. Mali Sala hatán katak Lafaek mak hatene saida mak bele halo atu ajuda nia. Entaun liurai lafaek haruka Mali Sala bá kuru bee ho nia oan mane iha fatin ne'ebé hanaran Kor-Luli. Maibé, bainhira to'o iha bee-matan sira la konsege lori bee ne'e tanba iha momentu ne'ebé sira atu kuru bee ne'e tun. Tan ne'e sira deside atu fila ba uma no to'o iha ne'ebá sira bá kedas lafaek nia hela fatin hodi hato'o saida mak akontese ona iha bee-matan.

To'o iha ne'ebá hafoin hato'o ba liurai, liurai dehan ba Mali Sala atu lori fali nia oan feto ne'ebé hanaran Koro Bili. Mali Sala mós halo tuir, maibé bainhira sira kuru bee ne'e, ninia oan feto mout kedas iha bee-matan ne'e.

Ho laran susar tebes, Mali Sala lori bee ne'e fila mesak. Fila ba to'o iha uma, nia bá hikas fali liurai Lafaek nia palásiu hodi husu, nia atu halo sá ho akontesimentu ne'e. Nia belun haruka nia tau bee ne'e iha uma kakuluk leten. Lafaek mós haruka oho hotu animál ne'ebé mak sei iha hodi halo festa ho ema sira iha knua ne'e durante loron hitu kalan hitu nia laran.

Durante festa ne'e hala'o, Mali Sala hateten ba ema sira iha aldeia ne'e, hirak ne'ebé mak la halo at nia, menus nia maun alin na'in rua ne'e atu sa'e ba foho leten hodi salva sira-nia moris. Tan nia hatene katak buat ruma sei akontese, maibé, nia rasik seidauk hatene.

Hafoin festa ne'e remata, Mali Sala bá fila-fali nia belun hodi hato'o katak buat hotu nia halo tiha ona no Mali Sala husu sá mak nia atu halo tan. Lafaek hatán ba nia dehan:

- Fila ba halo ró bo'ot ida atu nune'e ó bele salva-an, salva ó-nia feen no oan. Hafoin ró ne'e hotu tiha ó fakar bee ne'ebé mak iha uma kakuluk.

Hafoin Mali Sala halo ró ne'e hotu, Mali Sala tula bee iha sanan rai ba lisu leten, kesi ho na'an ruin besik ai-rin lulik.

Mali Sala ho nia família sa'e bá ró. Iha momentu ne'ebá asu sira hahú hadau malu atu hetan na'an ruin ne'ebé Mali Sala kesi hela iha sanan-rai. Halo sanan-rai ne'e nakfera, bee nakfakar no bee bo'ot sa'e kedas hodi halo ema sira iha aldeia ne'ebá mout hotu.

Ema hotu ne'ebé iha ne'ebá, ho mós nia maun alin sira, mout iha bee ne'e no mate hotu, maibé Mali Sala, ho nia feen no nia oan, sira sai ho ró bá fali fatin seluk.

Hahú hosi trajédia ne'e aldeia ida ne'ebá nakfilak fali bá beelihun ho naran Bee-Malae. To'o ohin loron, só iha fulan Agustu de'it mak ema sira iha ne'ebá bele kaer ikan. Iha tinan hirak liubá ai-riin-lulik iha hela bee-lihun ne'ebá.

Biografia haktuir na'in nian

Ai-knanoik ne'e konta hosi Januário Tavares, servisu nu'udar badaen, moris iha loron 10 fulan novembru tinan 1968 iha aldeia Koitapo, suku Aidaba-leten, postu administrativu Atabae, munisípiu Bobonaru. Iha nia opiniaun ai-knanoik tradisionál hirak ne'e tenke konta ba foin sa'e sira atu nune'e, sira bele hatene no hatutan tan ba jerasaun ne'ebé mak sei tuir mai. Tanba ai-knnoik hirak ne'e hanesan heransa kulturál ida ne'ebé mak tenke konta hosi jerasaun ba jerasaun. Aleinde ne'e, ita presiza hakerek ai-knnoik hirak ne'e hanesan dalan ida atu rai metin riku soin kulturál ida ne'e.

Ai-knanoik rekolla no kakerek hosi:

Alcino Moniz
Anatércia Guilhermina
Aquilina Moniz

Camelia D. R. Sari
Francisca de Fátima
Juvanio Golveia

COVA LIMA

Ai-knanoik Suai-Loro

Istória ne'ebé ami haktuir tuir mai, kona-bá istória réal hosi munisípiu Covalima. Peskiza ne'ebé ami grupu hala'o, iha postu administrativu Suai, suku Suai-Loro, aldeia Mane Ikun.

Ami halo entrevista ida ho lia na'in na'in rua, ida ho tinan 75, maibé tanba nia ko'alia lian ladún sai moos, ami la komprende hotu kona-bá istória ne'ebé nia konta. Ne'e duni, ami buka lia na'in ida seluk ne'ebé ho tinan 58 (limanulu-resin-ualu) hodi ajuda nia konta istória ida ne'e to'o remata.

Hafoin ida ne'e, lia na'in sira mós hateten katak sira labele konta istória ne'e detallada, tanba istória ne'e ema konsidera lulik. Entrevista ne'e hala'o durante oras 4 nia laran no lian ne'ebé uza iha entrevista ne'e maka lian tetun-terik, tuir mai ami pasa ba lian tetun-prasa, depois muda ba versaun portugés.

Hakat tuir tradusaun ida ne'ebé la'ós literál, maibé ami halo tradusaun ideias. Liu hosi peskiza ne'e, mak peskizadór sira foin iha koñesimentu kle'an kona-bá istória orijen hosi munisípiu Covalima ne'e.

Uluk rai foin hahú maran, iha ne'ebá iha rai ki'ik ida ne'ebé nonook no laiha lian ida atu rona, tanba rai ne'e okupa hosi *ximpanzé* ne'ebé oho hela de'it ema sira iha ne'ebá. Tan ne'e maka ta'uk atu

sai buka ai-han ruma atu han, no ema sira ne'ebá ne'e, la moris livre tanba ta'uk hetan ataka hosi *ximpanzé*.

Iha illa ne'e mós iha katuas ida ne'ebé ho naran Endik sai nu'udar lider ba rai ne'e, maibé nia mós sente ta'uk no nia la iha forsa atu luta hasoru *ximpanzé* sira ne'e. Katuas ne'e mós sente ta'uk no nia mós sofre tanba nunka moris hakmatek. No iha tempu ida nia buka dalan oinsá atu bele asegura nia an hosi difikuldade hirak ne'e. Ne'e duni, iha dadersán ida, rai sei nakukun, nia sai ba buka nia subriñu ho naran Mau Leki. Endik la'o, la'o hasoru Mau leki ne'ebé tuur hela iha fatuk le'et ida, ne'ebé Mau Leki tuur ho ta'uk loos. Endik dehan ba nia katak:

- Mau Leki, ó hakarak ka la'e atu subar hamutuk ho ha'u

Mau Leki hatán:

- Tiu Endik, ha'u hakarak subar hamutuk ho tiu tanba iha fatin ida ne'e la seguru mai ita atu salva ita-nia moris hosi atake ne'e.

Liu tiha ida ne'e, Endik ho Mau Leki lian ida. Entaun sira na'in rua bá buka fatin, la'o, la'o ba to'o iha tasi, nune'e to'o iha dalan klaran, teki-teki Mau Leki hakfodak, tanba haree ai-hun bo'ot ida ne'ebé nia hanoin katak *ximpanzé*, tanba rai mós nakukun nia ladún haree momoos. Ho hakfodak Mau Leki dehan katak:

- Ai pa!!! Na'i maromak tanba saida mak ami tenke hasoru moris ida ne'ebé nakonu ho ai-tarak!

Katuas Endik hatan hodi dehan:

- Oan! Labele ko'alia hanesan ne'e. Tanba saida mak ó haree la hanesan saida mak ó hanoin.

Sira na'in rua la'o, la'o to'o iha fatin ne'ebá sira komesa sente hakmatek ona, no sira deskansa, la kleur de'it Endik halo planu ida atu sira na'in rua tenke ke'e rai-ku'ak ida hodi bele hela iha ne'ebá. Iha fatin ne'e mós ema kriatura hotu hela iha rai okos, iha rai-kuak.

Iha loron ida, liurai ne'ebé ho naran We Hali, ne'ebé mai hosi fatin ida naran "BETUN", nia mak hanesan liurai ida ne'ebé dahuluk iha tempu ne'ebá. Nia forsa ne'ebé maka'as luta hasoru inimigu se de'it.

Tuir mai liurai hanoin, hanesan ne'e hahú bolu no prepara nia seguransa sira, atu bele hahú nia reuniaun dahuluk no planu estratéziku kona-bá oinsá atu salva ema sira iha rai-fuik ne'ebá.

Reuniaun foun ba daruak kona-bá oinsa atu halo sasán kro'at hodi bele luta kontra *ximpanzé* sira, tanba liurai We Hali mós hatene

katak *ximpanzé* sira bainhira atu oho ema, sira mós uza sasán kro’at hanesan: fatuk kro’at ho besi hodi oho ka sona ema sira.

Foin liurai We Hali mós halo planu ho ninia seguransa sira. Ho nune’e, koronél ida ho naran Bere mak diriji seguransa sira hodi bele komesa halo embarkasaun ho bero ba iha fatin ne’ebá. Liu hosi tasi durante loron rua nia laran hala’o viajen ba iha rai-fuik ne’ebá. Iha dalan klaran sira la toba tanba sira tenke matan moris ho *ximpanzé* sira. Liurai We Hali mós la toba tanba nia tenke prepara planu ne’ebé metin hodi bele tama iha rai-fuik ne’ebá. Ne’e duni nia arranja sasán kro’at ho planu ne’ebé di’ak hodi bele duni ou oho *ximpanzé* sira ne’e.

Kuandu sira to’o iha ne’ebá liurai We Hali komesa halibur ninia soldadu sira ho koronél atu bele diriji. Maibé koronél Bere dehan ba liurai We Hali:

- Liurai, hau sente ita abele kontinua ita-nia luta ne’e, tanba la seguru atu oho *ximpanzé* sira ne’e.

Liurai We Hali hatán ba nia:

- koronél, ha’u mak kaer poder nu’udar liurai dahuluk iha oras ne’e, no ida ne’e sai nu’udar ha’u-nia responsabilidade boot atu bele salva reinu sira ne’ebé hela iha ne’ebá.

Ne’e duni koronél ne’e mós kumpri saida mak liurai We Hali hateten. Sira luta hasoru inimigu sira ne’e durante fulan ida, maibé *ximpanzé* balu ta’uk, no la tahan liurai We Hali nia forsa, tanba ninia forsa ne’e sai hanesan sorte ne’ebé bo’ot teb-tebes. Tan ne’e mak *ximpanzé* sira labele luta hasoru liurai, *ximpanzé* balu halai dook hosi fatin ne’e.

Liu tiha ida ne’e katuas Endik ho nia subriñu Mau Leki foin sai mai hosi fatuk kuak no fó agrade-se ba liurai We Hali ho nia seguransa sira. Iha tempu ne’ebá sira halo akordu ida h liurai We Hali, tanba ho nia esforsu tomak bele salva fatin ida ne’e. Momentu ne’ebá katuas Endik husu ba liurai We Hali atu bele hela iha fatin ne’e.

Liurai We Hali mós konkorda ho katuas Endik nia pedidu, atu hela iha rai ne’e. Ne’e duni to’o ba oan ba bei-oan, rai ne’e tau naran SU’U RAI, maibé iha tempu ne’ebá bei-oan ida hosi liurai We Hali ne’ebé ho naran Mane Loro mak tau naran ba rai ne’e ho naran “Suai-Loro”, apelidu Loro tanba nia foti ninia apelidu rasik “Loro”.

To'o oras ne'e jersaun foun sira konsidera naran "Suai-Loro" sai nu'udar naran istoriku ne'ebé jersaun foun sira presiza hatene.

Biografia haktuir na'in

Lia na'in ida ne'ebé mak konta istoria ne'e ho naran Guilherme Mendonça, ho tinan 75 hosi munisípiu Covalima, suku Suai-Loro aldeia Lo'o. Nia ema agrikultór, no nia oan na'in lima no bei-oan na'in hitu tiha ona. Lia na'in ida seluk ho naran António Barros ho tinan 58, nia mós hosi fatin ne'ebá hotu (Covalima) no nia iha oan na'in-tolu.

Ai-knanoik rekolla no kakerek hosi:

Anita Mesquita
Bendita do Carmo
Cristina do Carmo
Emiliano Gomes
Florentina de Jesus
Gertrudes Gusmão
Maria Juliana Antonio

DÍLI

Orijen Rai Bee-Kusi

Peskiza ne'e kona-bá ai-knanoik orijen aldeia Bee-Kusi. Durante entrevista, lian ne'ebé uza mak lian tetun, no dura oras balu de'it. Peskiza la'o ho di'ak tanba katuas lia na'in sira hakarak konta istória rai ne'e nian, atu nune'e hosi jersaun foun bele hatene rai Bee-Kusi nia orijem loloos, tanba ema barak ne'ebé mak hela iha fatin ne'e, seidauk hatene loloos rai ne'e ninia orijen mai hosi ne'ebé.

Katuas sira haksolok haktuir ai-knanoik kona-bá orijen sira-nia aldeia nian. Hafoin entrevista, iha biban hodi hasai foto ba fatin ne'e (Bee-Kusi) maibé, hosi do'ok de'it, tanba bee-matan ne'e lulik tebes. Karik sé de'it ulun moruk hakarak bá haree, sei sai bulak ka sai bilán to'o mate.

Iha tempu uluk liubá, iha rai Bekora, iha aldeia ida ne'ebé to'o agora ema bolu Bee-Kusi, nia orijen mai hosi bee nebee mosu iha kusun nia laran.

Tuir avó sira-nian katak, iha fatin ne'e susar tebes atu hetan bee-moos. Iha loran ida, asu oan ida hamrook, no nia buka bee atu hemu. To'o iha fatin oan ne'e, asu hateke ba nia sorin loos, hetan bee-matan ida mosu iha kusun nia laran. Asu oan ne'e haksolok no haksoit tama ba kusun nia laran no habokon nia an iha bee ne'e.

To'o loro-matan monu nia fila ba uma ho bokon. Katuas sira haree asu ne'e bokon, sira hakfodak tebes tanba fatin ne'e laiha bee, tanba-sa mak asu ne'e bokon hanesan ne'e. Entaun, sira buka malu hodi tuur hamutuk no ko'alia kona-ba oinsá mak asu ne'e hetan bee.

Loron ida katuas sira homan katupa ida tau ahu-kudesan ba katupa nia laran no bolu asu ne'e mai besik sira, hodi sira tara katupa ne'ebé sira prepara ona ba asu nia kakorok. Depois sira haruka asu ne'e la'o tuir dalan ba bee ne'ebé asu ne'e hetan.

To'o iha fatin ne'e, asu-oan ne'e tama ba habokon-an nafatin ho katupa ne'ebé tara iha nia kakorok. Liu tiha ida ne'e, asu-oan ne'e, fila mai uma, katuas sira haree ba katupa laran ahu kudesan laiha, entaun sira bolu malu hodi la'o tuir ahu-kudesan ne'ebé namkari iha dalan hodi to'o iha foho ida nia sorin. Sira hateke ba liman loos hetan kedas bee ne'e, no sira hakfodak. Maibé sira labele la'o besik bee ne'e, tanba rai nakukun derrepente, no bee ne'e nia is forte tebes no mutin nabilan hanesan hena mutin. Maski nakukun ona, maibé sira la'o hakbesik an uitoan, hodi haree bee ne'e mosu bee-matan oan ida ne'ebé furak iha kusi nia laran. Ladun bo'ot maibé furak tebes.

Katuas sira atu kuru bee ne'e ba hemu, iha sinál ida ne'ebé halo sira hotu hakfodak. Entaun, sira ta'uk no fila kedas ba uma. Kuandu sira mai uma, sira haktuir ba populasaun sira katak, iha aldeia ne'ebá mosu bee-matan oan ida ne'ebé furak iha kusi ida nia laran. Entaun sira tuur hamutuk hodi tau naran ba aldeia ne'ebé sira hela ba ho naran "Bee Kusi".

No sira haktuir ba populasaun sira atu keta bá haree besik bee ne'e, sela'e bele sai bulak ka bilan to'o mate. To'o agora bee ne'e sei iha nafatin no aldeia ne'e nia populasaun mós sai barak ba nafatin.

Biografia haktuir na'in

Istória ne'e konta hosi abó mane ida ho naran MALI MAU, ne'ebé uluk serbisu iha tasi ibun hanesan ema mariñeiru portu nian, iha tempu portugés nia ukun. Moris iha loron 10 fulan janeiru, tinan 1939, iha aldeia Kamea, suku Bekora, postu administrativu Kristu Rei, munisípiu DÍLI.

Ai-knanoik rekolla no hakerek hosi:

Laura Maher Smith
Leonávia C. dos Santos

ERMERA

Ai-knanoik orijen postu administrativu Rai-Laku

Peskiza ida ne'e realiza no hala'o iha postu administrativu Rai-Laku, munisípiu Ermera nian. Iha peskiza ida ne'e uza lian mambae tuir mai mak halo fali tradusaun ba tetun, hafoin ba lian portugés.

Molok atu hahú peskiza ida ne'e ami buka uluk lia na'in iha fatin ne'e. Lia na'in dahuluk ne'ebé ami hetan, konta istória ladún klaru, ho ida ne'e, ami buka fali lia na'in ba daruak hodi konta fali istória mai ami. Maibé istória ne'ebé nia konta la fó haksolok mai ami, entaun ami buka fali lia na'in ba datoluk, hafoin, ida ikus ne'e dehan mai ami atu hola sasán mak hanesan: manu, bua, malus, ahu no tua. Hafoin realiza serimónia rituál ida ho nia sentidu, atu husu lisensa ba istória lia na'in atu ami bele konta tutan istória no bele hakerek i divulga mós. Se bainhira mak ami la halo serimónia rituál, maka istória ne'e labele konta i divulga. Selae, ami sei selu ho aminia isin (mate) ou selae sei sai bulak.

Bainhira halo serimónia rituál ne'e hotu, hafoin, lia na'in konta istória loos no klaru mai ami. Istória barak mak ami labele konta tanba konsidera hanesan istória *namhoda*¹⁰⁸ ho lian mambae.

Ami sira ne'e hosi munisípiu Ermera maibé, bainhira ami halo peskiza ne'e, ami foin hatene ai-knanoik orijen hosi postu administrativu ne'e.

¹⁰⁸ Liafuan namhoda hosi lia mambae significa “kalan” iha kontestu ai-knanoik ne'e liafuan ida ne'e iha relasaun ho istoria sira ne'bé bele haktuir iha kalan deit.

Iha tempu uluk liubá, iha mane foinsa'e ida ne'ebé hela iha suku Ainaru Kraik, ne'ebé ho naran Mau Meta. Nia mane ida ne'ebé matenek, laran di'ak, badinas, laran moos no hakarak tulun ema seluk.

Postu Ainaru ne'e fahe ba parte rua: Ainaru Leten ho Ainaru Kraik. Ainaru Leten ne'e parte ba umane sira, no Ainaru Kraik ne'e parte ba fetosán sira. Iha postu ne'e nakonu ho ai-horis barak mak hanesan; ai-teka, ai-samtuku, ai-sabaun, ai-kameli, hali, au, ne'ebé mak sempre fó buras, matak no nabilan ba postu ne'e.

Ho klima ne'ebé mak malirin, fresku no nakonu ho ai-horis oi-oin ne'ebé halo postu ne'e furak no kapás liután. Animál laku-inan no laku-aman ida mosu iha fatin ne'e tanba fatin ne'e bele asegura no salva sira-nia moris.

Iha dadersán ida Mau Meta bá nia kintál atu lere kafé du'ut, derrepente, iha nia kintál laran nia haree laku barak loos. Bainhira nia haree, nia hakfodak loos tanba nia foin mak haree animál ida hanesan ne'e, no nia sente kontente tanba iha nia kintál mosu tan animál foun ida. Laku nia ai-han maka kafé no hali fuan. Iha momentu ne'e kedas laku nia jerasaun komesa buras, tanba fatin ne'e favorável no di'ak tebes. Animál laku ne'e rasik mós sente kontente, tanba iha fatin ne'e la iha ema ida mak hanoín aat ba sira. Ho ida ne'e maka ohin loron hodi laku barak iha Timor-Leste laran tomak.

Iha loron tuir mai Mau Meta ho nia família sira hala'o serimónia tradisionál ba harii uma lisan iha fatin lulik naran *Kmelpun*, ne'ebé parte hosi Ainaru kraik. Liu hosi serimónia ida ne'e mak lia na'in sira aproveita oportunidade hodi troka naran Ainaru Leten no Ainaru kraik, ba Rai-Laku, ne'ebé ho nia signifíkadu fatin laku nian ka Rai-Laku nian.

Biografia haktuir na'in nian

Istória ne'e konta hosi Mau Hunu, ne'ebé moris iha tempu okupasaun japoneza iha Timór. Mau Hunu ho tinan 85, no mai hosi postu administrativu Rai-Laku, munisípiu Ermera, no hela iha parte Rai-Laku-kraik, suku Lihu. Nia servisu hanesan to'os na'in. Istória ne'ebé Mau Hunu konta mai ami, ne'e nia rona tutan hosi beiala sira. Nia toman rona istória ne'e iha sira-nia uma lulik ou bainhira halo

serimónia ritúal mak hanesan: sau-batar no halo uma lulik. Mau Hunu sente haksolok, bainhira rona istória hanesan ne'e.

Ai-knanoik rekolla no hakerek hosi:

Ágata M. Dos Santos	Jaime Soares Gonçalves
Anselmo Soares Martins	Marta Pereira
Bendita da Cruz Santos	Mónica de Araújo
Imelda Dina Reis	Sabiano Maria de Deus

LIKISÁ

Ai-knanoik orijen suku Vavikinia no Tasi-Benu

1. Ai-knanoik orijen suku Vavikinia

Ai-knanoik tuir mai ne'e haktuir kona-bá orijen suku Vavikinia, ne'ebé hela iha postu administrativu Maubara, munisípiu Likisá.

Atu hala'o peskiza ida ne'e konsege entrevista katuas ida iha fatin ne'ebá. Entrevista han tempu minutu balu no katuas ne'e sente haksolok atu konta ai-knanoik ida ne'e. Istória ne'e bain-bain nia rona hosi nia aman no nia avó sira iha nia uma. Istória ne'e, nia konta ho lian tokodede, hafoin hakerek fali ho lian tetun no lian portugés, no iha momentu hakerek, hasoru difikuldade uitoan, tanba iha liafuan tokodede balun mak difisil uitoan atu tradús fali ba tetun no portugés.

Iha tempu uluk iha katuas ida naran José Nunes. Katuas ne'e isin bokur, hasan-rahun naruk, isin morenu, no ain aas. Nia to'os na'in no serbisu loro-loron iha to'os. Nia kuda ai-horis hanesan: batar, ai-farina, fehuk ai-dila, lakeru no modo tahan. Suku ne'ebé nia hela ba naran Vavikinia, ne'ebé lokaliza iha postu administrativu Maubara munisípiu Likisá.

Maibé uluk liu fatin ne'e seidauk iha naran, no ema uitoan de'it maka hela iha fatin ne'ebá. Ema hela iha ne'ebá maibé sira sempre haree no kuidadu sira-nia to'os, atu nune'e balada sira la bele estraga sira-nia ai-horis, sira mós haki'ak balada sira hanesan: fahi, bibi,

karau, asu, manu, kuda no seluk tan. Iha tempu ne'ebá seidak iha transporte públiku hanesan agora, sira sa'e kuda hodi bá mai. Sira-nia to'os bo'ot tebes no sira kuda ai-horis hotu.

Loron ida bainhira sira hotu fila hosi to'os bá uma tanba lokraik ona, derrepente mosu fatuk ida ne'ebé bo'ot no metan iha señór José Nunes nia to'os. Fatuk ne'e, hanesan krose¹⁰⁹ Bainhira señór José Nunes ho nia kuda bá iha to'os, nia hakfodak loos tanba hetan fatuk ida ne'ebé oin seluk loos iha nia to'os laran. Señór José Nunes hahú hateten ho sente ta'uk uitoan:

- tanba-sa mak iha fali fatuk ida ne'ebé modelu hanesan loos fahi nia bikan iha ha'u-nia to'os? Ah.....dala ruma ha'u hetan sorte ida, tanba ha'u ema ida ne'ebé maka ki'ak no laiha bu'at ida. No agora mosu fatuk ida mai ha'u.

Señór José Nunes komesa kaer ba fatuk ne'e no foti ho kuidadu hodi tau fali ba ai-hun mahon ida nia okos. Bainhira sira seluk fila fali ba sira nia to'os, señór José Nunes bolu sira no hateten:

- Imi hakarak hatene bu'at ruma? No sira hatán:
- Ami hakarak hatene, maibé saida loos ?
- Entaun imi mai ho ha'u, ita bá ha'u-nia to'os.

To'o iha ne'ebá señór José Nunes haruka sira taka matan hotu, antes nia atu hatudu fatuk ne'e ba sira. Bainhira nia haruka sira loke matan, sira hotu hakfodak tanba haree fatuk ida ne'ebé oin seluk.

- Ai.....fatuk ne'e furak loos!

Sira hateten:

- Ita tenke rai no kuidadu didi'ak.

Entaun señór José Nunes bolu hotu katuas sira ne'ebé hela iha fatin ne'ebá, hodi bá haree fatuk ne'e. No sira dehan:

-enke kuidadu didi'ak fatuk ne'e tanba dalaruma bele ajuda ita.

Loron ida, fahi sira ne'ebé maka sira haki'ak, sai hotu ba buka hahán iha ai-laran no nunka fila fali ba uma. Ema sira iha ne'ebá sente triste, tanba laiha fahi ida maka fila ba uma. Entaun sira komesa hanoin. "Tansá maka fahi sira sai hotu dala ida de'it ba buka hahán? Bai-bain sira la sai hanesan ne'e. Oinsá maka fahi sira ne'e bele mai fila fali?" Señór José Nunes iha ideia ida, no nia bá foti fahi nia talin hodi bá hamulak iha fatuk ne'ebé mosu, atu nune'e fahi sira bele fila fali ba uma. La kleur fahi sira fila fali kedas ba uma. No

¹⁰⁹ Lian tokodede mak hanaran sipu boot hosi tasi, ne'ebé uza atu fó haan fahi.

bainhira fahi sira ne'e hetan moras, ema sira ne'ebá bá hamulak iha fatuk ne'e hodi bele salva fahi sira. Komesa hosi ne'ebá kedas, ema fiar no konsidera fatuk ne'e lulik, no la iha ema ida bá tuur no sama iha fatuk ne'e nia leten. Se ema ruma bá tuur no sama fatuk ne'e sei selu multa: osan, tua, bibi, karau, hodi bá oferese iha fatuk lulik. Hosi ne'ebá kedas, bizavó sira fó naran Vavikinia ba fatin ne'ebá. No ema hotu aseita ho naran Vavikinia, no komesa bolu to'o ohin lora.

Biografia haktuir na'in nian

Istória ida ne'e konta hosi katuas ida, naran Mau Leki, tinan 85, nia to'os na'in, hela iha suku Vavikinia, postu administrativu Maubara no munisípiu Likisá. Istória ne'e nia rona hosi nia aman no nia avô sira bainhira nia sei ki'ik. No nia sente haksolok bainhira rona istória ne'e.

Ai-knanoik rekolla no kakerek hosi:

Adriano Filipe	Cireneu dos S. Correia
Almério Alves dos Santos	Emilia da Conceição
Amado de J. dos Santos	Maria Berta Alves Pereira
Berta Alves Pereira	Maria José dos S. Martins

2. Tasi-Benu¹¹⁰

Ai-knanoik tuir mai, orijen hosi aldeia Tasi-Benu, suku Asu-Manu, postu administrativu Likisá, munisípiu Likisá. Atu halo rekolla, iha difikuldade barak mak ami hasoru tanba fatin ne'e iha foho no la iha fasilidade transporte.

Ai-knanoik ne'e haktuir mai ami ho lian tetun, grava, hafoin hakerek no tradús ba lian portugés.

Hori tempu uluk iha uma lisan ida naran *Diruana*, iha mane na'in rua, maun alin ho sira nia feen deside sai hosi knua ba iha rai

¹¹⁰ Tasi-Benu, lian Tokodede signifika tasi nakonu.

ida naran *Hilikolo Bereata*. Loron ida mane na'in rua rezolve atu bá kasa animál fuik iha tasi sorin *Koloana*. Sira na'in rua bá ho ró ida. To'o iha tasi sorin ne'e bá komesa kasa balada fuik.

Lokraik sira haree loron mo'ut no loron matan mean hanesan ahi. Nia maun habosok nia alin atu haruka hasai ahi ne'e hodi tunu na'an. Alin la'o hodi buka ahi ne'e maibé la hetan. Loro-matan mak mean ba beibeik to'o labele hetan tan, nia tun iha tasi to'o lakon.

Bainhira alin konsege fila mai to'o tasi ibun nia haree dook nia maun ho ró iha tasi klaran tiha ona. Nia alin tanis no hakilar, maibé nia maun la liga no la fila. Nia maun mai to'o iha uma bosok nia alin nia feen katak, nia alin ne'e animál fuik tata mate iha tasi sorin *Koloana*, entaun nia maun hola hotu nia alin nia feen.

Nia alin iha tasi sorin tanis ho laran triste loos, derrepente mosu manu-tafui ida hatete ba nia:

- belun, ó keta tanis, ha'u sei ajuda ó.

Entaun manu ne'e haruka nia sa'e iha manu nia leten. Sira na'in rua sai hosi tasi sorin, mai para dala hitu iha tasi klaran. Hafoin to'o iha tasi-ibun *Mauboke*, mane ne'e kuru kedas tasi been iha boka ida no nia lori bá subar iha ai-laran *Hilikolo* nian.

Iha loron ida, mane nia asu sai hosi uma bá buka nia na'in, mai hetan nia iha ai-okos. Nia na'in haree asu hamlaha teb-tebes, nune'e nia fó han asu oan to'o bosu didi'ak. Asu oan fila ba uma, mane nia feen haree asu oan nia kabun bo'ot loos. Entaun nia feen deskonfia ema balu mak fó han asu ne'e.

Loron ida mane nia feen tara kohe ida ho ahu-kudesan iha kohe laran no halo ku'ak iha kohe nia kidun, atu nune'e ahu-kudesan namtate tuir dalan ne'ebé asu la'o ba, nune'e nia la'o hosi uma to'o iha fatin ne'ebé nia la'en subar. Feto ne'e la'o tuir asu nia ain fatin to'o nia hetan nia la'en kaben. Depois sira na'in rua halo planu atu oho tiha mane nia maun.

Dadersán de'it alin ho nia la'en bá uma no alin oho tiha nia maun, depois nia ho nia feen halai ba rai ida naran *Asu-Manu* iha sira nia uma lisan *Diruana*.

Mane nia família sira iha uma lisan ne'e la fiar katak nia mak mosu fila fali mai ne'e. Sira hatene katak nia mate tiha ona. Entaun nia hatete ba sira katak se nia la pertense uma lisan ne'e, nia soe boka ne'ebé nia kaer ho tasi been ne'e, no tasi been ne'e tun ba rai la mosu buat ruma. Se nia soe boka ba rai no mosu buat ruma

signifika katak nia pertense uma lisan ne'e. Momentu ne'ebá nia soe boka ba rai, tasi sa'e kedas. Entaun familia simu fila fali nia hanesan sira-nia familia maibé tasi sa'e beibeik.

Iha kalan ida *Rai-Na'in* fó mehi ba *Lia na'in* katak atu hamaran tasi ne'e presiza haruka tama ba tasi uma lisan ne'e nia oan feto mesak ida naran *Dausia*. Sira hanoin loos nia tanba nia oan feto mesak.

Sira haruka atan feto ida, fó hatais feto ne'e hanesan Liurai Oan no haruka tama ba tasi. Nia tama to'o tasi nia klaran tun ba mo'ut tiha. Liu oras ida nia mosu fila fali mai no dehan katak *Tasi Na'in* la simu nia, tan *Tasi Na'in* hakarak de'it mak Liurai nia oan feto *Dausia* ne'e.

Entaun sira troka fali hatais hirak ne'e ba feto mesak *Dausia* no haruka tama to'o iha tasi laran. Iha tasi laran *Dausia* hanehan an tun ba, nia mo'ut liu no la fila tan mai.

Momentu ne'ebá tasi ne'e hahú maran to'o ohin loron no rai ne'e hanaran *Tasi-Benu*.

No agora uma lisan *Diruana* ne'e la han manu-tafui tanba sira nia avô manu ne'e mak ajuda.

Biografia haktuir na'in nian

Istória ne'e konta hosi señor Filipe Gonçalves de Neri, profesór matemátika nian iha eskola Pré-Sekundária Pública No 1 Likisá, moris iha loron 15 fulan Marsu tinan 1954 iha suku Asu-Manu, postu administrativu Likisá, munisípiu Likisá.

Nia dehan katak presiza konta istória tradisionál sira ba jerasaun foun, tanba istória barak mak furak de'it maibé ema balu lakohi konta ba oan sira. Nia dehan katak presiza konta ba ita-nia oan sira no sira bele konta tutan fali to'o mundu nia rohan.

Ai-knanoik rekolla no kakerek hosi:

Almeida Babo
Epifânia de Jesus Neri
Emiliano Pinto Nunes
Joanito Aleixo Gonçalves

João Alves Correa
Leornado Ribeiro
Mariazinha Gonçalves
Rafael Rodrigues

LOSPALOS

Ai-knanoik kona-ba orijen Iparira nian

Iparira, aldeia ida ne'ebé halo parte postu administrativu Lautem-Moro, munisípiu Lautem. Iha peskiza ida ne'e, ami entrevista ema rua hosi jersaun la hanesan, ida katuas liu no ida fali sei klosan uitoan, no mós konsulta ema balun tan. Iha entrevista nia lala'ok ba ai-knanoik ne'e, ida dahuluk la kompletu, tan ne'e rezolve halo fali ba investigasaun daruak.

Ba dahuluk dokumenta ai-knanoik ne'e iha lian Fataluku. Hafoin halo adaptasaun ba lia-tetun no ikusliu ba lia-portugués. Haktuir ne'e bazeia ba narrasaun Aleixo Aniceto nian ho kontribuisaun katuas Loureiro da Silva.

Ai-knanoik ne'e esprika kona-ba oinsá maka mosu povoasaun Iparira ho bee-matan tolu: Iparira, Ira-valu-valun no kaki-ira.

Iha prosesu ne'e ami opta hakerek istória ne'e iha versaun rua sai ida. Maibé parte ida hosi istória ne'e, tuir Loureiro da Silva konsidera sagradu.

Hori tempu uluk liu iha fatin ida maran dekor família ida moris haksolok ho oan feto mesak ne'ebé bonita loos. Oan feto ne'e sempre hein uma, bainhira nia inan-aman bá kuru bee iha fatin dook no sira-nia asu Laku Wetar¹¹¹ lori tuituir hela de'it.

¹¹¹ Wetar naran illa iha Provinsia Molukas (Indonézia). Ema fataluku nia istória barak maka haktuir oinsá sira-nia beiala nia ain fatin liu hosi illa ki'ikoan ne'ebé hale'u rai Timór.

Loron ida, iha tempu bailoron, ai-horis sira namlaik no rai rahun semo. Bee-matan, fatin baibain kuru bee maran dekor. Hosi dadeersan nakukun, feto nia inan-aman sai bá buka bee, to'o meiu-dia maibé seidauk fila.

Iha uma, feto-raan ne'e soru tais no hananu ninia laran- nakraik tanba mesak loos. Teki-tekir asu Laku Wetar mosu, bokon ho ikun baku ba mai. Sai bá li'ur, feto ne'e buka kedas nia inan-aman maibé la hetan ema ida.

Hein ba hein rai atu lokraik, feto ne'e hahú buka tuir nia inan-aman sira. Foti *lusu-lusu*¹¹² hodi hako'ak no tau ahu iha laran, hafoin tara ba Laku Wetar nia kakorok. Nune'e, nia la'o tuir asu nia ain-fatin hosi kotuk, tuir ahu ne'ebé monu ba rai.

Hafoin la'o dook hosi uma, asu ne'e haksoit no nani iha bee-lihun ida. Feto hakfodak tebes, mas teki-tekir mane-klosan bonitu ida mosu, hosi duut trepadeira iha bee leten.

- Ó sé? - Husu feto-raan ne'e.

- Ha'u maka bee-na'in - hatán mane-klosan ne'e.

- Ai, ami nunka haree bee-matan ne'e! Moos loos, ami bele kuru iha ne'e ka? - Feto-raan ne'e husu.

- Bele, maibé ó maka tenke mai kuru duni - mane-klosan ne'e hatán.

Feto ne'e kontente loos, halai fila hikas ba uma, lori au-doran mai kuru bee. Bainhira bee-fatin iha ninia uma besik nakonu, mane-klosan ne'e tuur iha bee leten no hahú hananu ninia laran triste.

- Nu'usá ó-nia knananuk triste loos? - Hatete feto-raan ne'e.

- Ha'u triste tanba bee besik atu maran no bee-matan sira besibesik, sei maran tuituir. Bee ne'e presiza feto ida atu hein, atu suli nafatin - Hatán mane-klosan ne'e.

- Entaun, ha'u bele hein. Mas hein halo nusá? - Feto-raan ne'e husu.

- Se hakarak, ó bele sai ha'u-nia feen no ita rua maka hein lisuk - Sujere mane-klosan ne'e.

- Ha'u hakarak, maibé ita tenke ko'alia uluk ho ha'u-nia inan-aman - feto-raan ne'e hatán hanesa ne'e no fila bá uma.

La kleur, bainhira rai besik nakaras feto ninia inan-aman foin to'o-mai. Maibé sira hakfodak haree bee-fatin nakonu hotu.

¹¹² Fatin tau ahu halo hosi au.

- Ó kuru bee iha ne'ebé mak nakonu lais hotu ne'e? - Nia aman husu.

- Ha'u kuru iha bee-matan ida iha sorin ne'ebá. Mane-klosan ida mak hein - feto-raan ne'e hatán.

Nune'e, haktuir hotu ba nia inan-aman, família ne'e bá hamutuk iha bee-matan. Foufoun sira la hetan bu'at ida tanba ai-horis trepadeira buras loos taka iha bee leten. Teki-tekir mane-klosan ne'e kumprimenta sira.

- Benvindu ba imi hotu! - Hatete mane-klosan.

- Ah! Ita maka bee na'in? Hahú aban ami bele mai kuru bee iha-ne'e ka? - Feto nia inan-aman husu.

- Bele, mas ha'u-nia laran taridu basá la kleur bee-matan ne'e maran ona. Se imi hakarak bee suli nafatin, imi tenke fô imi-nia oan feto sai ha'u-nia feen, atu ami na'in rua hein bee-matan ne'e.

Nune'e, rona hosi ninia oan feto mós hakarak hola mane-klosan ne'e, entaun sira fila hikas kedas. Iha uma sira fô hatais no hafutar ninia oan feto, oho fahi no te'in hahán hafoin bá fali bee-matan. To'o iha ne'ebá, mane-klosan ne'e ka'it feto nia liman no sira rua tama tiha bee laran, hafoin lakon kedas. Asu Laku Wetar haksoit tuir nia na'in feto bonita ne'e, mas nakfila kedas sai fatuk bo'ot ida besik bee-matan.¹¹³

Feto nia inan-aman triste loos, maibé ikusmai ema hotu haksolok tanba bee-matan suli iha sira-nia uma oin, tinan ba tinan. Fô moris ba sira-nia oan, bei-oan, to'o fatin ne'e sai povoasaun ida hanaran Iparira. Hosi liafuan Fataluku, *ipar* katak asu no *ira* katak bee. Hafoin suli tan bee-matan rua hanaran Ira-valuvalun¹¹⁴ no Kaki-Ira.¹¹⁵

Biografia haktuir na'in nian

Aleixo Aniceto moris iha Vailovaia, suku Kom, postu administrativu Moro, munisípiu Lautem, loron 5 fulan-Novembru tinan 1962. Akaba eskola to'o 2º klase iha período kolonial portugés iha tinan 1972. Tempu Indonézia nu'udar funsionáriu iha eskola

¹¹³ Istória ne'e haktuir hosi tempu beiala horiuluk kedas. Mas fatuk ne'e sei metin to'o dékada 1990 iha período okupasaun Indonézia nian foin rahun iha bee-laran.

¹¹⁴ Ira-valu-valun iha lia fataluku katak «bee nakali».

¹¹⁵ Kaki-ira katak iha lia fataluku katak «bee kura moras kulit nian».

primária SDN I Parlamentu-Moro. Agora serbisu nu'udar agrikultór no halo negósiu ki'ik. Nia bele haktuir istória ne'e tanba konta hosi nia inan Madalena Aniceto iha tempu kalan bainhira sei kl'ik ne'ebé sei avó hosi rekollédór Rogério Sávio Ma'averu.

Entrevista ba daruak halo ho Sr. Loureiro da Silva, moris iha Laiara, suku Parlamentu, postu administrativu Moro, munisípiu Lautem iha lora 28 fulan-Outubru 1930. Nia halo knaar hanesa agrikultór ida. Bainhira konta istória dala balun haktuir ho hamulak.

Ai-knanoik rekolla no kakerek hosi:

Agrivito da Silva
Natalina de Jesus Belo
Olívia da Costa
Rogério Sávio Ma'averu
Rosilia Almeida Silva

MANATUTU

Orijen aldeia Rea-Dodok no Laklubar

1. Aldeia Rea-Dodok

Peskiza ne'e hala'o iha aldeia Rea-Dodok, entrevista ho lia inan, galolen. Iha peskiza ne'e ami hasoru difikuldade barak tanba lia na'in balun ladun hatene istoria atu relata, tanba iha entrevista ne'e sira uza lianguajen estilistiku.

Iha peskiza ne'e ami konsege entrevista duni lia na'in ida ne'ebé konta istoria aldeia Rea-Dodok ho kompletu. Entrevista ne'e lori oras rua, halo gravasaun no tradus ba lian ofisial Tetun no Portugés. Rezultadu ne'e la'os tradusaun literál, maibe tradusaun ideias. Ohin loraun jersaun foun balun la hatene sira-nia istoria tradisionál. Ami hatene istoria ne'e hosi ami-nia abó sira, maski iha eskola nunka rona istoria ida ne'e.

Iha tempu uluk iha knua ne'ebé mak hanaran Ai-Sahe-Buti ne'ebé ema barak hela ba. Iha katuas ida naran Laku Olok, nia iha oan mane ida de'it. Iha loraun ida katuas ne'e ho nia oan mane bá servisu iha to'os. To'o iha loraun manas, nia aman haruka nia oan mane bá kuru bee iha mota. Derrepente nia hasoru tuna ida iha bee laraun no nia oho tiha tuna ne'e, no lori kedas ba nia aman ne'ebé servisu hela iha to'os no konta buat hotu ne'ebé akontese.

Entaun, nia aman haruka nia ko'a tuna ne'e halo pedasuk atu da'an. Maibe iha to'os la iha sanan, nia haruka nia oan bá ta'a au,

halo ba pedasuk ho sentímetru ruanulu no tau na'an musan ruanulu-resin-lima ba au nia laran, no hatuur ba ahi, te'in durante minu tolu-nulu. Ne'e hanhan tradisionál Timór nian ne'ebé hanaran tukir.

Bainhira te'in hela tukir, nia oan rona lian ida sai hosi au nia laran *roto-roto rea nalwe*¹¹⁶. Hahú hosi ne'ebá nia oan bá kedas hasoru nia aman atu hateten akontesimentu ne'e. Maibé nia aman la fiar saida mak nia hato'o. Ho nune'e nia aman tuir kedas bá atu haree akontesimentu ne'e, to'o tiha ne'ebá nia aman rona duni lian ne'e *roto-roto rea nalwe*. Maibé katuas ne'e la fiar nafatin.

To'o ikus, katuas haruka nia oan foti na'an hodi han meiu-dia nian. To'o lokraik, fila fali bá uma, han tukir ne'e hamutuk ho família sira. Iha kalan akontese udan bo'ot hodi hamosu rai monu tuir lian ne'ebé fo sai *roto-roto rea nalwe*. Ema no animál barak hosi area ne'ebá mate hotu, só salva de'it ema ida. Bu'at hirak ne'e mosu kauza hosi oho tuna. Hahú hosi ne'ebá mak aldeia Ai-Sahe-Buti hanaran fali Rea-Dodok ne'ebé to'o ohin loron eziste nafatin iha postu administrativu Lakló munisípiu Manatutu.

Biografia haktuir na'in nian

Istória ne'e konta hosi Sr. Manuel da Silva, nia profísaun agrikultór moris iha aldeia Rea-Dodok, iha loron 15, fulan Setembru, tinan 1936, iha suku Laku-Mesak, postu administrativo Lakló, munisípiu Manatutu. Nia hatutan tan katak istória ne'e rona hosi família sira. Iha istória balun ne'ebé la bele konta tanba koinside istória lulik.

Ai-knanoik rekolla no kakerek hosi:

Fulgêncio de Oliveira Guterres
Joaninha Francisca de Sales da costa

2. Aknanoik kona-bá postu administrativu Laklubar

¹¹⁶ Espresaun hosi lian Galole katak lakleur rai sei dodok

Ai-knanoik tuir mai ne'e orijen hosi postu administrativu Laklubar, munisípiu Manatutu nian. Ai-knanoik ne'e haktuir hosi lia na'in ne'ebé konta hodi lian inan (idate), liu tiha ida ne'e istória ne'e traduz ba lian tetun, no ikus liu tradús ba lian portugés.

Iha tempu uluk liu bá, iha família uma kain rua hela hamutuk, ne'ebé família ida harii hosi Leki Taek ho nia fen Daw Taek. Família ida seluk, harii hosi Lawai Taek ho nia fen Namu Taek. Iha tempu ida, sira la'o hosi sorin loro-monu nian ba sorin loro-sa'e nian, ho objetivu atu hetan ai-han. Bainhira sira to'o iha foho leten ida ne'ebé nakonu ho ai-laran tuan, sira deside hodi hela iha ne'ebá. Leki Taek ho Lawai Taek ema kasadór, sira nia fen hein iha uma hodi prepara ai-han ba sira nia la'en, Leki Taek ho Lawai Taek.

Loro-loron, Leki Taek ho Lawai Taek sai bá kasa hosi dadersán to'o lokraik, na'an ne'ebé Leki Taek ho Lawai Taek hetan ne'e, sira sei han matak de'it tanba iha tempu ne'ebá sira seidauk hatene ahi no bee. Loron ida, Leki Taek Lawai Taek sai bá kasa, husik hela sira-nia feen Daw Taek ho Namu Taek iha baraka hodi prepara hahán kalan nian.

Lalar ida mosu mosu ba sira na'in rua (Daw Taek ho Namu Taek), lalar ne'e kose kidun ba ai-maran ida ne'ebé, bolu ho lian inan (idate) *Latimura'uk* no ahi lakan kedas iha tempu ne'ebá. Daw Taek ho Namu Taek sira hakfodak no tauk bainhira haree akontesimentu májiku ne'e, maibé sira na'in rua foti ai ho ahi ne'e, sira uza hodi te'in hahán. Iha tempu ne'ebá oras lokraik, Leki Taek ho Lawai Taek fila hosi kasa ba uma. Daw Taek Namu Taek oferese ai-han ba sira nia la'en, maibé, Leki Taek ho Lawai Taek sente hakfodak loos wainhira haree ai-han la hanesan uluk. Sira-nia ferik-oan konta hotu bu'at ne'ebé akontese tiha ona ba sira nia la'en, Leki Taek ho Lawai Taek.

Loro-loron Leki Taek ho Lawai Taek hala'o aktividade hanesan bai-bain, bá kasa, sira-nia ferik oan na'in rua buka ai-han seluk. Agora sira bele te'in ona antes atu han tanba ahi iha ona. Iha tempu ne'ebá sira seidauk koñese bee. Asu inan ida sempre hamutuk ho sira, nomós ajuda Leki Taek ho Lawai Taek bá kasa.

Loron ida, asu ba bee-matan ida no fila ba uma, nia isin bokon. Loron ba loron asu ne'e halo hanesan nune'e beibeik. Leki Taek ho

Lawai Taek nomós sira nia ferik-oan deside atu hatene oinsá mak asu nia isin bokon hela de'it. Tan ne'e sira homan katupa, enxe rai-ut ba katupa laran, sira tu'u kuak iha katupa nia okos no tara iha asu nia kakorok. Bainhira asu atu sai, sira na'in haat la'o tuir hosi asu nia kotuk, lao tuir rai-rahun ne'ebé namtate hosi katupa nia kuak, sira to'o besik ba fatuk-kuak ida, sira hare'e asu ne'e hemu hela bee. Depois ida ne'e sira hatene ona katak bu'at ne'ebé habokon asu nia isin mak bee.

Tempu mós la'o ba dadaun, Leki Taek ho Lawai Taek no sira-nia feen sente katak iha ona mudansa iha sira-nia moris, tanba iha tempu ne'e sira hatene ona oinsá uza ahi ho bee, sira-nia tinan mós avansa ba dadaun, sira hela tempu naruk tebes iha foho leten ne'e. Ai-laran iha foho leten ne'e mós hamahon sira ho anin furak. Sira koñese di'ak liután fatin ne'e no sira adapta an di'ak loos ba ambiente ne'e. Sira deside hodi hanaran fatin ne'e, sira hili naran rua, ne'ebé kompostu hosi *Lalar* no ai-maran ho lian (ídaté), katak, *latimura'uk*. Tanba ne'e sira fô naran ba rai ne'e mak Laklubar. Naran Laklubar mai hosi liafuan rua: *latimura'uk* ne'ebé tipu hosi ai sira, no *Ubar* animál ida ne'ebé ho tetun katak lalar. Nune'e, sira hanaran fatin refere naran Laklubar. Ohin loron Laklubar hanesan postu administrativu ida ne'ebé hola parte iha munisípiu Manatutu.

Biografia haktuir na'in nian

Istória ne'e konta hosi lia na'in ida naran Eugénio da Silva Bento, nia iha tinan 50 (lima nulu), hela iha aldeia Naule'en, suku Orlalan, postu administrativu Laklubar, munisípiu Manatutu. Señor Eugénio frekuenta nia estudu to'o 4^o ano. Sr. Eugénio hetan informasaun ne'e hosi lia na'in sira seluk iha tempu reuniaun sira. Nia hanoin istória ne'e atrativu no importante tebes ba ita-nia identidade kulturál. Nia fiar katak, istória ne'e bele konta ba jersaun foun sira.

Ai-knanoik ne'e rekolla no hakerek hosi:

Lino Valério

MANUFAHI

Ai-knanoik Orijen Bubususu

Iha ai-knanoik ida ne'e haktuir hosi Sr. Luis Ximenes, hosi munisípiu Manufahi postu administrativu Fatu-berliu, suku Bubususu, ne'ebé rona hosi abó ida naran Mutin, nia hanesan liurai ho naran jentiu Mai Butin.

Maibé, susar atu hasoru ema ne'ebé hatene istória no aseita hodi halo gravasaun.

Entrevista ida ne'e ho lian laklei ne'ebé presiza semana ida hodi bele realiza tanba Aldeia Orlora lia na'in ne'ebé hela ba dook. Hafoin rona tiha kona-ba istória ida ne'e hakerek ho lian inan rasik mak Laklei. Tuir mai foin halo tradusaun ba tetun no ikusmai hakerek ho lian portugés.

Iha tempu uluk Bubususu naran Latelu, ne'e katak iha ema na'in tolu: Loe-Mauk, Bere Mauk, Leki Mauk. Sira na'in tolu ne'e hanaran inan tolu, aman tolu, ne'ebé sira prepara fatin hodi simu bee-ulun no bee-ain. Bee-ulun iha Turiskai, ne'ebé bee sai mai, no bee-ain iha Alas, ne'ebé bee sulin ba.

Kuandu ema sira hein bee to'o iha Latelu sira hananu:

*Kakuluk Turiskai rin ba Alas
nahe biti ba labis rin ba Alas.*

Emá sira Latelu nahe biti bo'ot hodi simu vizita hosi liurai Leki-Malik hosi Turiskai no Liurai António hosi Alas.

Iha tempu ne'ebé inan tolu, aman tolu sira mak decide, bu'at ne'ebé sira decide ona labele iha tan haksasuk kona-bá ida ne'e. Sira bolu malu feton ho naan de'it, sira decide mós kona-bá animál atu labele oho, hanesan kuda, karau, no bibi.

Iha fatin lulik ida iha Latelu iha ai-horis ida, nia naran ai- bubur mutin, ne'ebé ho susun rua. Iha lora ikusmai hafoin nahe biti bo'ot, ai-horis ne'ebé moris mai ho susun rua forma hanesan fetu nia susun. Entaun avó sira rezolve iha fatin ne'ebá no troka naran Latelu ba Bubususu.

Háfoin vizita rai Bubususu ne'e no mós forma balu tan: Bubususu ukun hosi Loi Mauk, Orlora ukun hosi Bere-Mauk, no Aitua ukun hosi Leki-Mauk.

Liu tiha, Liurai Vikeke halo vizita ba iha Bubususu no gosta fatin ne'ebá. Iha ne'ebá nia hatene di'ak Loi Mauk nia oan fetu, no hakarak atu kaben ho nia.

Momentu ne'ebá nia konsidera katak barlake ne'e mak Loi Mauk la simu. Iha Bubususu bele de'it hala'o serimónia kaben, sira decide hodi la bele hafolin, tanba Liurai sira mak hateten iha fatin ne'ebá. Bainhira sira kaben, mane tenke hela iha fetu nia uma, hamutuk ho fetu nia família. Tanba sira la husu folin liurai ne'e la kaben, entaun liurai fila fali ba Vikeke, Loi Mauk fó kuda ida ba nia hodi fila fali ba.

Biografia haktuir na'in nian

Sr. Luis Ximenes ho tinan 60, nia moris iha Bubususu nu'udar to'os na'in ida, nia rona istória hosi abó Mutin, Nai-Buti.

Ai- knanoik ne'e rekolla no hakerek hosi:

Albino Sarmento
Aventina Bonaparte
Charles Bruno

OEKUSI

Ai-knanoik orijen aldeia Aselo'e no Bee Matan Teun-Lasi

1. Ai-knanoik orijen aldeia Aselo'e

Ai-knanoik ida ne'e hosi aldeia Aselo'e, suku Cunha, postu administrativu Pante-Makasar, munisípiu Oekusi. Ba ida ne'e peskizadór sira hala'o entrevista ho abó ida. Maibé abó ne'e ta'uk utoan atu haktuir istória ida ne'e, tanba istória ne'ebé nia atu konta, akontese duni iha aldeia Aselo'e.

Entrevista hala'o oras rua nia laran, ho lian Baikenu, hafoin tradús ba lian Tetun. Tuir mai tradús fali ba lian portugés.

Maski peskizadór sira hosi duni Oekusi, maibé sira foin hatene hafoin rona istória ne'e.

Iha tempu uluk abó ida moris mesak iha foho ida ho naran Aselo'e. Iha momentu ne'ebá abó ida ne'e hanoin atu serbisu iha knua Aselo'e ne'e, hodi halo to'os, maibé abó ne'e nia forsa laiha atu serbisu iha fatin ne'e. Tan ne'e, avó ne'e hanoin fali:

- Kuandu ha'u la serbisu sé mak atu fó han ba ha'u?

Tanba avó laiha oan, atu serbisu ba nia hodi han, abó ne'e dehan:

- Di'ak liu, ha'u serbisu rasik, maski la iha forsa mós, ha'u serbisu neneik.

Abó ne'e hanoin tan atu serbisu iha knua ne'ebá, maski tetuk, rai maran, no atu ke'e mós labele. Maski nune'e nia hanoin katak di'ak liu kuda batar de'it ona, batar ne'e naran batar-lais¹¹⁷. Abó kuda tiha batar lais ne'e, nia hanoin tan atu serbisu iha to'os ida naran Aselo'e, tanba abó ne'e kuda tiha batar iha knua ne'e. Liu tiha loron haat, abó hahú bá haree to'os iha Aselo'e tanba nia hakarak halo to'os ida tan iha ne'ebá.

Iha momentu ne'ebá, abó to'o iha to'os Aselo'e, nia hakfodak, tan haree to'os ne'e nakonu ho batar ne'ebé moris. Iha ne'ebá abó dehan katak nia seidauk atu mai kuda buat ida iha to'os ida ne'e nia laran, derrepente haree hare (ik ero) moris nakonu. Momentu ne'ebá Abó iha planu atu halai fali ba nia to'os fatin ne'ebé nia kuda batar. Maibé, molok nia fila ba to'os, derrepente (hare ik ero) ne'e nakfila ba feto bonita ida ko'alia ho abó ne'e dehan:

- Loos duni ha'u ne'e la'ós hare, maibé ha'u mós ema hanesan abó.

Abó la hatán buat ida. Bá fali nia to'os knua ne'e, menina ne'e mós bá hamutuk ho katuas iha kotuk, maibé katuas la hetan nia.

Abó to'o ne'ebá nia foin tama odamatan to'os ne'e, derrepente batar lais ne'e nakfila ba mane ida.

Mane ne'e ko'alia dehan ba abó:

- Abó, ha'u mak mundu ne'ebé hale'u imi hotu, tanba ha'u ne'e mane.

Hafoin nia husu tan abó:

- Abó ohin dadeer ita bá iha ne'ebé?

Abó hatán:

- Ha'u bá iha to'os Aselo'e.

Mane ne'e hamnasa no dehan: - ida ne'e mak ha'u husu atu hatene tanba ohin abó mai ne'e ho feto ida, maibé feto ne'e nia hamriik iha li'ur de'it, la tama ba to'os knua.

Derrepente abó dehan:

- Parese ohin nia mai tuir ha'u, maibé ha'u la haree nia.

Mane ne'e dehan ba abó:

- Di'ak liu ha'u bá tuir nia iha to'os Aselo'e.

¹¹⁷ *Pen-sain*, hodi lian baikenu katak batar lais, tan isin lalais, nia fulin ki'lk no hun ladun aas.

Momentu ne'ebé mane ne'e to'o ne'ebá, menina fase roupa hela. Derrepente mane ne'e hakfuik ba nia dala tolu, maibé fetu ne'e la liga, nia finji hela. Fetu ne'e tama fali ba to'os Asele'e no nia husu ba mane ne'e:

- Ita mai iha ne'e atu halo saida?

Mane hatán:

- Ha'u hakarak ó! No hadomi ó, mak ha'u mai iha ne'e.

Ne'e mak sira na'in rua atu forma uma kain ida hodi sira bele moris hamutuk. Atu nune'e sira-nia jersaun moris iha knua Ase lo'e. Iha momentu ne'ebá fatin ne'e seidauk iha ema atu hela ba.

Biografia Haktuir na'in

Lia na'in ne'ebé mak haktuir ai-knanoik ida ne'e naran Fernando Neno, iha tinan 75, to'os na'in. Iha nia knua koñesidu ho naran Tua Neno. Moris no hela iha knua Sona Mnasi.

Ai-knanoik ne'e rekolla no hakerek hosi:

Agustinho Ena
Bendita Toma'e
Julio Naz Obe

2. Bee Matan *Teun-Lasi*

Ai-knanoik ne'e ami hala'o liu hosi entrevista ne'ebé han tempu minutu tolunulu nia laran. Entrevista ne'e akontese iha aldeia Nuahake, Suku Abani, posto administrativo Pasabe, munisípiu Oekusi. Iha peskiza ne'e hala'o entrevista ho lia na'in ida, no lian ne'ebé uza iha entrevista ne'e mak baikenu.

Orijen hosi bee-matan *Teun-Lasi* mai hosi liafuan rua: (*teun* no *lasi*), *teun* katak soru, no *lasi* katak lia.

Iha loron ida, iha fetu ida ho naran Bi Po'u ne'ebé hela iha natar hodi tau matan ba hare. Iha ne'ebá, nia mós lori ho kabas-rahun hodi tii sai kabas ne'ebé uza hodi soru tais. Tanba halo kabas, nia la

hatene katak Manu Lin sira han hela hare. Iha mós manu-aman ida mai hosi bee-matan ne'ebé besik Bi Po'u nia natar, ne'ebé loron-loron mai estraga Bi Po'u nia hare. Iha loron ida manu-aman ne'e nakfilak an ba mane ida mak oin at teb-tebes, no mane ne'e nia naran Tijaku.

Bainhira Bi Po'u kuru bee iha bee-matan ne'e, Tijaku hahú goza nia hodi dehan:

- Ó bonita hanesan prinseza ida, se hakarak, kaben ho ha'u.

Bainhira Bi Po'u hateke ba Tijaku, nia oin at loos, tanba ne'e, Bi Po'u fila kotuk ba nia hodi dehan:

- Ha'u lakohi kaben ho ó tanba ó nia oin at, la iha ida mak furak hosi ó.

Iha ne'ebá Bi Po'u fila lori bee ba natar.

Iha loron tuir mai Tijaku nakfilak an ba mane ne'ebé oin kapás teb-tebes, iha ne'ebá Tijaku ba iha bee ninin hodi hein Bi Po'u. Bainhira Bi Po'u bá to iha bee-matan atu kuru bee, Tijaku kontinua goza nia.

Iha ne'ebá Bi Po'u lakohi atu haree tan ba Tijaku no nia hatan ba Tijaku nune'e:

- Ha'u dehan tiha ona, katak ha'u lakoi ó!

Maibé bainhira nia hateke ba Tijaku, Bi Po'u hakfodak tanba ema ne'ebé book nia ne'e bonitu la hanesan ho ida dahuluk. Iha momentu ne'ebá Tijaku fila hodi dehan ba Bi Po'u:

- Se hakarak, kaben ho ha'u!

Iha ne'ebá Bi Po'u sente kontente tebes bainhira Tijaku husu nia atu kaben. Bi Po'u hatán ba nia hodi dehan:

- Sin, ha'u hakarak kaben ho ó, maibé hein to'o ha'u nia aman mai, atu nune'e ó bele ko'alia no husu lisensa ba ha'u-nia aman, se lae orsida ha'u-nia aman mai, nia bele buka ha'u.

- Iha ne'ebá Tijaku hatán ba Bi Po'u nune'e: la bele preokupa tanba ha'u sei ko'alia ho ó-nia aman. Agora tuir ha'u mai.

Iha ne'ebá Bi Po'u hatán Tijaku atu lori nia ba bee-matan laran. Antes sira na'in rua atu bá bee-matan, Bi Po'u foti kabas ne'ebé nia bobar, nia kesi iha barraka ne'bé besik, no dada ba bee-matan, to'o sira na'in rua lakon iha bee-matan ne'e.

Iha lokraik, bainhira Bi Po'u nia aman mai to'o iha natar, Bi Po'u la iha tiha ona. Nia haree de'it mak kabas ne'ebé Bi Po'u kesi ne'e, iha ne'ebá, nia la'o tuir kabas ne'e to'o iha bee-matan.

Bainhira to'o iha bee-matan ne'e, derrepente mosu mai mane ida, mane ne'e mak Tijaku. Tijaku husu ba Bi Po'u nia aman hodi dehan:

- Ita halo saida iha ne'e?

Bi Po'u nia aman hatán ba nia katak:

- Ha'u buka ha'u-nia oan feto ne'ebé lakon iha natar.

Entaun Tijaku konvida Bi Po'u nia aman atu tuir nia, iha ne'ebá sira na'in rua tama bá bee matan ne'e.

Iha bee-matan ne'e nia laran Bi Po'u nia aman hakfodak, bainhira haree uma mesak furak de'it, iha uma hirak ne'e nia haree hetan nia oan feto ne'ebé hatais roupa hanesan loos prinseza ida. Maibé sira na'in rua la hasoru malu diretamente.

Iha ne'ebá tijaku komesa ko'alia ho Bi Po'u nia pai katak nia hakarak atu kaben ho Bi Po'u. nia aman konkorda no sira nain rua nia kazamentu la'o ho dia'k. Tijaku hafolin Bi Po'u ho morteen no karau.

No Tijaku ko'alia ba Bi Po'u nia aman hodi dehan:

- Bainhira apá fila ba uma, foti rai henek mota no fakar hela iha odamatan oin.

Hafoin sira na'in rua kaben, Bi Po'u nia aman fila ba nia uma. Iha kalan, nia foti rai-henek no tau iha odamatan oin. Iha dadersán, bainhira Bi Po'u nia aman hadeer, nia haree rai-henek sira nakfilak an hotu ba morteen.

Ho akontesimentu ida ne'e, mak to'o ohin loron postu administrativu Pasabe riku ho morteen. Bi Po'u ho Tijaku nia kazamentu la'o ho di'ak, la iha problema ruma mak mosu tanba ne'e bee-matan ne'ebé Tijaku ho Bi Po'u moris ba hanaran Teun- lasi, katak lia loos.

Biografia haktuir na'in nian

Ai-knanoik ida ne'e haktuir hosi Sr Yasintus Kolo, ne'ebé moris iha suku Abani, postu administrativu Pasabe, iha loron 02 novembru 1969. Ai-knanoik ne'e nia bain-bain konta ba nia oan sira. Entre pesquizadores sira inklui mós sr Yasintus Kolo nia oan ida.

Ai-knanoik ne'e rekolla no hakerek hosi:

Augustinho Silveiro

Maria Joana de Fátima Kolo
Sandrina Fátima Viana

VIKEKE

Ai-knanoik orijen Uatu-Karbau no orijen Aldeia Kaen-Lulik

1. Ai-knanoik hosi munisípiu Uatu-Karbau

Ai-knanoik hosi munisípiu Uatu-Karbau nian. Ami rekolla hosi lia na'in fetu na'in rua, maibé sira hela iha Díli. Lian ne'ebé mak uza hodi halo entrevista mak Tetun ho Nautí.

Ami entrevista uluk lia na'in fetu ida, maibé tanba nia haluhan no lakonsege konta istória ne'e to nia rohan, entaun ami deside atu entrevista fila-fali lia na'in fetu ida seluk.

Ai-knanoik tuir mai ne'e kona-ba ai-knanoik hosi postu adiministrativu Uatu-Karbau nian.

Iha tempu uluk ba, maun alin na'in rua moris iha aldeia ida, ida maun, naran To Luku, no nia alin naran Manu Li. Sira kuda batar, ai-farina ho fehuk besik iha mota boot ida nia ninin.

Bainhira to'o tempu atu sau batar, maun-alin na'in rua ne'e dehan ba malu atu tunu batar iha to'os laran no haan de'it iha ne'ebá.

Bainhira sira sei prepara hela batar atu tunu, teki-tekir anin hahú bo'ot. Neneik-neneik rai hahú nakdoko maka'as to'o hafaha mós rai ne'ebé mak iha mota nia laran, no bee ne'ebé suli iha mota laran mós hahú maran.

Maun alin na'in rua ne'e sente ta'uk tebtibes tanba sira na'in rua rona mós lian ida ne'ebé mai hosi mota nia okos hanesan fali karau jigante ida mak atu sai mai rai.

To Luku hatene katak nia alin Manu Li ta'uk tebes tanba rai hetok nakdoko liutan, tanba ne'e To Luku dehan ba Manu Li atu ba haree saida mak mosu iha mota laran ne'ebá.

Bainhira sira rua bá haree saida mak mosu, sira haree katak bee ne'ebé mak moris iha mota nia laran komesa maran ba dadaun no rai mós komesa nakfera no hafahe an ho neneik. Bainhira bee maran tiha sira rua haree mós karau nia dikur rua hahú sai hosi rai ne'ebé mak nakfera ne'e.

Bainhira haree tiha buat sira ne'e, To Luku dehan:

- Karik karau jigante ne'e mak sai duni mai, entaun bee sei sa'e maka'as no sei halo mo'ut hotu uma no ema sira.

Entaun Manu Li hatán:

- Se nune'e ita sei mate hotu, ita tenke halo bu'at ruma atu ita bele salva ita-nia an.

Sira rua rezolve atu foti fatuk bo'ot ida hodi hanehan ba karau nia dikur rua ne'ebé mak foin sai hosi rai ne'e.

Bainhira sira hanehan tiha fatuk ba karau nia dikur rua ne'e, ho neneik karau nia dikur rua ne'e hahú tun fali ba mota nia okos, no rai nakdoko mós ho neneik hahú para. Rai sira ne'ebé mak hafahe-an mós hahú tomak fila-fali no bee hahú moris no suli hakonu fali iha mota laran.

Iha ne'e kedas, maun alin na'in rua ne'e hanaran rai ne'e Uatu-Karbau tanba mai hosi fatuk no karau nia dikur.

Biografia haktuir na'in nian

Ai-knanoik ida ne'e haktuir hosi lia na'in feto na'in rua. Lia na'in ida uluk naran Bui Noko, tinan 70, moris iha 17 Abril 1944 iha aldeia Loe-Ulu, suku Haudere, posto administrativo Uatu-Karbau munisípiu Vikeke. Nia nu'udar to'os-na'in ida. Lia na'in ida seluk, Bui Noko nia oan-feto naran Aurea da Silva, tinan 39, moris iha fatin ne'ebé hanesan ho nia inan, moris iha 20 Outubru 1976, nia la servisu (iha uma de'it)

Sira na'in rua hatutan katak ai-knanoik ne'e konta hosi sira-nia avó mane, sira rona ai-knanoik ne'e bainhira to'o tempu atu sau

batar mak sira nia avó haktuir ba sira. Sira mós hakfodak bainhira rona ai-knanoik ne'e.

Ai-knanoik ne'e rekolla no hakerek hosi:

Ângela da Costa
Fernalízia Celina L. Ximenes
Novinda da Silva Fernandes

2. Orijen aldeia Kaen-Lulik

Ai-knanoik ne'e rona iha suku Karau-Balu, postu administrativu Vikeke, munisípiu Vikeke.

Durante peskiza, lian sira ne'ebé mak uza hodi halo entrevista mak, tetun-prasa ho tetun-terik, tanba katuas ne'ebé mak ami halo entrevista ba, la hatene ko'alia tetun-prasa no peskizadór sira mós la iha ida mak hatene ko'alia tetun-terik. Tanba ne'e, ami presiza tradutór ida ne'ebé mak hatene ko'alia tetun-prasa ho tetun-terik, atu bele fasilita ami-nia komunikasaun.

Iha peskiza ida ne'e, ami konsege entrevista ema na'in rua. Iha entrevista ida uluk, katuas ne'e konsege haktuir ai-knanoik durante oras rua nia laran, no ami rona ho atensaun atu bele aponta iha kadernu no halo gravasaun.

Iha peskiza ne'e peskizadór sira husu atu hasai fotografia, maibé haktuir-na'in sira dehan labele hasai foto ba sasán ne'ebé tau iha uma lulik nia laran tanba konsidera hanesan sasán lulik.

Peskizadór sira barak foin konēse istória ida ne'e, hafoin hala'o peskiza maski hotu-hotu mai hosi munisípiu ne'e.

Iha tempu uluk, iha Reinu Luka, bainhira hare komesa tasak iha natar, ema Luka rai-na'in sira bá hein manu. Sira dada lalikit hare bee ho tali ne'ebé barak no rebo-rebo, atu nune'e manu labele bá han hare ne'ebé tasak ona.

Sou Rai, mane ida ne'ebé mak iha oan barak, nia ho oan sira halo “*lalikit* hareu we” tara iha tali osan mean iha tinan-tinan.

Entaun ema Luka rai na'in sira sente la gosta kedas ho beiala Sou Rai no nia oan sira.

Iha tinan tuir mai, liurai Luka ho nia ema sira halo planu ida atu oho tiha beiala Sou Rai no duni sai tiha nia ho nia oan sira hosi fatin ne'ebá.

Nune'e bainhira to'o oras atu ko'a hare, liurai Luka ho nia ema sira konvida Sou Rai ho nia oan sira atu halibur malu hamutuk bá sama hare, liurai Luka nian. Iha ne'ebá sira hahú ona halo planu ida atu tau venenu ba tua hodi fó ba beiala Sou Rai hemu. Hafoin hemu hotu tiha tua ne'e, Sou Rai hahú sente oin halai, entaun nia decide atu fila ba uma ho nia oan sira. To'o iha uma Sou Rai mate kedas.

Entaun Sou Rai nia oan sira mós halo ona planu ida atu baku liurai Luka tenke mate. Maibé Sou Rai nia oan sira nia planu ida atu baku liurai ne'e la realiza. Entaun sira halo fali planu ida hodi hatuur Sou Rai nia isin-mate iha kadeira ida nia leten, dulas tiha batar nia kulit halo hanesan sigarru, tau iha nia ibun no sunu lakan tiha nia tutun hodi hatuur iha uma laran hodi hatudu katak Sou Rai seidak mate.

Iha kalan ida, Sou Rai nia oan sira konvida ona liurai Luka ho nia reinu sira atu bá asisti fali prosesu sama hare ne'ebé sira halo. Iha ne'ebá liurai luka nia reinu sira aproveita oportunidade ida ne'e, hodi hafuhu hosi janela atu hatene loos beiala Sou Rai ne'e mate duni ka lae. Bainhira sira haree ba, beiala Sou Rai tuur iha kadeira, fuma hela sigarru, haree tiha ida ne'e liurai Luka nia ema sira hakfodak tanba venenu ne'ebé sira fó ba nia hemu maibé nia la mate. Entaun Sira ba fó hatene kedas ba liurai Luka katak Sou Rai seidak mate.

Rona tiha ida ne'e liurai Luka hirus loos, entaun nia haruka nia reinu sira kahur fila fali venenu ne'e ho tua, atu nia hemu koko. Nia reinu sira mós halo tuir de'it. Bainhira liurai hemu koko venenu ne'e, nia mate kedas. Iha momentu ne'ebá liurai Luka nia ema sira hakfodak no hirus teb-tebes tanba venenu ne'ebé sira fó ba beiala Sou Rai hemu, maibé nia la mate.

Tuir mai, liurai Luka nia reinu bá kedas fó hatene Sou Rai nia oan-sira katak liurai Luka mate tiha ona horikalan. No hosi beiala Sou Rai nia oan-sira mós hatán katak:

-Ami nia aman mós mate horikalan.

Iha ne'ebá reinu Luka hahú tau hirus ba Sou Rai nia oan-sira tanba sira deskonfia katak Sou Rai nia oan sira halo hela trama ida, maibé sira la hatene. Entaun oan hosi mate na'in rua ne'e deside atu hadeer hamutuk de'it mate isin rua ne'e to'o hakoi.

Bainhira sira hadeer mate isin rua ne'e, liurai Luka nia reinu sira sente katak sira na'in rua ne'e mate hanesan, maibé mate isin Sou Rai nia is ona, enkuantu mate isin hosi liurai Luka seidauk is. Liu hosi mate isin nia is, reinu Luka hahú deskonfia ona katak Sou Rai nia bei-oan sira ne'e bosokteen, tanba sira dehan katak sira na'in rua mate hanesan.

Bainhira hakoi tiha mate isin rua ne'e, reinu Luka hahú halo provokasaun ho Sou Rai nia bei-oan sira no istori malu hodi tesi kotu tiha ba rua lilikit hare bee ho osan mean hosi liurai Sou Rai nia oan sira nian. Lalikit ne'e nia rohan ida hela iha Luka no nia rohan ida hela ba Sou Rai nia oan sira.

No Sou Rai nia oan sira komesa hananu ona knanuk tuir mai:

*Lalikit hareu we
mori ta'a kotu
ta'a kotu imi let
ami let ona.*

Hakoi mate liu tiha loron ida, reinu Luka hasai kedas beiala Sou Rai nia oan sira hosi fatin ne'ebá. Rubi Sou, oan hosi Sou Rai ho nia maun alin sira sai kedas hosi ne'ebá. Bainhira sira sai hosi ne'ebá, sira bá fali hela iha We-Klobor iha rai We-Tali. Iha ne'ebá sira komesa halo to'os iha tempu naruk nia laran maibé iha fatin ne'ebá buka bee arraska teb-tebes. Bainhira sira presiza atu hodi te'in, hemu no hariis sira tenke ba kuru bee iha mota Dilór no mota Kuha. Durante tinan ba tinan sira la'o hela de'it nune'e.

Iha momentu ne'ebá sira mós haki'ak asu mutin ida. Iha loron ida, rai manas loos, entaun asu ne'e bá buka bee atu hemu no hariis. Bainhira asu ne'e fila fali ba uma nia bokon loos, sira komesa hanoin ona, bee ne'e dala ruma besik hela iha ne'e. Entaun sira deside homan katupa hodi enxé ahu-kudesan ba katupa mamuk ne'e no tara ba asu nia kakorok.

Iha lokraik ida, sira hafuhu tuir asu ne'e atu hodi hatene, asu ne'e bá hemu bee iha ne'ebé. Iha momentu ne'ebá sira la'o tuir de'it

ahi-kudesan ne'e, to'o iha fatin ne'ebé asu bá hariis ba. Nune'e tinan ba tinan, sira ba kuru de'it bee iha mota We-Klobor hodi te'in, hemu no hariis.

Iha fali loron ida, sira nia alin feto ikun ba mesak kuru bee, iha bee-matan ne'e, nia hetan tuna ida iha hela bee-matan ne'e nia laran no halo merak tiha bee. Iku Sou hahú hamoos ona bee-matan ne'e, maibé tuna ne'e halo merak nafatin. Nia fila ba uma tarde loos, halo nia maun sira la hakmatek no hirus loos. Nia maun sira komesa ona husu ba sira-nia alin-ikun:

- Tansá mak ó mai tarde loos hanesan ne'e?

Nia hatán ba sira dehan:

-Tanba tuna ida iha netik bee-matan ne'e nia laran no hamerak bei-beik bee-matan ne'e mak halo ha'u hamoos kleur loos. Maibé, bee ne'e ha'u kuru merak nafatin. Loro-loron sempre hanesan ne'e nafatin de'it, halo nia maun sira hirus hela de'it nia.

Iha loron ida, Iku Sou ho nia maun sira la'o hamutuk ba kuru bee, to'o iha ne'ebá, sira kaer tiha tuna ne'e no lori mai uma tukir tiha.

Lakleur nia maun sira bá hotu fila rai no hela nia mesak mak tukir tuna ne'e. Lakleur na'an tuna ne'e nakali iha au laran no dehan ba nia nune'e:

Kroto-kroto-kroto

Orsida lokraik ita rua tuna

Ita rua na'an

Na'an tukir ne'e nakali sempre dehan nune'e. Bainhira haree tiha ida ne'e nia komesa ta'uk, no halai ba fó hatene nia maun sira iha to'os laran, maibé bainhira sira to'o iha ne'ebá nia maun sira la rona bu'at ne'ebé sira-nia alin Ikun Sou dehan. No sira komesa hanoin dala ruma sira-nia alin bosok de'it, entaun sira decide atu fila fali ba fila rai iha to'os.

Iku Sou kontinua tunu nafatin na'an tukir ne'e no nia rona fila fali bu'at ne'ebé mak ohin na'an tukir ne'e dehan ba nia. Entaun nia komesa ta'uk no triste tebe-tebes. Iha oras meiu-dia, bainhira nia maun sira fila ba uma atu han, na'an tukir ne'e tunu mós tasak ona, entaun, sira hotu hamutuk han na'an ne'e.

Bainhira han hotu, Iku Sou nia maun sira, bá fali, fila rai iha to'os, to'o lokraik mak sira foin fila fali ba uma. To'o iha uma sira deskansa tiha uitoan, Iku Sou ho nia maun sira bá kedas hariis iha mota We-Klobor. To'o iha mota, sira hotu hahú kolu rounpa. Hafoin Kolu rounpa hotu Iku Sou monu kedas ba bee laran, no halo nia liman ain muda an tiha ba tuna no hela de'it nia ulun mak ko'alia ho nia maun sira dehan:

- Ohin ha'u dehan saida ba imi, maibé imi la fiar saida mak ha'u dehan ba imi. Agora realidade hatudu ona ba imi.

Nia mós hameno tan dehan:

- Imi bá ona buka fós mean, fahi mean, lori mai hamutuk hodi ita haan fahe malu. Imi moris iha rai leten habelar hela ba rai klaran katak ha'u moris iha bee laran, hanesan tuna, atu nune'e bei-oan lubuk oan sei la han tan tuna.

Nune'e nia maun alin sira mós fila ona ba uma hodi buka fós mean, fahi mean no sira lori hamutuk ba iha bee-matan We-Klobor atu tukir no te'in iha ne'ebá. To'o iha ne'ebá sira bá fali tesi *ai-kdonu* hodi halo aidoran, ku'u *kwifia kaloraek* tahan hodi hemu bee no hola *hudi dulan mean* nahe ba sira nia alin Iku Sou hodi han iha fatuk belar ida nia leten.

Iha oras sira han hamutuk Iku Sou dehan ba sira nune'e:

- Han ida ne'e, han ikus liu ona ba ita na'in hira hodi fahe malu ona, imi kala moris iha rai leten, maibé keta haluha ba imi-nia bei-oan lubuk oan sira sei la han tan ona tuna, la sunu ai-kdonu hodi te'in, la han kwifia koloraik nia isin, la han hudi dulan nia fuan. Bainhira imi han, imi sei kanek, moras no sei mate.

Bainhira nia ko'alia hotu tiha nia hananu tan knanuk ida dehan:

– *We-Klobor dadula an*

Sei rai rahu

Sei titik tolun

Sei rai rahun.

Ohin loron We-Klobor

Sei dadula an

Ita tuur fahe

*Rai ba malu*¹¹⁸.

¹¹⁸ Haree nota iha versaun portugés.

Nia ko'alia hotu tiha, nia baku nia ulun ba fatuk belar ne'ebé nia han ba, nia ulun fila an kedas ba tuna.

Nia maun sira mós fila ona ba uma, sira fahe malu kedas balun bá loro sa'e, balun ba loro monu, balun bá tasi feto no balun ba tasi mane.

Rubi Sou mai loro sa'e hetan uma Bein Mamulak. Iha ne'ebá ema uma Bein bolu netik nia hela iha Mamulak. Hela iha ne'ebá lakleur ema haruka nia atu kaben ho sira inan no sira-nia feton Dasi-Lerak atu sai nia feen. Depois de kazamentu Dasi-Lerak nia na'an, aman sira haruka sira na'in rua nia la'en ba hela netik iha sira-nia uma fatin. Iha ne'ebá sira na'in rua ko'us oan rua: ida naran Funu Rubik, tuur nafatin iha uma fatin bali mamulik mean no korenti mean, no ida fali alin ikun Naha Rubik, haruka bá tuur iha karau Inuk no kuda Inuk, iha rai Kaen-Lulik. Nia inan aman mós fô ho sasán ne'ebé uluk bá bali kfoli sakalai ne'ebé ubulai Iku Sou uza ba hariis no nia fila aan tiha ba tuna no surik lulik ne'ebé to'o ohin loron sei nafatin.

Iha momentu ne'ebá Funu Rubik ho Naha Rubik lori fali sira-nia bei-oan sira ba hela fali iha rai Baria Laran, ne'ebé ohin loron ema hanaran Mane Klaran. Nune'e mak mosu rai Kaen-Lulik.

Biografia haktuir na'in nian

Istória ne'e konta hosi katuas ida naran Leki Rubi, bei-oan hosi personajen prinsipál, Sou Rai. Moris iha Vikeke, loron 7 fulan dezembru tinan 1959. Nia servisu hanesan to'os-na'in, kaben na'in no iha oan hitu.

Nia mós hatutan tan katak, nia rona istória ida ne'e hosi nia avó sira, nia sente kontente bainhira fila fali konta istória ida ne'e tanba nia hakarak atu sira-nia istória ida ne'e bele sai koñesidu liután no ema barak bele hatene sira-nia istória.

Ai-knanoik ne'e rekolla no hakerek hosi:

Agustinha Lopes Amaral
Cristina Soares
Ermelinda Ribeiro
Getrudes Martalina da Costa

Juliana Saldanha
Lusia Fernandes
Marcos da Cruz



ISBN 978-989-8915-03-0

9 789898 915030 >